



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO, MESTRADO EM LETRAS**



CRISTIAN PAULA SANTANA

**O CARIBE NEGRO NOS POEMAS DE NANCY MOREJÓN: UM OLHAR
PARA CUBA**

DOURADOS-MS

2019



CRISTIAN PAULA SANTANA

O CARIBE NEGRO NOS POEMAS DE NANCY MOREJÓN:
UM OLHAR PARA CUBA

Dissertação, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

Dourados – MS, 30 de abril de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Dr. Leoné Astride Barzotto
Universidade Federal da Grande Dourados
Programa de Pós-Graduação em Letras
Presidente

Dr. Paulo Henrique Pressotto
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Membro Titular Externo

Dr. Dejar Dionísio
Universidade Federal da Grande Dourados
Programa de Pós-Graduação em Letras
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
Membro Titular

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

S232c Santana, Cristian Paula

O CARIBE NEGRO NOS POEMAS DE NANCY
MOREJÓN: UM OLHAR PARA CUBA

[recurso eletrônico] / Cristian Paula Santana. -- 2019.

Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Dra. Leoné Astride Barzotto .

Dissertação (Mestrado em Letras)-Universidade Federal da
Grande Dourados, 2019. Disponível no Repositório

Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Identidade. 2. Nancy Morei3n. 3. Negritude. I. Barzotto.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com
os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde
que citada a fonte.

*Aos que lutam diariamente pelo direito de sonhar e
que, assim como eu, acreditam em um mundo
melhor.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à Deus por ter me concedido forças e sabedoria para até aqui chegar, por me sustentar nas horas de aflição e me confortar nas horas de angústia.

Agradeço aos meus pais Josimar e Rosa pelo imenso apoio, ajuda, conselhos e carinho a mim concedidos. Às minhas irmãs Patrícia e Cristhia Kelle e ao meu irmão Abner pela compreensão e paciência.

Agradeço à Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) pela honrosa oportunidade de fazer parte de seu corpo discente de pós-graduandos e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de estudos que proporcionou a mim dedicação exclusiva ao mestrado.

Agradeço também à minha orientadora, Prof^ª. Dra. Leoné Astride Barzotto, pelo incentivo desta pesquisa e por partilhar de seus conhecimentos que muito me enriqueceram.

Enfim, agradeço a todos os que passaram por minha vida e que de alguma forma contribuíram para a construção do que sou hoje.

*Qué me dirá?
Por qué vivo en la morada ideal para un
murciélago?
Por qué le sirvo?
Adonde va en su espléndido coche
tirado por caballos más felices que yo?
Mi amor es como la maleza que cubre la dotación,
única posesión enexpugnable mía.*

Maldigo

*esta bata de muselina que me ha impuesto;
estos encajes vanos que despiadado me endilgó;
estos quehaceres para mí en el atardecer sin
girasoles;
esta lengua abigarradamente hostil que no mastico;
estos senos de piedra que no pueden siquiera
amamantarlo;
este vientre rajado por su látigo inmemorial;
este maldito corazón.*

*Amo a mi amo pero todas las noches,
cuando atravieso la vereda florida hacia el
cañaveral
donde a hurtadillas hemos hechos el amor,
me veo cuchillo en mano, desollándole como a una
res
sin culpa.*

*Ensordecadores toques de tambor ya no me dejan
oír ni sus quebrantos, ni sus quejas.*

*Las campanas me llaman... (Poema "Amo a mi
amo", Morejón, 2001, p. 146-150)*

*Então, se abrirão os olhos dos cegos, e se
desimpedirão os ouvidos dos surdos; os coxos
saltarão como cervos, e a língua dos mudos
cantará; porque águas arrebentarão no deserto e
ribeiros no ermo. E a terra seca se tornará em
lagos, e a terra sedenta em mananciais de águas...*

Isaías 35: 5-7

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	13
I- O CENÁRIO LATINO-AMERICANO.....	14
1.1 Processos coloniais nas Américas.....	23
1.2 Diáspora negra caribenha.....	33
1.3 A singularidade cubana.....	40
CAPÍTULO II.....	46
II- MOVIMENTO DA NEGRITUDE.....	47
2.1 Aimé Césaire e seu ideal utópico	55
2.2 Declínio inevitável: a perspectiva senghoriana.....	66
2.3 Percepções atuais do Movimento da Negritude- Novas Negritudes.....	74
CAPÍTULO III.....	81
III- A POESIA COMO EMBATE SOCIAL.....	82
3.1 As identidades da mulher negra.....	89
3.2 Colonialidade do poder e o pensamento liminar.....	99
3.3 Descolonização das mentes.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS.....	117

RESUMO

SANTANA, Cristian Paula. **O caribe negro nos poemas de Nancy Morejón: um olhar para Cuba.** 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Literatura e Práticas Culturais) - Programa de Pós- Graduação em Letras, UFGD, Dourados-MS.

Poeta, tradutora e ensaísta, Nancy Morejón nasceu em Havana, Cuba, no dia 07 de agosto de 1944. Publicou, em 1962, seu primeiro livro de poemas intitulado *Mutismo*. Formou-se em Licenciatura e Língua Francesa na Universidade de Havana, sua pesquisa de doutorado abordou a obra do poeta martinicano Aimé Césaire. Nancy Morejón enriquece a corrente da chamada poesia negra, mas também explora temas sobre o cotidiano, o processo de revolução cubana, a condição feminina, entre outros assuntos pertinentes ao seu contexto sociocultural. Esta pesquisa tem por intuito discutir a obra desta autora que, mais do que poeta, torna-se uma revitalizadora do Movimento da Negritude, trazendo um novo despertar para as mentes adormecidas. Assim, busco refletir sobre a construção das identidades culturais negras através dos poemas de Nancy Morejón, com enfoque maior na identidade da mulher negra caribenha. Para além das identidades, proponho uma leitura desses poemas à luz do Movimento da Negritude e de sua atualização na contemporaneidade, buscando elementos que justifiquem essa perceptível atualização do Movimento. O interesse em desenvolver esse trabalho surge como uma necessidade de visibilidade às questões marginais na academia, ponderando sobre quais os espaços ocupados por negras e negros na sociedade, bem como relacionar essas questões com o próprio Movimento da Negritude no passado e sua nova condição atual. Também veremos como Nancy dá visibilidade aos cubanos silenciados por meio de seus poemas, além de considerar a busca da identidade nacional cubana e caribenha de maneira lírica. Conjuntamente exploraremos nos poemas as especificidades da América Latina e do Caribe como regiões onde residem todas as raças do mundo e como isso contribui para a construção da identidade latino-americana e caribenha. Para a composição dessa pesquisa, buscamos diálogos interpretativos entre os poemas de Nancy Morejón com teóricos, como Aimé Césaire com as obras *Discurso sobre a Negritude* (2010), *Discurso sobre o colonialismo* (1978) e *Cahier d'un retour au pays natal/ Diário de um retorno ao país natal* (2012) e Zilá Bernd com o livro *O que é Negritude* (1988) para tecer reflexões sobre as questões específicas da mulher negra e do Movimento da Negritude. Já a questão da identidade será pautada nos teóricos Stuart Hall (2011) com a obra *A identidade cultural na pós-modernidade* e Frantz Fanon (2008) com *Pele negra, máscaras brancas*. Também nos ampararemos nos teóricos Emir Sader, Aníbal Quijano e Walter Dignolo que discutem questões latino-americanas pela perspectiva da margem. Com este estudo, buscamos ajudar na consolidação da linha de pesquisa em estudos identitários, colaborando assim para as discussões e a consolidação dos estudos pós-coloniais.

Palavras-chave: Identidade. Nancy Morejón. Negritude.

ABSTRACT

SANTANA, Cristian Paula. **O caribe negro nos poemas de Nancy Morejón: um olhar para Cuba.** 2019. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras - Literatura e Práticas Culturais) - Programa de Pós- Graduação em Letras, UFGD, Dourados-MS.

Poet, translator and essayist, Nancy Morejón was born in Havana, Cuba, on August 7, 1944. She published her first book of poems entitled *Mutismo* in 1962. Graduated in Licentiate and French Language at the University of Havana, his doctoral research approached the work of the martini poet Aimé Césaire. Nancy Morejón enriches the current of so-called black poetry, but also explores themes about daily life, the process of Cuban revolution, the feminine condition, among other subjects pertinent to her socio-cultural context. This research aims to discuss the work of this author who, more than a poet, becomes a revitalizer of the Movement of Negritude, bringing a new awakening to sleeping minds. Thus, I seek to reflect about the construction of black cultural identities through the poems of Nancy Morejón, with a greater focus on the Caribbean woman. Beyond to identities, I propose a reading of these poems in the light of the Negritude Movement and its updating in contemporary times, seeking elements that justify this perceptible updating of the Movement. The interest in developing this work arises as a need for visibility to the marginal issues in the academy, pondering about what spaces occupied by blacks men and blacks women in society, as well as relate these issues to the Negritude Movement itself in the past and its new present condition. We will also see how Nancy gives visibility to the silenced Cubans through their poems, in addition to considering the search for Cuban and Caribbean national identity in a lyrical way. Together we will explore in the poems the specificities of Latin America and the Caribbean as regions where all the races of the world reside and how this contributes to the construction of the Latin American and Caribbean identity. For the composition of this research, we sought interpretive dialogues between Nancy Morejón's poems with theoreticians such as Aimé Césaire with the works *Discurso sobre a Negritude* (2010), *Discurso sobre o colonialismo* (1978) and *Cahier d'un retour au pays natal/ Diário de um retorno ao país natal* and Zilá Bernd with the book *O que é Negritude* (1988) to weave reflections about the specific issues of black woman and the Movement of Negritude. Already the question of identity will be based on the theorists Stuart Hall (2011) with the work *A identidade cultural na pós-modernidade* and Frantz Fanon (2008) with *Pele negra, máscaras brancas*. We will also rely on the theorists Emir Sader, Aníbal Quijano and Walter Mignolo who discuss Latin American issues from the margin perspective. With this study we seek to help consolidate the line of research in identity studies, thus contributing to the discussions and consolidation of postcolonial studies.

Key-words: Identity. Nancy Morejón. Blackness.

INTRODUÇÃO

Esta dissertação surge como resultado de uma transformação pessoal e ao mesmo tempo universal. Pessoal pelo meu próprio despertar ante a cultura, o saber e a mente dominada por estereótipos europeus e norte-americanos. Universal pela mudança social, cultural, política e principalmente epistemológica em andamento nos dias atuais em todo o globo. Ela também é produto de esforços anteriores, já que durante a graduação realizei pesquisa de Iniciação Científica intitulada *As identidades culturais moçambicanas na obra “O fio das Missangas”, de Mia Couto* sob orientação da professora doutora Ana Cláudia Duarte Mendes na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), o que me proporcionou um primeiro despertar ante a realidade.

Pensar o Movimento da Negritude é pensar o direito das “minorias”¹ nos campos cultural, identitário, epistemológico, político e social. Mas onde esse movimento de resistência político-cultural ganha força e espaço nos dias atuais? Zilá Bernd (1988, p. 50) nos responde:

Atualmente, é sem dúvida o *discurso literário* o espaço privilegiado da restauração da identidade, da reapropriação de territórios culturais perdidos. O fio condutor dessa literatura parece ser o desejo de reviver, nos dias de hoje, o espírito quilombola. Sentindo-se como o guia, o condutor de seu grupo, o poeta busca recuperar a rebeldia e os ideais de liberdade que outrora guiaram seus antepassados para os quilombos.

Uma das maiores expressões de resistência negra é justamente na literatura, em especial no discurso que se denomina Literatura pós-colonial, que se propõe a dar visibilidade às manifestações culturais, políticas e literárias dos indivíduos que se encontram na margem da sociedade.

Por sua vez, a teoria e a crítica pós-colonial se ocupam de estudar as relações e produções resultantes dos contatos entre colonizador e colonizado, seja no passado ou no presente histórico, estudar a relação existente entre discurso e poder.

Zilá Bernd, no trecho acima citado, compara a literatura com o espírito quilombola, como se fosse ela quem trouxesse o meio de escape aos escravizados socialmente e principalmente aos prisioneiros mentais.

Para a composição desta dissertação, optei por utilizar o termo escravizado ao invés de escravo, já que o segundo termo supõe uma condição nata, porém sabemos que

¹ O termo *Minoria* aqui é utilizado para designar os marginalizados socialmente, como por exem negros e mulheres, que obviamente, não são minorias em termos quantitativos.

ninguém nasce escravo. Todos os seres humanos nascem livres, porém processos como a escravidão os transformam em escravizados.

Um elemento bastante importante para essa dissertação é o lugar de fala. Aliás, é o lugar de fala algo imprescindível para a compreensão do Movimento da Negritude, já que se buscou uma expressão sobre a minoria e expressa também pela minoria, pelos negros e em geral pelos grupos marginalizados socialmente. Da margem, pela margem e para a margem. Nas palavras de Djamila Ribeiro (2017, p.86)

... entendemos que todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais variados temas presentes na sociedade. O fundamental é que indivíduos pertencentes ao grupo social privilegiado em termos de *locus* social consigam enxergar as hierarquias produzidas a partir desse lugar e como esse lugar impacta diretamente na constituição dos lugares de grupos subalternizados.

Há uma classificação racial que rege algumas leis sociais. O dinheiro está concentrado em mãos brancas, as periferias lotadas de negros. Também funciona assim com o direito à fala; por esse fato, de acordo com Djamila Ribeiro (2017) é preciso que os grupos privilegiados (homens, brancos, ricos, dentre outros grupos favorecidos socialmente) tenham consciência dessa hierarquização social e usem seus privilégios para dar visibilidade e espaço de voz aos oprimidos e marginalizados e, obviamente, para promover a igualdade entre os povos.

Gayatri Spivak, teórica indiana, em sua obra *Pode o subalterno falar?* (2010, p. 126) diz que o subalterno não pode falar, pois uma das características de sua subalternidade é justamente a falta de fala. Porém, é notório que produções marginais do globo, como as de Nancy Morejón, não alcançam a visibilidade de produções não marginais, por esse motivo povos periféricos mesmo falando continuam subalternos.

Assim, o indivíduo negro encontra no Movimento da Negritude seu lugar de expressão maior, sua manifestação de revolta e também de produção cultural e intelectual própria. O Movimento da Negritude configura-se assim como um pensamento liminar² porque traz à tona outras vozes fora do modelo epistêmico europeu e norte-americano, outras formas de pensar o passado e a História da humanidade. Por esse motivo é de suma importância produções acadêmicas que busquem tanto a revelação dos discursos dominantes quanto que objetivem a multiplicidade de vozes

² Conceito a ser tratado no decorrer da dissertação.

subalternas e discursos no meio intelectual das humanidades, além de proporcionar visibilidade às produções culturais dos grupos marginalizados e ex-colonizados.

Para Ribeiro (2017, p. 24-25),

... quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco. A consequência dessa hierarquização legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabiliza outras experiências do conhecimento.

Portanto, o objetivo principal dessa dissertação é contribuir para a descolonização das mentes. Para isso, a epistemologia imperialista é aqui denunciada, como também o é a colonialidade do poder atuante no globo. Também optei por me amparar teoricamente em autoras e autores que teorizam sobre as questões periféricas, além de serem, em sua maioria, latino-americanos.

Para a eficácia da compreensão do leitor e também para o sucesso da pesquisa, dividi a dissertação em três capítulos. O capítulo inicial tratará especificamente do cenário latino-americano, como se deram os processos coloniais nas Américas, a diáspora negra caribenha e a singularidade cubana. Note o leitor que neste capítulo optei por partir do geral (América Latina) até chegar ao específico (Cuba).

No capítulo segundo, abordarei estritamente o Movimento da Negritude e todas as suas implicações: Aimé Césaire e seu ideal utópico contrastando com a perspectiva de Léopold Sédar Senghor que teve um declínio inevitável causado pela sua assimilação. Nas últimas páginas deste capítulo deterei-me a refletir a respeito das Novas Negritudes e como esse movimento se transfigurou apresentando novas facetas.

Já o último capítulo apresentará a poesia como embate social, de forma mais específica à produção poética de Nancy Morejón, autora escolhida para a pesquisa, por fazer parte dos sujeitos marginalizados (mulher, negra e latina-americana, assim como a autora desta dissertação). Ainda neste terceiro capítulo, deterei-me a refletir a cerca da identidade da mulher negra, sobre a colonialidade do poder que é combatida pelo pensamento liminar e como esses processos promovem a descolonização das mentes.

Começemos as reflexões.

CAPÍTULO I

*Soy lo que sostiene mi bandera
La espina dorsal del planeta es mi cordillera
Soy lo que me enseñó mi padre
El que no quiere a su patria no quiere a su
madre
Soy américa latina
Un pueblo sin piernas pero que camina*

Calle 13- Latinoamerica

I- O CENÁRIO LATINO-AMERICANO

Neste capítulo inicial, farei uma apresentação da região do globo denominada América Latina e, por conseguinte, o Caribe, refletindo sobre os processos coloniais que essas regiões sofreram. Em seguida, discorrerei a respeito da diáspora negra caribenha mostrando as especificidades desse processo durante o período colonial. Por fim, focarei meu pensamento na singularidade cubana atravessada pelos movimentos de colonização, de diáspora e pelo seu sistema político único no continente Americano. Todas essas reflexões, é claro, serão acompanhadas por bases teóricas e por bases literárias encontradas nos poemas de Nancy Morejón, autora escolhida para esta pesquisa de dissertação.

Nancy Morejón nasceu no bairro Los Sitios na cidade de Havana, Cuba, em 07 de agosto de 1944. Em 1961 formou-se bacharel em Artes através do Instituto de Havana, e em 1962 já publica seu primeiro livro de poemas, intitulado *Mutismo*, obra que tem por tema refletir sobre a solidão, a frustração e a angústia humanas. No ano de 1966, forma-se novamente, desta vez em Língua e Literatura Francesa pela Universidade de Havana, intensificando seus trabalhos de traduções de escritores engajados no Movimento da Negritude, como Aimé Césaire e René Depestre. A partir daí, passa a publicar livros de poemas e traduções de grandes autores, recebendo diversos prêmios e participando de festivais literários.

Os poemas da autora retratam o cotidiano cubano, as problemáticas de ser mulher e de ser negra (o) e os conflitos relacionados à história e à Revolução Cubana. Morejón traz em seus versos as novas faces da Negritude, como uma segunda onda do movimento, mais consciente. As problemáticas refletidas por Morejón (2001, p.66) giram em torno, principalmente, do feminismo e da negritude, como no poema a seguir:

BAAS

*Eres el amo.
Azares y un golpe seco de la historia
te hicieron ser mi amo.
[...]
En medio de la noche
te alzas como una bestia en celo.
Tuyos mi sudor y mis manos.
Me has hecho nómada en mis propios confines.
Eres el amo
y eres esclavo*

*de lo que posees.
Eres el amo.
Me has despojado de mis cosas
pero no de mi canto.
¿ Qué vas a hacer
cuando me alce mañana
y recobre mi potro, mi olivo
y mis estrellas.³*

A poética de Nancy expressa as realidades dos processos de escravidão e colonização. Em *Baas*, dono em tradução para o português, o eu-lírico exterioriza seu descontentamento com a sua situação como escravizada. Exemplifica também a exploração sexual resultante da escravidão que até aos dias atuais trazem consequências aos corpos negros, sendo estereotipados como hipersexualizados.⁴ Em *Baas* a condição de escravizado não é atribuída ao eu-lírico, mas ao seu dono, como se a ambição e o desejo o sujeitasse a uma mente fechada.

Morejón utiliza sua poética para demonstrar e representar a realidade latino-americana e caribenha. Realidade esta permeada por discursos colonialistas, que fizeram com que mentes e saberes fossem domesticados aos desejos da ideologia imperialista. Processos do passado histórico que se reproduzem e trazem consequências ao presente, seja em forma de racismo, preconceito, sexismo e xenofobia.

³ DONO

Você é o dono
Azares e um golpe seco da história
Eles fizeram você ser meu dono.
[...]
No meio da noite
Você se levanta como uma fera no cio.
São teus o meu suor e minhas mãos.
Você me fez uma nômade em meus próprios limites.
Você é o dono
e você é escravo
do que você possui.
Você é o dono
Você me despojou das minhas coisas
mas não do meu canto.
O que vai fazer
quando a manhã me levantar
e cobrar meu potro, minha oliveira
e minhas estrelas.
[Tradução livre]

⁴ A mulher sofre com três estereótipos adquiridos pelo sistema escravagista e patriarcalista: mulher para casar (branca), mulher para suprir os desejos sexuais masculinos, tendo o corpo hipersexualizado (dita mulata ou negra de pele clara) e por fim a mulher para os afazeres domésticos (negra de pele escura). Infelizmente, de forma consciente ou não, esses rótulos ainda moldam muitas relações em nossa sociedade brasileira.

Voltemos à América. O continente americano é dividido, geograficamente, em três regiões: América do Norte, América do Sul e América Central. A América do Sul é composta pelos seguintes países: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela. A América do Norte por: Canadá, Estados Unidos e México. Por fim, a América Central: Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Costa Rica, Cuba, Dominica, El Salvador, Granada, Guatemala, Haiti, Honduras, Jamaica, Nicarágua, Panamá, República Dominicana, Santa Lúcia, São Cristóvão e Nevis, São Vicente e Granadinas, Trinidad e Tobago.

A América Latina, portanto, não faz parte da divisão geográfica do continente americano. Trata-se de um conceito cultural, pois é inegável o fato de que há um peso cultural fortíssimo para que essa região seja definida. A América Latina é a região do globo onde se encontra a maior diversidade de raças, religiões, culturas convivendo em um mesmo ambiente, mesmo que nem sempre em harmonia.

Há certos fenômenos históricos e políticos que ligam os países que compõem a denominada América Latina: *colonização, escravidão e ditadura*, quase todos os países passaram por processos de colonização europeia e por governos ditatoriais, mesmo que alguns tenham sido mais brandos do que os outros.

Essa região surge inicialmente como um empreendimento do colonialismo, mais especificamente como uma colônia de exploração resultante do capitalismo comercial- já que sua existência ficou relegada a suprir as necessidades das metrópoles coloniais- e que hoje é regido pelo capitalismo industrial. Esse local do planeta sempre foi visto como um meio de exploração para a metrópole, no passado pela Europa e, nos dias atuais, pelos Estados Unidos da América, que insistem em continuar o legado imperialista europeu.

O próprio termo América Latina não surgiu na região. Ele refere-se ao contexto francês do século XIX, na ocasião em que o europeu define uma região para determinados interesses financeiros como, por exemplo, a necessidade de mão-de-obra, de matérias primas e de mercadorias para troca. Mas, só em 1948 é que a utilização do termo se consolida através da criação da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe - CEPAL, uma entidade que foi uma escola de pensamento de referências intelectuais próprios da América Latina e do Caribe, e que, atualmente, funciona mais como uma fonte de informações e de dados da região.

De forma mais clara, o termo América Latina foi cunhado como uma forma de expressar a oposição à expansão imperialista americana; uma maneira de a região deixar

claro aos Estados Unidos da América e ao restante do mundo o seu posicionamento ideológico contra os projetos de dominação norte-americana.

Todos esses processos coloniais e, também podemos dizer os ditatoriais, emergiram como anseios capitalistas, ou seja, maneiras de fortalecer as economias de determinados países. O fato é inquestionável justamente porque a colonização teve como principal objetivo a exploração de mão-de-obra e de bens naturais e de consumo. Sobre as explorações dos povos e das terras africanas, Olivier Pétre-Grenouilleau (2009, p. 137), historiador francês, diz que

Os abolicionistas queriam substituir um comércio injusto- o tráfico negreiro, que consistia em trocar homens por mercadorias- por um comércio que eles chamavam de 'legítimo', que consistia em trocar mercadorias ocidentais por produtos vindos da África.

A colonização surge como uma cortina de fumaça ao tráfico negreiro, já que o lucro das grandes potências precisava prosseguir. Um escape onde os seres humanos não seriam fisicamente escravizados, mas o lucro do império seria mantido. Portanto, o processo de colonização faz parte de um projeto ideológico imperialista que objetivou fortalecer as metrópoles à custa da exploração das colônias.

A América Latina desponta já com uma função pré-determinada no mundo, ser a periferia na dinâmica mundial que é baseada na dicotomia centro-periferia. Mas vale lembrar que nada é pré-determinado, o curso da História da humanidade possui transformações inimagináveis, porém é incontestável que a dinâmica mundial atual é fruto dos acontecimentos históricos coloniais do passado.

Pensar a dicotomia centro-periferia é de extrema importância para compreender o mundo. Muito do que vimos hoje resulta justamente das relações empreendidas entre as colônias e as metrópoles durante o período colonial. À periferia cabia o papel de atender aos interesses do centro, seja através de sua ajuda na acumulação primitiva das sociedades capitalistas europeias, seja através de suas economias primário-exportadoras, ou até mesmo através da sua mão-de-obra, tudo estava ligado ao lucro das metrópoles.

No entanto, com o mundo pós-moderno (entendido de acordo com Linda Hutcheon e Stuart Hall), as relações dicotômicas estão se desmoronando. As categorias de centro e periferia deixam de fazer sentido, como faziam na modernidade. Todos são centros e ao mesmo tempo periferia, não há nada fixo, seja isso para o bem ou para o mal. Linda Hutcheon (1991, p. 20) diz “... aquilo que quero chamar de pós-modernismo

é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político.”

Também é na esfera colonial que as hegemonias são empreendidas. De início, no período colonial, elas serviram aos desejos da Europa, em especial da Inglaterra, mas essa foi uma espécie de hegemonia física e territorial, já que as terras das colônias estavam sob o domínio europeu. Porém, a hegemonia atual é bem mais grave e exercida pelos Estados Unidos da América. Não apenas a terra, mas intenta-se dominar os corpos, o saber, o pensamento, a cultura, a economia, os modelos de heróis, os destinos de viagens, o modelo econômico a ser seguido, entre outros.

Para Oliveira (2006, p.44), a cultura pode constituir sim um modo de dominação, se inculcada de elementos ideológicos imperialistas. O autor diz que

As possibilidades da cultura como ponte para a integração, ou ela mesma como ‘a integração’, parecem, no momento, gravemente anuladas pela ‘indústria cultural’, que somente leva água para o moinho da globalização, vale dizer, para a hegemonia norte-americana.

As culturas não norte-americanas ficam, irremediavelmente, relegadas à marginalidade, tornando-se assim culturas periféricas aos olhos imperialistas. Até hoje, muitas ex-colônias conservam o tão difundido “sonho americano” e o sonho de ir para a Europa. Pensam suas próprias culturas como se fossem subculturas, como se fossem inferiores aos elementos americanizados⁵ e fazem de tudo para se parecerem com seus opressores.

O século XX é primordial para o nascimento da América Latina no cenário mundial. Emir Sader (2000, p. 96) diz que “A fundação das nações latino-americanas, embora ocorrido um século antes, só começaria a ganhar contornos definidos- sociais, políticos, culturais- no século XX.” Esse é o século no qual as questões específicas latino-americanas passam a se fortalecer e a fazer parte das reflexões teóricas no campo das Ciências Sociais. De fato, foi a Revolução Cubana o primeiro acontecimento que pôs a América Latina no centro da História mundial, discorreremos mais sobre ela no último tópico deste capítulo.

⁵ Conceito entendido de acordo com Zilá Bernd para quem “*americanização* é o efeito de americanizar-se, de querer tornar-se semelhante aos cidadãos que vivem nos Estados Unidos da América por admiração ao seu modo de vida” (p. 15). BERND, Zilá. *Americanidade e Americanização*. IN: FIGUEIREDO, Eurídice. (org.) *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005).

Também é ao longo deste século que a região passa por alguns momentos essenciais para moldar a sua identidade como nação cultural latino-americana. Nos anos 1930, com a crise (Grande Depressão Econômica que resultou da quebra da bolsa de valores de Nova York, mas que atingiu todo o globo), acentua-se a dificuldade no desenvolvimento da América Latina e os países que compõem esse território passam a ser classificados economicamente em três categorias: avançados, intermediários ou atrasados. Nos anos de 1940 a 1960, há o apogeu do fenômeno da industrialização que buscou maior desenvolvimento econômico. Já dos anos de 1960 a 1980, emergem as revoluções e autoritarismos, são os momentos em que há regimes militares latino-americanos. Por fim, nos anos 1990, a região passa por momentos de inflexão, incertezas e desafios em busca de uma consolidação econômica e identitária.

Todos esses momentos acima citados são permeados por uma tensão entre o desenvolvimento econômico e o desenvolvimento social. Tensão essa que não foi dissolvida ainda nos dias atuais, já que o desenvolvimento econômico de um país ou região não garante seu desenvolvimento social. Diversos países são ricos em matérias-primas e recursos naturais e assumem um papel de grande importância na economia mundial, mas possuem péssimas condições de distribuição de renda.

Ainda no século XX surge a CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe⁶, uma especificidade da América Latina, pois buscava um pensamento próprio latino-americano, além de ser uma grande instituição integracionista. Como dito anteriormente, é através desta comissão que o termo América Latina se consolida no cenário mundial. Portanto, emerge um novo modo de pensar, um novo estilo de vida, uma nova versão da história, pensados sobre e a partir da América Latina. Em relação a esse momento histórico, Quijano (2005, p. 11) diz que

Trata-se de um momento da história no qual os vários tempos e histórias não se configuram em nenhuma ordem dualista e em nenhuma sequência unilinear e unidirecional de evolução, como o eurocentrismo ensinou a pensar desde o final do século XVII. São, ao contrário, complexas, contraditórias, descontínuas associações entre estruturas fragmentárias e mutantes de relações, de sentidos e de significados, de múltiplas procedências geostóicas e de simultâneas e entrecruzadas ações, todas, no entanto, partes de um mesmo e único mundo novo em plena constituição.

⁶ Confira: <https://www.cepal.org/pt-br>.

A América Latina, doravante A.L., surgiu com um papel estabelecido: dominado, fazendo parte do sistema de expansão europeia, periferia na dinâmica mundial. Insere-se desta forma na modernidade tendo a Europa como referência, mas em uma modernidade onde há primazia do conhecimento científico em detrimento dos outros tipos de conhecimento, onde o avanço é medido pela tecnologia, pela industrialização e pelo capitalismo, mas não pelo bem-estar social e pela distribuição de renda.

Precisamos refletir sobre a modernidade através do seguinte prisma: não há nada natural, tudo foi criado, construído e produzido por uma determinada razão. O capitalismo, a modernidade, nossa atual situação como país “subdesenvolvido”, de “terceiro mundo”, “região marginal/periférica no globo”, enfim, todos esses rótulos são resultantes de empreendimentos históricos pré-determinados ideologicamente pelo imperialismo europeu e norte-americano.

De início, a questão da modernidade europeia e norte-americana foi encarada como o único modo de progresso. As nações colonizadoras incutiram nas mentes coloniais que seu modelo de progresso sempre foi e sempre será o único caminho a ser seguido pelas antigas colônias. Lander (2005, p. 07) fala que há uma

naturalização das relações sociais, a noção de acordo com a qual as características da sociedade chamada moderna são a expressão das tendências espontâneas e naturais do desenvolvimento histórico da sociedade.

Não há nada natural e espontâneo, mas induzido, uma construção ideológica e social que demandou tempo, pois a experiência europeia obteve caráter universal no globo, sendo recebida como o único caminho possível para se alcançar a modernidade. O fato é que precisamos compreender que uma das características da experiência da modernidade nos países latino-americanos é dada pela experiência do colonialismo, um contexto bem distinto dos países europeus, ou seja, a experiência colonial é a marca das rejeições da modernidade experimentada⁷ pela América Latina.

⁷ O *Vivir Bien* é um dos exemplos de modernidades alternativas experienciadas na América Latina, em especial na Bolívia. Ver: FARAH, Ivonne. GIL, Mauricio. Modernidades alternativas: una discusión desde Bolivia. IN: *Fronteiras abertas da América Latina: Diálogo na ALAS*. Editora Universitária UFPE, Recife, 2012.

Colonialismo, escravidão e ditadura são as marcas distintivas dessa região do globo que nunca vivenciará a modernidade europeia, assim, o modelo europeu não pode ser aplicado ao contexto latino-americano.

Através dos debates científicos, há o reconhecimento da presença de estruturas econômicas e sociais heterogêneas, bem como a admissão do crescimento da interculturalidade. Logo, as múltiplas modernidades passam a ser pensadas como adaptações criativas, como outros caminhos possíveis a serem seguidos. Para Lander (2005, p.15), nesse processo de questionamento, de crítica,

... produziu-se uma ampla gama de buscas, de formas alternativas do conhecer, questionando-se o caráter colonial/ eurocêntrico dos saberes sociais sobre o continente, o regime de separações que lhes servem de fundamento, e a idéia mesma da modernidade como modelo civilizatório universal.

Os padrões norte-americanos de saber, de modernidade, de economia, de cultura, de religião, de língua, entre outros, não são universais. A América Latina começa a pensar sobre si através de seus próprios olhos, de forma decolonial. Ponto que será analisado mais profundamente no capítulo 2 dessa dissertação.

Para Sader (2000, p. 10), “Pensar o movimento histórico das sociedades humanas é originalmente pensá-las em sua dinâmica, no motor que as move, nos seus horizontes e nas alternativas.” Não há um único saber, uma única versão da história ou mesmo uma única maneira de desenvolvimento econômico, e isso a América Latina está começando a compreender.

Por esse motivo os teóricos latino-americanos buscam, através de seus trabalhos, a desnaturalização e a desuniversalização da modernidade e dos saberes dominantes. A A.L., porém, é periferia no mundo dos pontos de vista europeu e norte-americano, onde existe uma espécie de “modernidade subalterna” que, com as produções de teóricos da região, passam a ter visibilidade no campo dos saberes relacionados às Ciências Sociais.

Para Hugo Achugar, em nossa atual pós-modernidade, os papéis de centro e de periferia deixam de ser fixos, porque o mundo está descentralizado e todos estão no centro e ao mesmo tempo na periferia. O autor diz que “A reflexão a partir da periferia, então, está atravessada por múltiplos pressupostos e estereótipos que geram várias atitudes. Olhar de fora serve; olhar de dentro, também. O que não serve é olhar só de fora ou só a partir da região.” (2006, p. 93).

Eduardo Galeano, em entrevista a Eric Nepomuceno ao canal Brasil para a série de reportagens *Sangue Latino*, publicado em 09 de janeiro de 2018, reflete poeticamente sobre essas dualidades. Sobre a A. L., Galeano diz o seguinte:

Acho que nessa nossa região estamos vivendo um período interessante, lindo, muito criativo, muito fértil. Difícil de entender, às vezes, principalmente quando se olha de fora e de cima. As coisas que se entendem de verdade, as coisas que se podem entender com a razão e sentir com o coração, são as coisas que a gente é capaz de olhar de dentro e de baixo. Se a gente olhar de cima, com a típica arrogância dos nossos professores de democracia dos Estados Unidos ou da Europa e se além de olhar de cima, a gente olhar de fora, não entende nada. E não entende nada por uma razão, por um motivo muito importante: a nossa é a região do mundo que, provavelmente, é a mais diversa de todas. É a pátria das diversidades humanas. E isso que, para mim, é uma virtude, visto de fora e de cima é um grave defeito, porque se você não entra no modelo, que de cima e de fora acreditam que é democracia, então aqui não existe democracia. E a verdade que prova que aqui existe democracia é que esse seja um reino da contradição e da diversidade onde se misturam e às vezes brigam, todas as cores, os cheiros e as dores do mundo. [...] Somos muitíssimos mais do que nos dizem que somos.

Olhar de cima e de fora implica uma visão por si só dominadora e colonial. Dessa forma, há uma necessidade da América Latina e do Caribe ser apresentado e representado por meio do olhar de dentro e de baixo, um olhar da região para a própria região. Nós próprios podemos nos representar, não há necessidade de intermediários.

Consequentemente, há espaço para o pensamento liminar, aquele produzido pelas margens. Outras formas de pensar são levadas em conta nos debates que incluem os países colonizados, aumentando, desta maneira, a compreensão da dinâmica mundial no que diz respeito à história da humanidade. Nos aprofundaremos nessa questão no capítulo segundo.

Pensar de forma decolonial⁸ é importante para Quijano (2005, p. 15) porque, segundo o autor, “Por sua natureza, a perspectiva eurocêntrica distorce, quando não bloqueia, a percepção de nossa experiência histórico-social, enquanto leva, ao mesmo tempo, a admiti-la como verdadeira.” É um jogo cíclico. Ao mesmo tempo em que tenta apagar as experiências marginais admite-as como verdadeiras. Tão verdadeiras que se faz necessário encobri-las ante a experiência do colonizador.

⁸ Os termos *descolonial e decolonial* são motivos de discussão no campo da teoria pós-colonial. Autores distinguem *descolonial* como uma simples superação da colonização, enquanto que o termo *decolonial* nomearia, segundo Catherine Walsh (2009, p. 15) “un camino de lucha continuo en el cual podemos identificar, visibilizar y alentar “lugares” de exterioridad y construcciones alternativas”.

Nos tópicos seguintes, abordaremos as questões mais específicas dos processos coloniais nas Américas, a diáspora negra caribenha e, por fim, a singularidade cubana. Vamos às reflexões.

1.1 Processos coloniais nas Américas

Em meados do século XV, buscando chegar à Índia, Cristóvão Colombo chega à América, redescobrimo assim o continente. Importante deixar claro que o continente não foi “descoberto”, pois, há séculos, já havia população nativa no território. Para continuar com seus empreendimentos ideológicos imperialistas, a Europa colonizou não só as terras americanas, mas todos que já estavam instalados na região, pois possuir a terra é possuir sua gente.

Jean Franco, crítica literária, em sua obra *Historia de la literatura hispanoamericana* (1997, p. 17,18), diz que

*Los intelectuales hispanoamericanos eran o clérigos y misioneros o los hijos de propietarios rurales y empleados públicos; la educación de unos y otros había corrido a cargo de la Iglesia. Su tradición literaria era clásica y española. Pensaban en términos de categorías literarias clásicas- la oda, la epopeya, la elegía-, o de formas difundidas en España, tales como el soneto, la canción tradicional y el romance, la comedia o el drama religioso (el <auto>). [...] Pero ¿por qué estas obras literarias eran tan a menudo carentes de vida y falta de inspiración? ¿Acaso en la América española escaseaban los talentos? [...] Es decir, que no faltaban hombres de talento. Pero en una sociedad colonizada no siempre es fácil que el talento pueda expresarse. La imaginación está también colonizada, es decir, no puede nutrirse de la experiencia inmediata, sino que tiende a vivir parasitariamente de los derivados de la sociedad metropolitana. No obstante, incluso en una cultura colonizada, la realidad no puede acallarse por completo. Y aunque los escritores españoles y los nacidos en América pero de origen español hicieron grandes esfuerzos para encajar esta realidad dentro de las categorías que les eran familiares, las circunstancias les obligaron a menudo a seguir otros caminos.*⁹

⁹ Os intelectuais hispano-americanos eram clérigos e missionários ou filhos de proprietários rurais e funcionários públicos; a educação de uns e outros fora realizada pela Igreja. Sua tradição literária era clássica e espanhola. Eles pensavam em termos de categorias literárias clássicas- a ode, a epopeia, a elegia-, ou em formas difundidas na Espanha, tais como o soneto, a música e romance tradicional, comédia ou drama religioso (o <auto>). [...] Mas por que essas obras literárias eram tão carentes de vida e falta de inspiração? Por acaso os talentos eram escassos na América espanhola? [...] Quer dizer, não faltavam homens talentosos. Mas em uma sociedade colonizada nem sempre é fácil para o talento se expressar. A imaginação também está colonizada, ou seja, não pode ser nutrida pela experiência imediata, mas tende a viver parasitariamente das derivadas da sociedade metropolitana. Entretanto, mesmo em uma cultura colonizada, a realidade não pode ser completamente silenciada. E embora os escritores espanhóis e aqueles nascidos na América, mas de origem espanhola, tenham feito grandes esforços para adequar

Além dos colonizados, o empreendimento imperialista atingiu toda a produção cultural das colônias, fazendo com que, mesmo após a conquista da independência, muitos colonizados continuassem sob o jugo colonialista, pois embranquecer a cultura também é uma forma de genocídio cultural. Dessa maneira, a libertação territorial deveria ter sido conquistada juntamente da autonomia epistemológica e principalmente cultural, o que infelizmente não aconteceu e ainda facilitou a continuidade da colonialidade do poder.

Infelizmente, algum tempo após a chegada dos europeus, muitos nativos foram dizimados, seja devido às doenças, à guerra ou até mesmo devido à escravidão. Aqueles que não morreram ficaram relegados ao jugo colonialista, servindo aos propósitos econômicos da Europa que tinham como intento a exploração das suas colônias. No mesmo momento em que os europeus chegaram às Américas, iniciou-se o processo de colonização, que, dizem alguns intelectuais, ainda não terminou; ao menos não a colonização das mentes, numa investida neocolonial diante daquilo que Mignolo (2003) denomina de “colonialidade do poder”, assunto que trataremos de forma mais profunda no último capítulo.

A colonização espanhola, no continente americano, é considerada como uma das mais ferrenhas colonizações justamente pelo genocídio da população nativa, dos impérios Inca, Asteca e Maia. Por mais que a população nativa fosse mais numerosa que os espanhóis, os colonos dominavam a pólvora e tinham armas de fogo, o que resultou no completo extermínio das civilizações milenares.

Grosso modo, a colonização pode ser entendida como o ato de ocupar ou povoar um espaço onde há ou não pessoas habitando. Há dois tipos de colônia: de povoamento e de exploração. As colônias de exploração recebiam este nome porque atendiam aos interesses mercantilistas devido ao clima tropical da região. Já as colônias de povoamento possuíam um clima temperado como o das metrópoles europeias, por isso eram possíveis de serem povoadas. No caso das Américas quase todo o seu território já possuía população nativa, logo, foram colônias de exploração.

Pensar a colonização é pensar na economia, pois a causa principal do empreendimento imperialista foi a expansão das economias e o aumento do capital das metrópoles. Existem inúmeros países que tiveram seus bens naturais devastados

essa realidade às categorias que lhes eram familiares, as circunstâncias muitas vezes os forçaram a seguir outros caminhos [tradução livre].

justamente devido ao processo de colonização, países esses que estão sob o mando dos rótulos “subdesenvolvidos” “país de Terceiro Mundo”, dentre outros, como consequência da ambição imperialista. A ganância do homem o levou a escravizar o seu semelhante. Para Quijano (2005, p. 21),

... foi exclusivamente o controle colonial da América e do trabalho gratuito de ‘negros’ e de ‘índios’, produzindo minerais e vegetais preciosos, que permitiu aos dominantes entre os colonizadores não só começar a ter uma posição importante no mercado mundial, mas sobretudo a concentração de ingentes benefícios comerciais, e junto com eles também concentrar em seus próprios países o assalariamento ou mercantilização da força de trabalho local.

Em ambos os casos, de exploração ou povoamento, o papel da colônia era contribuir positivamente para a economia da Europa. As metrópoles dependiam das colônias para abastecer seus cofres e instalavam nas suas possessões o sistema colonial mercantilista que era baseada ora em uma economia agrária voltada para o mercado externo, ora em uma economia agrária de base familiar ou servil. O que havia nas colônias e o que elas produziam era exportado. Muitos países colonizadores construíram suas riquezas baseadas nesses sistemas de exploração, que valia-se não só dos bens naturais mas também valia-se de trabalho escravo.

Em *Un manzano de Oakland* (2001, p. 28), Nancy Morejón transpõe em versos a revolta negra pelo trabalho escravo:

Un manzano de Oakland
[...]
¿Sabes que ese manzano fue plantado
con la tierra robada a los Rodilla-Herida¹⁰
por el gobernador del estado?
¿Acaso tú conoces que su savia
se nutre con los huesos y pelos prisioneros
de San Quintín?
[...]
Y a ti, viajero, te dará sombra siempre,
pero detén tu marcha pesarosa ante esa sombra suya.
No olvidarás jamás que ha sido
la triste, cruel, umbrosa, la efímera morada
de múltiples cabezas negras colgando entre el follaje,
incorruptibles.¹¹

¹⁰ Massacre de nativos norte-americanos ocorrido em 1890, onde mais de 300 índios morreram.

¹¹ Uma macieira de Oakland

Você sabe que essa macieira foi plantada com a terra roubada dos Rodilla-Herida pelo governador do estado?

O eu-lírico, no poema, dialoga com o seu interlocutor sobre as memórias de uma macieira. Através da macieira de Oakland ele trás recordações de episódios escravocratas. A macieira pode ser comparada às riquezas e privilégios adquiridos por meio da exploração negra, pois foi com o roubo de terras e a exploração de mão-de-obra negra que a macieira se construiu, assim como muitas economias europeias.

A colonização foi/é ¹² um projeto que buscou dominar todas as áreas da colônia, como, por exemplo, a religião, língua, economia, cultura, identidade, política e até mesmo os corpos, através da escravidão. A liberdade se tornou utopia e a morte considerável. As perdas das colônias e os ganhos das metrópoles foram tão extremos que as consequências do episódio colonial se manifestam até nossos dias.

Para o sociólogo e cientista político Emir Sader (2000, p. 100),

A expressiva importação de capitais promoveu a internacionalização das economias latino-americanas, deixando-as enfraquecidas diante das grandes corporações multinacionais, que passaram a dominar o mercado internacional.

Todos os atos imperialistas tiveram uma motivação econômica. As colônias deveriam - e foram - a periferia na dinâmica mundial econômica, já que suas riquezas naturais e toda a sua produção agrária era exportada para a metrópole e para os países que eram autorizados por ela. Essa situação se perpetuou por muito tempo, mas felizmente, essa dinâmica está em transformação.

Países latino-americanos estão conseguindo cada dia mais a independência cultural, saindo da sombra colonialista e gerindo seu próprio destino, num processo autocrítico e protagonista na esfera econômica ocidental.

Da mesma maneira que a América Latina foi periférica em relação à Europa, há em seu interior microestruturas hierárquicas, são os centros dentro das periferias. É o caso do Brasil em relação aos países em seu entorno, pois é inegável o isolamento brasileiro, principalmente quando se diz respeito às relações econômicas. Uma das

Acaso você sabe que sua seiva
se nutre com os ossos e cabelos dos cativos
de San Quintín?

E para você, viajante, sempre te dará sombra
mas pare sua dolorosa marcha ante essa sua sombra.
Você nunca vai esquecer que tem sido
a morada triste, cruel, sombria, fugaz
de várias cabeças negras penduradas entre a folhagem, incorruptíveis.[tradução livre]

¹² Discutiremos sobre o fim ou a permanência da colonização em nossa atualidade no capítulo 2.

explicações possíveis desse isolamento pode ser o diferente processo colonial sofrido pelo Brasil, pois na A.L. ele é o único país que foi colonizado por Portugal.

Além de Portugal, a Espanha, a França e a Inglaterra também participaram dos processos coloniais sofridos na América Latina, mas todas com o mesmo objetivo: o crescimento econômico de suas próprias metrópoles a fim de tornarem-se a potência econômica mundial, que por muito tempo foi o cargo ocupado pela Inglaterra e que atualmente está nas mãos dos Estados Unidos da América.

Para além do processo de colonização e dos governos ditatoriais, acredito que há outro elo entre os países que compõem a América Latina: o elevado número de combinações culturais. Obviamente que em tempos de pós-modernidade todos os países são compostos por muitas culturas, mas o que friso é o extremismo multicultural latino-americano; uma soma amalgamada de hibridização, miscigenação e sincretismo.

A própria miscigenação e o multiculturalismo compõem a identidade latino-americana, fazendo dela uma região única. Portanto, compreender os fenômenos coloniais coopera para que, tanto a população latino-americana quanto as outras nações concebam suas identidades individuais e coletivas levando-se em conta os acontecimentos passados.

A colonização, devido ao seu entrelaçamento com a escravidão, não afetou somente a concepção das questões de raça. Do contrário, abrangeu todas as áreas da sociedade. Sobre essas transformações sociais, Guilherme Johnson (2013, p.19), sociólogo brasileiro, diz que

São inegáveis as profundas mudanças que o continente americano vivenciou desde o início da sua colonização, no que se refere à sua composição demográfica, aos desenhos institucionais, às mutações das persistentes estruturas de classes, às transformações das características da produção de bens, às modalidades históricas do relacionamento com as riquezas naturais ou das diferentes formas que, no decurso até o presente, os países e regiões construíram relações de intercâmbio cultural, político e econômico entre si e com os países fora do continente.

Muitas colônias, antes de serem “descobertas” pelos europeus, possuíam seu próprio sistema de produção de bens de consumo, seu próprio sistema de classes que foram substituídos pelos modelos dos colonos. Além de usurpados da liberdade muitos países colonizados ficaram relegados ao rótulo de selvagens, primitivos e outros adjetivos em tom de escárnio. O colonizador construiu para si a imagem messiânica,

como o salvador dos pobres e perdidos, e essa imagem ainda está incrustada nas mentes das ex-colônias e das antigas metrópoles.

O campo político dos países colonizados mudou drasticamente, já que o empreendimento imperialista teve motivações quase que exclusivamente econômicas. A Europa visava o domínio das colônias a todo o custo: domínio cultural, econômico, político, religioso, identitário, dos corpos, dentre outros. Não bastava colonizar as terras, era preciso colonizar os corpos, as mentes e o saber para que assim o projeto imperioso durasse. De acordo com Johnson (2013, p. 25),

Durante o colonialismo, que compreende o período em que o continente americano foi ocupado pelos europeus até o século XIX- com diferenças temporais de cada país no término desta relação-, a Coroa comandava o processo decisório, escolhia diretamente os funcionários para executar suas ordens e determinava as regras econômicas às quais os habitantes das colônias deviam se submeter.

Por mais que se desenvolvessem economicamente, as colônias continuavam sob o jugo das metrópoles. Buscavam todos os meios para manter o poderio, desde a escravidão até a limitação das relações de exportação das colônias. Atualmente, muitas ex-colônias encontram-se com suas economias sub-desenvolvidas justamente devido a este processo exploratório do passado e grandes metrópoles, países de primeiro mundo estão nessa situação graças à colonização também.

Grandes impérios foram construídos graças à exploração da América Latina, abusaram das terras, das riquezas naturais, da mão de obra escrava a fim de tornarem-se grandiosas nações. Os aldeões vaidosos ¹³ainda ousam dizer que sem a colonização os explorados estariam perdidos, como se o processo colonial fosse uma salvação para a América, o que sabemos que foi justamente o contrário.

Atada à colonização está a escravidão, que funcionou como um meio de legitimar a primeira. Por muito tempo a escravidão foi pensada como algo natural, como se as economias não tivessem alternativas a não ser o sistema escravagista, neste processo houve uma naturalização da exploração dos povos considerados “inferiores”. Em, *A história da escravidão* (2009), o historiador Olivier Pétré-Grenouilleau diz que o

¹³ Expressão utilizada por José Martí em *Nossa América* para caracterizar aquele que “acha que o mundo inteiro é sua aldeia e desde que seja ele o prefeito, ou podendo se vingar do rival que lhe tirou a noiva, ou desde que mantenha os cofres cheios, acredita que é certa a ordem universal, ignorando os gigantes que possuem botas de sete léguas e que podem lhe pôr a bota em cima, bem como a luta dos cometas lá no Céu, que voam pelo ar, adormecidos, engolindo mundos” (MARTÍ, José. *Nossa América*. Trad.: Maria Angélica de Almeida Triber. SP: HUCITEC, 1983. 254 p.194).

Antigo Testamento da Bíblia Sagrada foi utilizado como meio de validar a escravidão, como se ela fosse uma vontade divina e aos colonos coubesse uma missão civilizadora.

Da mesma forma que a Bíblia Sagrada foi utilizada para legitimar a escravidão, ela também foi utilizada pelos abolicionistas para justificar o fim do sistema escravagista (os abolicionistas por sua vez empregavam em suas justificativas o Novo Testamento). Além dos textos sagrados, os escravagistas espalhavam mitos para justificar o injustificável; diziam que todas as sociedades humanas utilizaram a escravidão, portanto, já era uma tradição. Para Pétré-Grenouilleau (2009, p.14),

Apresentar a escravidão como um fenômeno tão antigo e universal quanto a humanidade equivale a considerá-la mais ou menos ‘natural’ e ‘tradicional’. Ora, no passado, a tradição muitas vezes tinha força de lei. Vestir algo com as roupas da tradição equivalia também a classificá-lo como mais ou menos ‘brando’, à semelhança dos mais antigos maciços montanhosos que, erodidos lentamente, se transformaram em relevos quase planos ao longo de milhões de anos. Ainda hoje não temos tendência a idealizar o que percebemos como tradição?

Como podemos ver, as visões sobre o sistema escravagista podem variar. É possível encontrar ainda em nossos dias pessoas que concebem a escravidão como de fato uma tradição a qual sem ela não haveria civilização. Perspectivas como essa apenas reforçam o fato de que a ideologia imperialista continua dando seus frutos na contemporaneidade, com fortes investidas neocoloniais e neoliberais.

O sistema escravagista atingiu todo o planeta, ou com os seus malefícios ou com os seus benefícios. Várias nações europeias valeram-se do trabalho escravo para a construção de suas riquezas nacionais e para a consolidação de suas economias no cenário mundial. Países ex-colonizados tiveram seus bens usurpados, sendo relegados à margem da economia mundial.

Vale lembrar que a escravidão se revestiu de várias máscaras sendo diferente em cada região do planeta. Ao falar sobre a origem desse sistema, muitos teóricos remontam à história dos Hebreus no Egito, o povo cativo de Faraó que foi retirado de sua nação para servir à outra nação. Há ainda o mito dos canibais que decidiram deixar alguns prisioneiros vivos para lhes prestarem serviços, ao invés de devorá-los, dando gênese assim à escravidão. Sua origem ninguém sabe ao certo como se deu, mas uma certeza há: a escravidão não é uma tradição, não foi um sistema praticado em todas as sociedades. A respeito dos sistemas escravagistas, Pétré-Grenouilleau (2009, p. 83) diz que,

O sistema mais conhecido é de longe o das Américas. Sabemos que a escravidão foi utilizada nas Américas logo na chegada dos primeiros europeus, com Colombo. Também sabemos que se espalhou rápido, atingindo primeiro os índios e depois, essencialmente, as populações negras trazidas da África pelo tráfico transatlântico. Assim, pouco a pouco, a escravidão nas Américas acabou vinculada à cor.

Hoje em dia, as consequências tanto da colonização quanto da escravidão podem ser encontradas em nossa sociedade, principalmente nas novas roupagens de racismo e de segregação étnico-social. Após mais de um século da abolição da escravatura os negros, descendentes de homens e mulheres escravizados, ainda sofrem com o preconceito e o racismo, seja de modo velado ou de modo explícito.

Ouso dizer que o projeto imperialista que usou a colonização como ferramenta de dominação e exploração ainda não terminou, ao menos não ideologicamente. Os grandes monopólios dos sistemas de comunicação podem explicar, por exemplo, o fato dos E.U.A. serem uma grande hegemonia no mundo contemporâneo. Em *Mirar Adentro*, Nancy Morejón (2001, p. 118) expõe essa herança colonial que tanto nos persegue, veja abaixo:

Mirar Adentro

*Del siglo dieciseis data mi pena
y apenas lo sabía
porque aquel ruiseñor
siempre canta en mi pena.¹⁴*

O poema traz referência do início da pena do eu-lírico datar do século XVI, pois é a partir desse século que homens, mulheres e crianças africanas foram levados a Cuba para serem escravizados. Apesar de a dor datar de tempos atrás, essa mesma dor permanece constante em sua vida, essa é a colonialidade do poder. Dor constante porque não se findou, mas se transvestiu com outras máscaras não mais europeias, mas norte-americanas.

Para a América Latina, o século XX foi de extrema importância para as transformações sociais, pois o período trouxe consigo pontos de democratização incontestáveis como, por exemplo, o fim oficial da escravidão, a igualdade legal entre

¹⁴ Olhar para dentro

Minha dor data do século XVI
e apenas eu sabia
porque aquele rouxinol
canta sempre na minha dor [tradução livre].

os homens, o fim formal do colonialismo (independências) e a alfabetização para todos. De acordo com Emir Sader (2000, p. 95),

[...] foi apenas no século XX que a América Latina começou a pesar na história mundial. Economias primário-exportadoras até entrado o século XX, as sociedades latino-americanas não protagonizaram acontecimentos importantes nem tiveram força para fazer pesar seus interesses no mundo antes do transcurso do novo século.

Tal panorama se deve ao fato de alguns episódios latino-americanos que transcorreram durante o século XX, são eles: massacre da Escola de Santa Maria de Iquique (1907); Revolução Mexicana (1910); reforma universitária de Córdoba na Argentina (1918), Revolução Boliviana (1952); Revolução Cubana (1959), Revolução Nicaraguense e de Granada (1979), dentre outras. Era o período das revoluções, as quais definiriam a sociedade, a política, a identidade e a cultura latino-americanas.

Apesar do furor do século XX em busca de uma independência total latino-americana, ainda hoje existe uma hegemonia mundial, um controle por parte da ideologia imperialista, a qual produz, reproduz e controla subjetividades como, por exemplo, o conhecimento, as mentes, o saber, a cultura, a língua, a religião, a política e as identidades a fim de manter o poder das grandes potências econômicas.

Constatamos também que todo o entusiasmo em torno das fragmentações, contradições, miscigenações e hibridismos não anulam a ideologia de dominação. Ainda hoje muitos países, em especial os da região da América Latina, encontram-se sob um novo padrão de poder, talvez mais perigoso que o antigo por atingir as subjetividades. Esse novo padrão de poder se camufla entre os discursos idealistas e inconscientes de globalização, pós-modernidade e democracia racial¹⁵, como se todos esses processos respeitassem as diferenças e a diversidade de cada etnia e nação em específico, o que sabemos que não é verdade. Essas são novas formas de dominação e exploração social.

Existe uma vasta diversidade cultural na A.L., aliás, essa característica é o que a difere do restante do mundo. A variedade aqui encontrada abrange todos os campos: cor de pele, música, comida, danças, dentre outros. A riqueza é vista no tango, na lambada, no samba, na cúmbia, no bolero, no mambo, no café, no tereré, no mate, na cachaça, no pisco, na chicha, nos vinhos, e vão além.

¹⁵ Os fenômenos sociais denominados de *globalização, pós-modernidade e democracia racial* são utilizados muitas vezes para conservar o novo padrão de poder difundindo a crença de que “todos somos iguais”, anulando as diferenças e silenciando vozes que intentam dar visibilidade aos marginalizados socialmente.

Quando a América Branca¹⁶ se junta à Europa a fim de padronizar as culturas, as raças, as línguas, as músicas e as danças, passam a hierarquizar os povos e suas manifestações identitárias. Sobre essas novas hierarquias, Hugo Achugar (2006, p. 82) diz que

As transformações e os desafios políticos, tecnológicos e sociais de nosso presente continuam, todavia, e de fato, reproduzindo as hierarquias entre as classes sociais, entre as regiões e entre os países dos diferentes mundos que coabitam no planeta. Ao mesmo tempo, não se tem podido erradicar a existência de estereótipos na representação que uns fazem dos outros. Mais ainda, essas transformações continuam reproduzindo as representações culturais e políticas sobre o *outro*, localize-se o *outro* na aldeia, no centro ou na periferia.

A dominação e as hierarquias continuam nas microestruturas, de diferentes formas e de modo cíclico. O que romperia com esses fenômenos? Penso que a conscientização seria um bom começo. O ser humano precisa compreender sua trajetória na história da humanidade, precisa entender seu contexto sociocultural para que assim as mudanças estruturais sobre as hierarquias se efetivem.

Durante a colonização, as metrópoles construíram a imagem de suas colônias para o restante do mundo. Eles difundiam o Novo Mundo com um rótulo onde residiam seres selvagens que careciam ser civilizados e catequizados. Como toda identidade é construída através da alteridade¹⁷, ou seja, através do Outro como objeto, ao estereotipar os colonizados como seres selvagens os colonizadores tomaram para si a imagem de salvador, o messias que traria a salvação aos seres necessitados. Eurídice Figueiredo (2010, p. 45) acredita que

A imagem negativa dos hispano-americanos nos Estados Unidos foi construída, até meados do século XIX, em torno dos termos catolicismo, indolência, ignorância e falta de iniciativa, que se oporiam à imagem que os norte-americanos faziam de si próprios, protestantes, trabalhadores e empreendedores, ou seja, as oposições culturais eram fixas.

O mundo havia se consolidado por meio das dicotomias: centro/ periferia, negro/branco, civilizado/selvagem, colonizador/colonizado, mas atualmente essas dicotomias estão se aposentando. Pensar o mundo atual é pensar as fragmentações, os

¹⁶ Termo aqui utilizado para designar os americanos residentes nos Estados Unidos da América, que conservam em suas mentalidades a ideologia imperialista.

¹⁷ O termo *Alteridade* é aqui empregado para designar a identidade construída através da oposição com o Outro.

hibridismos, as miscigenações, as misturas religiosas, étnicas, culturais, políticas, econômicas e assim por diante. Conceber o mundo em categorias fixas é, portanto, um disparate em nossa atualidade.

1.2 Diáspora Negra Caribenha

Denomina-se Caribe os países e ilhas banhadas pelo mar do Caribe, essa região recebe também o nome de Caraíbas, Antilhas ou Índias Ocidentais, devido ao pensamento inicial europeu de que a América seria a Índia, um erro ocorrido durante as navegações europeias. Essa região do globo foi ocupada, explorada e colonizada pelos europeus por volta do século XV e alcançou a independência territorial em meados do século XX.

A região é formada pelos seguintes territórios: Anguilla, Antígua e Barbuda, Aruba, Curaçao, Bahamas, Barbados, Bermudas, Colômbia, Ilhas Caimão, Cuba, Dominica, Ilhas Granadinas, Guiana, Guadalupe, Jamaica, Martinica, Montserrat, Porto Rico, Santa Lúcia, São Bartolomeu, São Cristóvão e Névis, Ilha de São Domingos, República Dominicana, Haiti, Ilha de São Martinho, São Vicente e Granadinas, Suriname, Trindade e Tobago, Venezuela e Ilhas Virgens.

O Caribe foi colonizado por grandes potências mundiais como Inglaterra, França, Holanda, Espanha e Dinamarca. A exploração colonial nesta região foi tamanha que a população original caribenha foi praticamente extinta, devido aos grandes conflitos, às guerras e à própria escravidão. Por esse motivo, atualmente a população é composta por imigrantes e descendentes.

O grande líder revolucionário do Caribe foi o cubano José Martí, um grande orador, político, filósofo e poeta que buscou a liberdade de todo o Caribe. Martí ficou conhecido no campo dos estudos culturais e pós-coloniais devido à sua carta *Nuestra América* onde buscava um despertar, um chamamento ao povo latino-americano para a resistência às influências europeias, através do fortalecimento do nacionalismo e de uma identidade que fosse própria da América. Seu objetivo era que todo o Caribe conquistasse a independência não só territorial, mas cultural, política, religiosa e identitária.

De acordo com o dicionário *Michaelis* (1998), diáspora diz respeito à dispersão de um povo em consequência de preconceito ou perseguição política, religiosa, sexual ou étnica. Essa dispersão pode ser de um país para outro ou de uma região distante para

a outra. A diáspora negra é oriunda da escravidão e a transnacional - a contemporânea- é causada por diversas forças como a guerra, fome, perseguições sexuais, étnicas, religiosas, políticas e entre outras.

Sobre a conceituação do termo diáspora, Stuart Hall (2003, p.33) diz que

O conceito fechado de diáspora se apoia sobre uma concepção binária de diferença. Está fundado sobre a construção de uma fronteira de exclusão e depende da construção de um 'Outro' e de uma oposição rígida entre o dentro e o fora. Porém, as configurações sincretizadas da identidade cultural caribenha requerem a noção derridiana de *différance*- uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim.

A diáspora está, portanto, fincada sobre as bases da alteridade, a diferença como meio de construir a identidade. Mas, para além da alteridade, a diáspora latino-americana liga-se intimamente à hibridização. As dicotomias, dualidades e binarismos caem por terra, dando lugar às multiplicidades de identidades, culturas, línguas e religiões. Através dos processos diaspóricos que a diversidade passa a fazer parte dos contextos nacionais e internacionais.

Por meio das manifestações diaspóricas que as noções de diferença e de descentramento são introduzidas na sociedade, pois as culturas e identidades passam a ser híbridas dando origem às novas formas de identificação. As velhas concepções de unicidade cultural, identitária, religiosa, étnica, desmoronam-se através das novas configurações sociais causadas pelas distintas formas diaspóricas. É a nova onda da hibridização¹⁸.

A identidade nunca é um *a priori*, do contrário, situa-se, de acordo com Stuart Hall (2003), através do conceito derridiano de *différance*¹⁹ o qual traz novas configurações às identidades. Nesta perspectiva, a identidade está sempre em construção

¹⁸ De acordo com Leoné Astride Barzotto (2011, p. 49), "O híbrido tem por finalidade nomear algo ou alguém cuja formação é mista, derivada de fontes heterogêneas. Este termo passa a ser empregado fortemente nos estudos da cultura a partir dos deslocamentos e migrações acentuadas do século XX. Na literatura, com mais propriedade nos estudos pós-coloniais, é altamente abordado por Homi Bhabha que, por sua vez, o apropriou da concepção de Bakhtin de 'hibridismo linguístico'. O híbrido constitui a identidade do duplo, dinâmica, flexível e plurivocal em contraposição à concepção hierárquica da identidade pura, única, autêntica, univocal e uniforme que, além de infecunda, é anticomunitária".

¹⁹ Faz parte da *Desconstrução* de Jacques Derrida, tem por definição a diferença e o adiamento de significado, uma diferença marcada não pela presença, mas para superar qualquer diferença determinada. DERRIDA, J. *La différance in Marges de la Philosophie*. Paris: Les Editions de Minuit; Collection Critique.2003.

mediante os contrastes com o Outro, mas não se prende aos binarismos. Construir a identidade é, dessa maneira, um processo contínuo e múltiplo.

Neste espaço, surgem os discursos expressos pelas minorias, através de diversos meios como, por exemplo, a literatura, a música e a dança. Por intermédio do conceito de diferença que os marginalizados passam a ter visibilidade na sociedade e têm a possibilidade de manifestar e expressar-se culturalmente. São os denominados *pensamentos liminares*, que refletiremos de forma mais aprofundada no próximo capítulo.

A diáspora nunca é de apenas um indivíduo, mas é uma dispersão grupal cujos resultados são fragmentações de culturas e identidades, formando novos povos com culturas e identidades distintas. As motivações diaspóricas também são motivações grupais como, por exemplo, as perseguições. Consequentemente, as mudanças ocorridas através deste fenômeno também são em conjunto, pois atinge tanto o indivíduo que sai de seu país quanto o que recebe os imigrantes.

Para as novas configurações identitárias e culturais causadas pela hibridização, Hall (2015, p. 52) cunha o termo *identidades traduzidas*, pois de acordo com o autor,

Em toda parte, estão emergindo identidades culturais que não são fixas, mas que estão suspensas, *em transição*, entre diferentes posições; que retiram seus recursos, ao mesmo tempo, de diferentes tradições culturais; e que são o produto desses complicados cruzamentos e misturas culturais; e que são cada vez mais comuns num mundo globalizado.

A diáspora proporciona o contato com diferentes culturas e os sujeitos envolvidos nesse fenômeno social constroem suas identidades através desses contatos, no entanto, as manifestações identitárias são resultantes de traduções realizadas durante essas experiências. Nada é reproduzido, mas traduzido, ocasionando em culturas altamente ricas, híbridas e novas.

Todas essas transformações também compõem o que se denomina pós-modernidade, a era da liquidez, onde tudo é modelável, fluido, adaptável. As comunidades em torno de um núcleo passam a ser imaginadas, as fronteiras invisíveis e as identidades permeáveis. O antigo, o moderno, o contemporâneo, o vintage, o clássico tornam-se imbricados e coexistem na pós-modernidade. As manifestações culturais convertem-se em reproduções traduzidas, e exatamente por isso, discursos exclusivos.

O antropólogo argentino, Néstor García Canclini (2003, p. 73-74), nomeia esse movimento histórico de *Heterogeneidade multitemporal*, segundo o autor

Os países latino-americanos são atualmente resultado da sedimentação, justaposição e entrecruzamento de tradições indígenas (sobretudo nas áreas mesoamericana e andina), do hispanismo colonial católico e das ações políticas educativas e comunicacionais modernas. [...] Essa *heterogeneidade multitemporal* da cultura moderna é consequência de uma história na qual a modernização operou poucas vezes mediante a substituição do tradicional e do antigo.

Em nossa atualidade o tradicional e o moderno coexistem, não há uma divisão temporal. A unicidade, a unificação, o *status* de original caem em desuso na contemporaneidade. Dessa maneira, pensar a diáspora é pensar em trânsitos, em misturas e em fragmentações e compartilhamento de experiências. Cada vez mais em nossos dias, as fragmentações estão presentes em todos os campos sociais. Porém, ainda existem algumas nações que insistem em buscar uma identidade unificada. Para Stuart Hall (2015, p. 54),

Esses novos aspirantes ao *status* de ‘nação’ tentam construir Estados que sejam unificados tanto em termos étnicos quanto em religiosos, e criar entidades políticas em torno de identidades culturais homogêneas. O problema é que elas contêm, dentro de suas ‘fronteiras’, minorias que se identificam com culturas diferentes.

A busca pela unificação é utópica, nunca irá se realizar. Ouso afirmar que não há nenhuma sociedade na atualidade que seja pura étnica e culturalmente, assim, pensar a unicidade e a pureza dos povos é uma total ilusão, ainda mais quando leva-se em conta as minorias presentes na sociedade. Hoje em dia, mais do que nunca, tudo é plural: as culturas, as línguas, as religiões, as economias, as identidades, e assim por diante. Plural também foi o sistema escravagista. De acordo com Pétré-Grenouilleau (2009, p.34),

Em muitos outros sistemas escravagistas, os escravos eram provenientes de regiões muito diversas, portanto não eram necessariamente da mesma cor. Depois de alforriado, o novo liberto tinha de suportar o peso da ‘mácula’ servil, isto é, a desonra da escravidão, cuja lembrança às vezes persistia por muitos anos na visão dos outros. Quando a escravidão estava ligada à cor da pele, a mácula servil era ainda mais forte, daí a continuidade de políticas ou de formas de discriminação muito depois do fim da escravidão.

De fato, o pior tipo de escravidão é a escravidão étnica. Não se pode esconder suas origens, pois está marcada na pele. Tanto que houve diversas outras formas de escravidão, como a do povo hebreu, mas a escravidão negra é a mais conhecida. Por

isso, o indivíduo de cor negra já está, desde o nascimento, associado ao sistema escravagista, mesmo hoje em dia com a abolição da escravatura em todo o mundo.

Durante o período da escravidão, os africanos escravizados ao chegarem às colônias eram separados de seus familiares, e buscava-se sempre distribuir os indivíduos advindos de uma mesma região em fazendas diferentes para que a comunicação fosse dificultada e a fuga prejudicada. Esses contatos também contribuíram para a hibridização de culturas, etnias, línguas e religiões.

Aníbal Quijano (2005, p. 18), sociólogo e pensador humanista peruano, defende a ideia de que a noção de raça foi uma criação com fins políticos e ideológicos. De acordo com o autor,

Originalmente, desde o momento inicial da Conquista, a ideia de *raça* é produzida para dar sentido às novas relações de poder entre ‘índios’ e ibéricos [...] ... a ideia de raça, o produto mental original e específico da conquista e colonização da América, foi imposta como o critério e o mecanismo social fundamental de classificação social básica e universal de todos os membros de nossa espécie.

Sem o colonialismo não haveria a classificação das raças, pois esta foi idealizada como forma de legitimar a escravidão. De fato, as classificações contribuem para as hierarquias, que por sua vez serviram de manutenção às dominações europeias. Nessa perspectiva, raça é um construto mental o qual contribui para a divisão social do trabalho de indivíduos e grupos. Até mesmo na atualidade a cor influi muito na vida do sujeito, principalmente se ele pertencer às classes menos privilegiadas da sociedade.

Em *Nana silente para niños surafricanos* (2001, p. 84), temos exemplificado a situação de negros sul-africanos:

*Mamá no tenía pase
y no había pan.
Papá no tenía pase
y lo habían castigado.
Mamá no tenía pase
y no había pan.
Papá no tenía pase
y murió degollado.
Mamá no tenía pase
y no había pan.²⁰*

²⁰ Mamãe não tinha um passe
e não havia pão.
Papai não tinha um passe
e o haviam castigado.
Mamãe não tinha um passe

O eu-lírico do poema descreve o ocorrido com seus pais. O contexto é África do Sul onde houve o apartheid, regime de segregação racial. O poema descreve como causa da morte do pai do eu-lírico, a falta de um passe: “*Papá no tenía pase/y murió degollado*. Durante o regime do apartheid existia a Lei do Passe que obrigava os negros e negras da África do Sul a portarem uma caderneta dizendo onde lhes era autorizado ir, como uma lei de passagem, controlando a mobilidade dos indivíduos negros.

Por meio do poema acima citado, podemos traçar um paralelo com a contemporaneidade, onde homens e mulheres negras possuem seu “lugar” na sociedade. Estão na periferia, nos subúrbios, nas funções desprivilegiadas socialmente e quando adentram no espaço reservado aos brancos sofrem represálias, preconceito e principalmente, racismo.

Como consequência, os processos diaspóricos influem diretamente nas composições das identidades, sejam elas cultural, política, linguística ou até mesmo religiosa. Essas mudanças afetam todos os sujeitos que direta ou indiretamente estão envolvidos pela diáspora. Tanto os que se deslocam quanto os habitantes dos países que recebem os deslocados e até mesmo os que não se deslocaram e preferiram continuar em suas nações. Todos, sem exceção, influem e sofrem influências nesse fenômeno.

Sobre a diáspora caribenha, Hall (2003, p. 27) diz que

Na situação da diáspora, as identidades se tornam múltiplas. Junto com os elos que as ligam a uma ilha de origem específica, há outras forças centrípetas: há a qualidade de ‘ser caribenho’ [*West-Indianness*] que eles compartilham com outros migrantes do Caribe. (George Lamming afirmou uma vez que sua geração- e, incidentalmente, a minha- tornou-se ‘caribenha’, não no Caribe, mas em Londres!) Existem as semelhanças com as outras populações ditas de minoria étnica, identidades ‘britânicas negras’ emergentes, a identificação com os locais dos assentamentos, também as reidentificações simbólicas com as culturas ‘africanas’ e, mais recentemente, com as ‘afro-americanas’.

As identidades passam a ser formadas, construídas e alimentadas através das oposições, das alteridades entre os sujeitos. Oposições essas que não se limitam aos binarismos, mas alimentam-se das multiplicidades. Consequentemente, as identidades

e não havia pão.
Papai não tinha um passe
e ele morreu degolado.
Mamãe não tinha um passe
e não havia pão [tradução livre].

têm relação direta com aquilo que Eurídice Figueiredo denomina de *Etnicidade*²¹, aquilo que me define em relação ao outro. Por exemplo, uma característica que me diferencia do outro: negra, por oposição ao branco, ao asiático e ao indígena.

As nacionalidades experimentam um terreno movediço, pois a maior afirmação de uma nacionalidade é através dos afastamentos territoriais. Por exemplo, minha maior afirmação de brasilidade é justamente fora do Brasil. Veremos mais adiante que Césaire descobriu-se negro justamente quando foi estudar em Paris. A diáspora oferece também, por conseguinte, maior possibilidade de afirmação de nacionalidade, esse fato é brilhantemente apresentado no poema *Farewell* (2001, p. 36) por Nancy Morejón, diz o seguinte:

Farewell

*Bajo el camino certamente enlutado,
allá al final del último sendero,
el jamaicano teje hoy su esperanza.
Quiere que el sol sea nuevo como una nueva vida.
Su quehacer fue constante.
Tan sólo comparable al anónimo constructor de las pirámides.*

*Desbrozó el monte de Kingstontown.
Limó las verandas de la aldeã con su propia miséria.
Miró a las cadenas de montañas
y se dió cuenta de que Jamaica era una isla sumamente pequena.*

*¿Añorar Cuba? ¿Rememorar Haití?
No, campesino, antillano malabarista del sudor,
no has de inmigrar ya más a tus tierras hermanas
para la zafra hórrida y la huelga.
Vuelve tu espalda y continúa fundando el camino mayor para tu isla.
Di adiós, un adiós jamaicano.*²²

²¹ “A *etnicidade* - seja ela a raça, a cor, a religião, o gênero (*gender*) - se define como uma categoria que situa o indivíduo ou o grupo social como sendo Outro” (FIGUEIREDO, 2010, p. 10).

²² Despedida

Sob o caminho certamente triste,
lá no final do último caminho,
o jamaicano tece sua esperança hoje.
Ele quer que o sol seja novo como uma nova vida.
Seu trabalho foi constante.
Apenas comparável ao construtor anônimo das pirâmides.

Ele limpou a colina de Kingstontown.
Ele fechou as varandas da aldeia com sua própria desgraça.
Ele olhou para as cadeias montanhosas
e ele percebeu que a Jamaica era uma ilha extremamente pequena.

Saudades de Cuba? Lembrar do Haiti?
Não, camponês, malabarista antilhano de suor,
você não precisa mais migrar para suas terras irmãs

O sujeito diaspórico cria para si uma identidade híbrida da qual ele não pode se desvencilhar devido à sua experiência histórica. A despedida em *Farewell* funciona como uma analogia ao desprendimento à antiga identidade africana, substituída pela identidade diaspórica do indivíduo que é ao mesmo tempo africano e latino-americano.

Inegável também é o contexto violento e escravagista de nascimento da América Latina e do Caribe. Esse contexto de nascimento (conquista, expropriação, escravidão, genocídio, colonização) influi sobre a atual situação da região como uma das mais híbridas do planeta, pois quase em sua totalidade é formada por três raças: negra (africana), branca (europeus) e indígena (nativos), e suas miscigenações.

A diáspora ocorre em diversos contextos, como, por exemplo, local, global, territorial e virtual, mas há alguns pontos importantes em comum nos diferentes processos diaspóricos. De acordo com Almeida e Patrocínio (2017, p.108),

Processos econômicos, políticas de Estado e práticas institucionais são determinantes, assim como as hierarquias de gênero, 'raça', classe, religião, idioma e geração dentro do grupo e no lugar de assentamento. A multiplicidade de forças que moldam as diásporas significa que cada diáspora é um agrupamento de diásporas.

Esses pontos, de acordo com os autores, são determinantes para a efetivação da diáspora. A situação política do país e as desigualdades de gênero, raça e classe também cooperam para as perseguições influenciando diretamente para a dispersão populacional. Esse fenômeno causa consequências também na constituição étnica dos países, logo, vale lembrar que todas essas transformações e esses processos de mudança não são pacíficos. Concluímos que pensar a diáspora é pensar além das fronteiras territoriais e culturais.

1.3 A Singularidade Cubana

Cuba é um país insular localizado no mar do Caribe que contém cerca de 11 milhões de habitantes. Por volta do século XV, Cristóvão Colombo descobriu a ilha e a requereu para o reino da Espanha. Já no século XX, o país foi reconhecido como território independente.

pela horrenda colheita e pelos golpes.
Vire as costas e continue fundando o melhor caminho para a sua ilha.
Diga adeus, um adeus jamaicano [tradução livre].

Um país de singularidades ímpares, tanto no âmbito mundial quanto no âmbito continental, Cuba pôs a América Latina no cenário mundial através do episódio da Revolução Cubana, ocorrida em 1 de janeiro de 1959, que destituiu o ditador Fulgencio Batista, instalou o governo de Fidel Castro e estabeleceu o regime socialista no país, em vigor nos dias atuais. Aliás, Cuba é o único país socialista localizado no Continente Americano.

Até meados do século XX, a América Latina estava apagada ante ao cenário político mundial, porém a Revolução Mexicana mudou esse quadro, pois foi o movimento latino-americano de maior repercussão mundial, mas para o sociólogo e cientista político Emir Sader (2000, p. 102),

Na segunda metade do século XX, foi a Revolução Cubana que ocupou esse lugar. Um movimento com aspectos comunacionalismo, apoio camponês, luta armada, gestas heroicas-, porém mais radical, no sentido de que, ao chocar-se diretamente com a dominação norte-americana, aprofundou seu programa original no sentido da ruptura com o capitalismo, assumindo-se como único Estado socialista do mundo ocidental, com o qual rompia, ao aliar-se com a URSS e o chamado campo socialista.

O país fez algo impensável: rompeu qualquer relacionamento com o grande aldeão vaidoso, Estados Unidos da América. Em nosso mundo globalizado é difícil um país ousar se desprender do jugo norte-americano, mas foi a partir e graças a esse movimento que a América Latina passou a estar no centro da História mundial, ocupando a figura protagonista e não mais figurante.

Entretanto, os norte-americanos não aceitaram esse facto facilmente, aliás, ainda não aceitam. Em contrapartida, “... os EUA faziam- e continuam a fazer- contra Cuba a demonização que sua política sempre utilizou, para fortalecer a coesão dentro do país e no bloco de forças que lideram” (SADER, 2000, p.103). Por esse episódio que até hoje percebemos discursos sobre a pobreza cubana, a miséria do país, discursos que disseminam a ideologia norte-americana, capitalista e imperialista.

Obviamente que o país, devido ao seu bloqueio norte-americano, sofre algumas restrições, principalmente no quesito automotivo e de importação de peças para reposição automobilística, mas os sacrifícios valem a pena quando se pensa na dominação norte-americana. A internet e os meios de comunicação também são restritos, o que motiva discursos sobre uma Cuba opressora.

Em *Parque central, alguna gente* (2001, p. 38-40), Morejón traz ao leitor o cenário cubano contemporâneo, permeado pelo passado histórico da Revolução Cubana. Vejamos abaixo:

*...porque en los parques y en este que es central el de La Habana
los viejos se sientan en un banco encienden un tabaco se miran y
conversan
de la Revolución y de Fidel
los viejos que ahora permanecen en un banco y toman
el sol y toman el sol y toman el sol
para nadie es secreto
allá van dos hombres y una cartera vieja destartada
una mano regordeta un grito con un sombrero gris
los viejos que se ven al lado de una estatua
del apóstol Martí en 1966 en diciembre de 1966 acabándose el año y
esperando
"el aniversario de la libertad y rindiendo homenaje a los mártires"
sí
a todos los hombres que murieron del pueblo y su sangre
para tomar el sol de la tarde en La Habana Cuba territorio libre de
América...*²³

Nancy Morejón evoca em seu poema a Revolução Cubana e seus mártires. A história de Cuba faz parte do cotidiano dos cubanos, bem como os resquícios do colonialismo e as consequências do socialismo. O poema faz referência à data dezembro de 1966, ano em que foi instituída a Lei de Ajuste Cubano que concedia asilo dos E.U.A. aos cubanos que fugiam da Revolução. O eu-lírico nomeia Cuba como território livre da América, uma visão bem diferente daquela difundida pelos Estados Unidos da América. Morejón mostra, através da obra lírica, outra face de Cuba e da História.

A Revolução Cubana, que deu origem ao socialismo, só poderia ser efetivada se tivesse o apoio da população. Tanto isso é fato que, a própria revolução tornou-se uma atração turística no país, justamente pelo exotismo de Cuba ser o único país do

²³ ... porque nos parques e neste que é central de Havana
os velhos sentam-se num banco acendem um tabaco olham um para o outro e falam
da Revolução e de Fidel
os velhos que agora ficam em um banco e tomam
sol e tomam sol e tomam sol
para ninguém é segredo
lá vão dois homens e uma velha carteira em ruínas
uma mão gorda um grito com um chapéu cinza
os velhos que se veem ao lado de uma estátua
do apóstolo Martí em 1966 em dezembro de 1966 terminando o ano e esperando
"o aniversário da liberdade e rendendo homenagem aos mártires"
sim
a todos os homens que morreram do povo e do seu sangue
para tomar o sol da tarde em Havana Cuba território livre da América. [tradução livre]

continente Americano a ter o regime socialista. Outro motivo é a curiosidade dos turistas em ver um país livre das influências dos E.U.A..

Apesar das limitações de comunicação (internet), das necessidades de produtos automobilísticos e de eletrodomésticos, e da escassez de alguns alimentos, a população coopera para a continuidade do sistema socialista. Jorge Escosteguy (1979, p.21), jornalista brasileiro, reflete sobre o engajamento populacional para a melhoria do país, segundo autor,

De fato, todo o esforço de vida e de trabalho dos cubanos concentra-se atualmente em superar as deficiências econômicas e sociais que o país ainda enfrenta. A sociedade cubana vive voltada para o trabalho e para o estudo. Pelas ruas de Havana, não há mais o clima de tensão e de medo dos primeiros anos, quando ainda não se tinha certeza nos rumos da Revolução; nem a arrogância e o espírito agressivo dos tempos românticos, quando Cuba pretendia exportar revoluções e ensinar ao mundo como se constrói um regime socialista no Terceiro Mundo.

Evidentemente que os cubanos não são todos apoiadores, mas é incontestável que grande parcela da população é adepta ao socialismo, talvez pelo fato de que a maioria nasceu e educou-se durante o regime. A resistência ao regime é alimentada pelo idealismo do “sonho americano”, pelas promessas egocêntricas do capitalismo e pelos discursos imperialistas ainda em voga nos dias atuais. Porém, vale mencionar o alto índice de pobreza do país, os sérios problemas econômicos e sociais que fazem com que muitos cubanos almejem uma vida melhor.

Cuba vive hoje por uma fase mais consciente política e culturalmente. A concentração do trabalho é voltada na produção e não unicamente no consumo, como no sistema capitalista. Cuba vê-se livre não só do capitalismo, mas junto deste, vê-se livre das influências imperialistas, ou seja, vale a pena as restrições e bloqueios comparados com a liberdade experimentada pelo país.

Morejón (2001, p. 42), no poema *Renacimiento*, transpõe o atual momento político-cultural de Cuba:

Renacimiento

*Hija de las aguas marinas,
dormida en sus entrañas,
renazco de la pólvora
que um rifle guerrillero
esparció en la montaña
para que el mundo renaciera a su vez,
que renaciera todo el mar,
todo el polvo,*

Cuba, junto de dezenas de países ex-colonizados, está renascendo dia após dia. Após o fim da colonização e da escravidão, o país está construindo sua própria história, suas tradições e culturas sem o julgo imperialista, em uma busca constante de si mesmo, seja através de sua cultura, sua epistemologia, sua religião, mas principalmente através de sua política.

Jorge Escosteguy ao escrever *Cuba hoje: 20 anos de revolução* (1979, p. 24) diz que “...fazer compras, em Cuba, não é um divertimento de todos os dias, nem o passeio com a família em um dia qualquer. Não existe consumo, e o governo parece disposto a não admiti-lo nem mesmo quando a situação do país melhorar.”

A palavra de ordem é o reaproveitamento, o desperdício é mínimo no país, são esses fatores que trazem singularidade à Cuba. Outro fato curioso sobre o bloqueio cubano dos E.U.A. é a proximidade entre os dois territórios, apenas 90 milhas (aproximadamente 144 quilômetros) os separam, mas são como dois polos políticos extremos.

Refletir a singularidade cubana é pensar sobre toda a sua história, cultural e política, é meditar sobre a Revolução e suas consequências para a composição da identidade cubana, é questionar o nosso próprio sistema econômico e os discursos que nos cercam, é indagar as narrativas tidas como “naturais”, e pensar as falsas igualdades que nos rodeiam.

Nancy Morejón e sua obra também fazem parte da singularidade cubana, por contribuírem para os questionamentos da realidade latino-americana e caribenha. A autora, mulher, negra e caribenha, já é por si só marginalizada ante o padrão europeu. A obra selecionada para composição dessa pesquisa é *Black womam and other poems/ Mujer negra y otros poemas* publicado em 2001 pela mango publishing em uma edição bilíngue, espanhol e português, com tradução de Jean Andrews. O livro é dividido em

²⁴ Renascimento

Filha das águas marinhas,
adormecida em suas entranhas,
Eu renasço da pólvora
Que um rifle de guerrilha
espalhou na montanha
para que o mundo renascera por sua vez,
que renascera todo o mar
todo o pó
todo o pó de Cuba [tradução livre].

três partes, a primeira contém 23 poemas, a segunda 10 e a terceira parte possui 31 poemas.

Para a realização desta pesquisa, os poemas foram selecionados de acordo com as temáticas propostas no trabalho. A saber: as possíveis identidades da mulher negra caribenha; a diáspora negra; a identidade do homem negro deslocado e por fim os novos movimentos de negritude em nossa atualidade.

No próximo capítulo, estudaremos de forma mais profunda o Movimento da Negritude, liderado por Aimé Césaire, poeta caribenho que lutou pela conscientização identitária da região. Também refletiremos sobre a resistência do movimento na atualidade e suas distintas e novas facetas.

CAPÍTULO II

*A carne mais barata do mercado é a carne
negra*

Que vai de graça pro presídio

E para debaixo do plástico

Que vai de graça pro subemprego

E pros hospitais psiquiátricos

Elza Soares- Intérprete

Seu Jorge, Marcelo Fontes do Nascimento e

Ulises Capelleti- Compositores

II- MOVIMENTO DA NEGRITUDE

Neste segundo capítulo, deterei-me em apresentar o movimento da Negritude, seu surgimento, objetivos, tendências e seus ideários. Transcorrerei a respeito da Negritude de Aimé Césaire com suas especificidades próprias. Em seguida, veremos como esse movimento, visto de acordo com a perspectiva de Léopold Sédar Senghor, teve um inevitável declínio. Por fim, intento trazer ao leitor as novas Negritudes, pensando o movimento de forma progressiva em nossa atualidade e tecendo algumas considerações sobre pensamento liminar e colonização das mentes no contexto latino-americano e caribenho.

Antes de tudo, é imprescindível contextualizar a Negritude. O Movimento da Negritude possui origens remotas, mas é consenso entre os teóricos do assunto o fato de que foi a Revolução Haitiana que deu início à ideologia do movimento, ocorrida entre 1791 e 1804, pondo o Haiti no mapa mundial. O nome Revolução dá-se pelo motivo do Haiti ser o primeiro país colonizado a conseguir independência através da união dos povos colonizados.

O Haiti foi a primeira república negra erguida através da guerra entre os franceses e os homens negros escravizados, onde o poder francês foi tomado com muito sacrifício pelos haitianos. Mas, infelizmente, a ideologia imperialista não deixou barato tanta petulância, pois o país sofreu bloqueio comercial da Europa e da América do Norte escravagista por aproximadamente 60 anos. Nas palavras de Eduardo Galeano, em artigo publicado na Carta Maior em 19 de janeiro de 2010,

Em 1803 os negros do Haiti deram uma tremenda sova nas tropas de Napoleão Bonaparte e a Europa jamais perdoou esta humilhação infligida à raça branca. O Haiti foi o primeiro país livre das Américas. Os Estados Unidos tinham conquistado antes a sua independência, mas meio milhão de escravos trabalhavam nas plantações de algodão e de tabaco. Jefferson, que era dono de escravos, dizia que todos os homens são iguais, mas também dizia que os negros foram, são e serão inferiores. A bandeira dos homens livres levantou-se sobre as ruínas. A terra haitiana fora devastada pela monocultura do açúcar e arrasada pelas calamidades da guerra contra a França, e um terço da população havia caído no combate. Então começou o bloqueio. A nação recém nascida foi condenada à solidão. Ninguém comprava do Haiti, ninguém vendia, ninguém reconhecia a nova nação.

Até hoje o país sofre com péssimas condições sociais, justamente como consequência da retaliação econômica sofrida pela ousadia de ser um país independente,

sendo um dos mais pobres da América Latina, sem citar os desastres naturais que contribuíram, em parte, para a situação do país. Mas o problema da Revolução Haitiana ocorreu quando, ao invés de buscar pura e somente a independência, buscou-se a inversão dos papéis entre dominadores e dominados. Os homens negros ex-escravizados que lutaram contra o imperialismo e lutaram para tomar o poder francês perpetuaram a dominação e reproduziram a exploração que sofreram dos homens brancos. Também pudera, era o único modelo de governo que eles conheciam.²⁵

A Revolução Haitiana é considerada por muitos teóricos, como Zilá Bernd e Carlos Moore, como uma das primeiras manifestações da Negritude. De acordo com Césaire (2010, p. 09), a negritude é uma “[...] vasta proposta de ação e de pensamento social transformadora, gestada no ventre de uma singular experiência histórica.” De fato, no Haiti, deu-se uma singular experiência histórica na qual foi uma iniciativa dos povos negros em busca da liberdade. Um pensamento totalmente negro, um pensamento liminar, como diria Walter Mignolo (2003).

Voltemos à Negritude. Esse movimento constitui-se como uma luta social que não se restringe ao campo político, do contrário, é um movimento que afeta e reflete em todos os campos e áreas das relações sociais. De início o Movimento da Negritude nasce um movimento cultural, contrário ao discurso colonial, em seguida assume uma veia política, pois surgiu em resposta ao preconceito e à colonização.

De acordo com Zilá Bernd (1988, p. 22-23), “O escritor norte-americano William Edwards Du Buis (1868-1963) pode ser considerado como o ‘pai’ do movimento de tomada de consciência de ser negro, embora o termo *negritude* só viesse a ser cunhado muitos anos mais tarde”. De fato, esse foi um dos primeiros sociólogos a lutar contra as forças imperialistas.

Alguns jovens intelectuais nascidos nas Antilhas e na África, antigas colônias europeias, foram à Paris estudar, e, inseridos pela primeira vez em um ambiente branco, perceberam na pele o que é ser negro, ou melhor, reconheceram-se negros. Dentre esses intelectuais estavam Aimé Césaire (Antilhas), Léopold Sédar Senghor (África) e Léon Damas (Guiana Francesa) que mais se destacaram no Movimento da Negritude.

Em 1932, os jovens estudantes fazem um *Manifesto da Legítima Defesa* onde denunciam a exploração dos povos negros e suas consequências na dominação intelectual mundial. Em 1933 ocorre uma efervescência do colonialismo no globo, mas

²⁵ Episódio esplendidamente retratado na literatura por Alejo Carpentier em *O reino deste mundo* (1949).

na mesma época, em 1935, esses intelectuais criam o jornal intitulado *L'Étudiant Noir* (*O estudante Negro*) que teve por finalidade a publicação de textos engajados com as questões negras.

No ano de 1939 Aimé Césaire publica *Cahier d'un retour au pays natal* (*Diário de um retorno ao país natal*), onde pela primeira vez surge o termo *Negritude*. A palavra *Negritude* surge do vocábulo *Nègre* que era usado de forma pejorativa para caracterizar os negros em território francês, tendo o seu sentido revertido de forma positiva para nomear o Movimento, como exemplificado no trecho a seguir:

E nem o mestre na escola, nem o padre no catecismo poderão arrancar uma palavra desse negrinho sonolento, apensar da sua maneira tão enérgica de tamborilar sobre seu crânio raspado, pois foi nos pântanos da fome que se afundou sua voz de inanição... (CÉSAIRE, 2012, p. 15).

Realmente foi nos pântanos da fome que se afundou sua voz de inanição, foi de um termo insultoso que deriva a *Negritude*, a oportunidade dos povos injustiçados ecoarem seus gritos, se expressarem política e culturalmente. Fizeram uma verdadeira antropofagia ideológica, se agregaram de forma tão poderosa que criaram algo inimaginável dessa deglutição.

Nancy Morejón retrata o cenário latino-americano com todas as suas configurações no poema *Historia de un Pastor* (2001, p. 62), veja a seguir:

Historia de un Pastor

*Qué tristes son las cosas que han pasado.
Mataron al cordero y a la cabra.
Mataran a los hijos del cazador
y saquearon sus chozas.
Nada pudo quedar en pie
Sino la lluvia fina
sobre la tierra calcinada
y el plumaje cenizo de un ruiseñor.
El humo iba elevándose
desde el estiércol
de las ovejas.
En medio de la colina gris,
hay un pastor sin lágrimas
con su túnica blanca.
Tiene el rostro apacible
y, mientras pasea su mirada
a través del paisaje
allá en lo alto de la colina,
aparta tierra húmeda
y siembra unas semillas elementales,*

con sus manos tranquilas.

*Un ave cruza el cielo.
La boca del pastor entona, a solas,
una plegaría también elemental
que termina con estas palabras:
África estás en mí.
Aquí planto una brizna de aliento,
aquí renasceremos.
Aquí seremos dueños otra vez
de nuestros días y nuestros bosques.
Volveremos al país eterno de nuestros padres,
al país de nuestros sueños.²⁶*

Neste poema, Morejón evoca reminiscências passadas, coloniais e diaspóricas da voz lírica. A África deixa de ser um objeto de obsessão para retorno e transforma-se em um meio de resgate histórico, para o renascimento de uma nova identidade e cultura que seja híbrida e consciente historicamente.

²⁶ História de um pastor
Quão tristes são as coisas que aconteceram.
Mataram o cordeiro e o bode.
Mataram os filhos do caçador
e eles saquearam suas cabanas.
Nada poderia ficar de pé
Se não a chuva fina
sobre a terra queimada
e a plumagem cinzenta de um rouxinol.
A fumaça estava subindo
do estrume
das ovelhas.
No meio da colina cinzenta,
há um pastor sem lágrimas
com sua túnica branca.
Ele tem um rosto gentil
e, enquanto ele caminha seu olhar
através da paisagem
lá no alto da colina,
reserva terra úmido
e semeia algumas sementes elementares,
com suas mãos quietas.

Um pássaro cruza o céu.
A boca do pastor entoa sozinha
uma oração também elementar
que termina com estas palavras:
África está em mim.
Aquí planto uma migalha de encorajamento
aquí vamos renasceremos.
Aquí nós seremos donos novamente
dos nossos dias e nossas florestas.
Nós voltaremos para o país eterno de nossos pais,
para o país dos nossos sonhos [tradução livre].

Em 1948, o filósofo francês, Jean-Paul Sartre, publica o ensaio *Orfeu negro* onde faz a primeira grande revisão crítica do Movimento da Negritude. O texto de Sartre dividiu opiniões entre os intelectuais da área. Para Zilá Bernd (1988, p. 31), o ensaio foi um célebre “alerta para o perigo de o movimento tornar-se, pela radicalização, um *racismo às avessas*”.

Frantz Fanon discorda veementemente. Para o psiquiatra e filósofo martinicano, Sartre prestou um desserviço ao movimento. Nas palavras de Fanon (2008, p. 121), “*Orphée noir* é um marco no intelectualismo do existir negro. E o erro de Sartre foi não apenas querer chegar à fonte da fonte, mas, de certo modo, secar a fonte”.

Aos olhos de Fanon, Sartre desmerece o movimento, taxando-o como passageiro. Para o existencialista, a consciência era uma fase que iria ser substituída por outra mais importante. A negritude seria uma etapa que deveria ser superada até chegar a uma sociedade sem classes, ou seja, o movimento era efêmero. Fanon (2008, p. 122) acrescenta ainda indignado com a falta de consciência étnica de Sartre:

Em termos de consciência, a consciência negra se considera como densidade absoluta, plena de si própria, etapa anterior a toda fenda, a qualquer abolição de si pelo desejo. Jean-Paul Sartre, neste estudo, destruiu o entusiasmo negro. Contra o devir histórico, deveríamos opor a imprevisibilidade. Eu tinha necessidade de me perder absolutamente na negritude.

O que não se pode negar é que o texto sartreano foi uma das revisões da Negritude mais importantes, mas também é claro que se Sartre fosse negro ele sentiria o quão importante o movimento foi para os povos negros. O que lhe faltou foi sentir na pele ser negro e a necessidade do empoderamento, da exaltação negra e da representatividade.

Em casos como esse se deve pensar na importância de intelectuais negros falando sobre os negros, não só na importância, mas também na necessidade da expressão negra também no campo da produção do conhecimento. Fanon (2008, p. 124) diz que “Jean-Paul Sartre esqueceu que o negro sofre em seu corpo de outro modo que o branco”, aí estava a diferença.

Após o ensaio de Jean-Paul Sartre, o movimento passou por fragmentações que subsistem até hoje. Alguns são críticos do fato do movimento prender-se somente à raça negra e outros críticos da hegemonia da raça sobre a classe. Essas divisões trouxeram não um enfraquecimento, mas multiplicidade ao movimento. O fato é que Fanon estava

coberto de razão ao dizer que Sartre não deu o devido valor ao Movimento da Negritude e ainda o desmereceu. Obviamente que classe e raça estão intimamente ligadas, mas podemos afirmar que a questão de classe não resolve a questão da raça, indivíduos em classes sociais mais elevadas continuam até hoje em dia sofrendo racismo.

A Negritude surge como uma valorização da cultura negra, como uma tomada de consciência de si do indivíduo negro, mas as mudanças atingem todos os campos do conhecimento e da sociedade, não se restringiu ao campo político, modificando, assim a linguagem e a literatura produzida pelos povos negros, como um olhar negro sobre o mundo.

Porém, há uma grande problemática em torno desse reconhecimento negro, se ele se dá pela cultura, língua, cor da pele, ou local de origem. Qual é de fato o elemento que une os povos negros, os povos constituintes do Movimento da Negritude? A raça? A etnia? A exploração sofrida?

Para o sociólogo uruguaio Carlos A. Gadea (2013, p. 24), a raça está atrelada às condições sociais e históricas. De acordo com o autor, “[...] a identificação racial resulta de uma atribuição realizada pelos próprios indivíduos ao inserir-se numa específica relação em que é preciso definir ‘marcas’ como sinônimo de distinções ou fronteiras grupais.” De acordo com Gadea, a questão identitária racial possui, portanto, maior ligação com a classe do que com a cor da pele de um indivíduo.

Entretanto, como situar e conceituar os povos que compartilham a mesma cor de pele? O sociólogo Gadea traz em *Negritude e pós-africanidade: crítica das relações raciais contemporâneas* (2013) o conceito de *Africanidade* que agruparia os povos com a mesma cor de pele. O autor apresenta a distinção e a relação entre esses dois conceitos, negritude e africanidade. De acordo com Carlos A. Gadea (2013, p. 87),

A africanidade é um espaço de elaboração discursiva e política que pretende sintetizar a pertença coletiva de um grupo humano a uma comunidade presumivelmente fundamentada em determinadas especificidades históricas e culturais referenciadas no continente africano.

Dessa forma, de acordo com o teórico, podemos utilizar o termo Negritude para designar todos os oprimidos, já a africanidade limita-se a referir as populações oprimidas que possuem descendência africana, pele negra.

Já para Stuart Hall (2015, p. 3), teórico e sociólogo jamaicano, a etnia também não é cor de pele, para ele, “A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às

características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de ‘lugar’ – que são partilhadas por um povo.” Etnia é, resumidamente, os elementos que caracterizam determinada cultura, não tendo ligação alguma com a cor da pele.

Porém, há uma indagação: Se a etnia não se refere à cor da pele, então é a raça que significa a cor de pele de um indivíduo? Para Hall (2015, p. 37), não. De acordo com o jamaicano, a raça é a identificação com determinada cultura.

Nos últimos anos, as noções biológicas sobre raça, entendida como construída de espécie distintas [...] têm sido substituídas por definições *culturais*, as quais possibilitam que a raça desempenhe um papel importante nos discursos sobre nação e identidade nacional.

Em suma, Stuart Hall pensa a etnia como elementos caracterizantes de determinada cultura e raça como uma identificação cultural. Portanto, conceber a raça como simplesmente a cor da pele é resultado das ideologias imperialistas que, inicialmente racionalizaram o mundo para em seguida hierarquizá-las. As categorizações humanas foram pensadas como mecanismos de legitimação das dominações. Para Césaire (2010, p. 11)

A *raça* e o *racismo* foram erigidos pelos *não-negros* em uma *metaconsciência* totalizadora, definidora do humano em termos puramente tautológicos, maniqueístas e essencialistas, como fruto de uma *metavisão* hegemônica. (grifos do autor)

A ideia de raça foi construída para fins específicos: hierarquizar os povos, para que processos escravagistas fossem legitimados e, de certa forma, aceita pela humanidade. Como consequência dessa classificação temos visto manifestações do racismo em praticamente todo o globo, em alguns países mais brandos do que em outros países.

O historiador francês, Olivier Pétré-Grenouilleau (2009, p. 33), concorda com Hall ao dizer que

Considerar que alguns homens são ‘naturalmente’ inferiores a outros é o mesmo que adotar uma atitude que podemos classificar de racista, pois passamos facilmente da afirmação de uma ‘inferioridade natural’ de alguns homens para um pretensão ‘direito’ de mantê-los numa posição social de dominação (esquecendo que, evidentemente, não é a ‘natureza’ que dita o direito). Escravidão e racismo aparecem assim intimamente ligados- embora, como fizeram muitos especialistas, seja preciso distinguir dois tipos de racismo, que, aliás, podem se combinar.

Esclarecer os conceitos ligados à identidade do sujeito negro é uma forma de pensamento liminar, ou seja, uma forma de conhecimento produzido pelas margens, pelos que não se encontram no centro da sociedade. Esses saberes marginais são produzidos em momentos de desarmonia e conflitos identitários. Para a investigadora brasileira, Zilá Bernd (1988, p. 14), “É justamente desse modo – como crise de identidade – que nasce o movimento da Negritude.”, portanto, é a Negritude a válvula de escape, o mecanismo que permitiu ao indivíduo negro o encontro com o seu eu, sua forma de re-enraizamento.

O sociólogo Gadea (2013, p. 78) vai ao encontro de Zilá ao dizer que “[...] a negritude teria surgido da resistência e oposição aos estereótipos ‘introjetados’ na sociedade acerca do indivíduo negro e a sua vida em sociedade”. Era o momento de mudança de perspectiva sobre a História que fora contada a respeito da população negra.

Os negros não serviam apenas para o trabalho escravo, para a reprodução e para o açoite. Um indivíduo negro não era simplesmente um corpo, carne em si, mas também havia sua subjetividade, a capacidade de pensar e produzir conhecimento, elementos esses que deveriam ter sido levados em conta.

De acordo com Zilá Bernd (1988, p. 29), o Movimento da Negritude tem base em três correntes de pensamento: marxismo, surrealismo e existencialismo. Segundo ela,

O marxismo, por ser a força política mais apta a sustentar os colonizados em sua revolta; o surrealismo, por privilegiar o ‘primitivo’, solapando os valores racionalistas do Ocidente, adapta-se como uma luva a um movimento que pretende contrapor a EMOÇÃO à RAZÃO, o MÁGICO ao CIENTÍFICO; o existencialismo, por ser a filosofia segundo o qual o homem se define pela ação. (destaque da autora)

Por meio dessas três correntes de pensamento, o Movimento da Negritude é, por si só, um movimento de resistência racial, social e cultural não só dos povos negros, mas de todos que se encontravam (e ainda muitos se encontram) oprimidos socialmente, permitindo assim, a descolonização das mentes e a libertação do jugo imperialista.

Nos próximos tópicos, tecerei reflexões a respeito do Movimento da Negritude em duas perspectivas: a utópica de Aimé Césaire e a falida de Léopold Sédar Senghor. Em seguida trarei algumas reflexões sobre as novas facetas da Negritude. Vamos às discussões.

2.1 Aimé Césaire e seu ideal utópico

Aimé Césaire nasceu em 26 de junho de 1913 em Basse-Pointe, Martinica, em uma família constituída por um pequeno funcionário e uma costureira. Césaire destacou-se no liceu Schoelcher de Fort-de-France, conseguindo assim uma bolsa de estudos no liceu Louis Le Grand em Paris.

Em 1931, com dezoito anos de idade chega a Paris para prosseguir seus estudos, lá conhece Léopold Sédar Senghor (que torna-se seu mentor intelectual) e Léon Gontran Damas, seus parceiros intelectuais no Movimento da Negritude. No ano de 1934, junto de outros jovens estudantes negros, funda o jornal *O estudante Negro*, que foi um canal essencial para a difusão do conhecimento negro.

No ano de 1939, Césaire publica *Cahier d'un retour au pays natal* (*Diário de um retorno ao país natal*), um poema que ecoa a voz do indivíduo colonizado em busca do retorno à mãe África. O livro foi publicado pela primeira vez no ano de 1939 na revista *Volontés*, mas sua versão definitiva data de 1956, pela editora *Présence Africaine*, é nesta obra que aparece pela primeira vez a palavra *negritude*, nomeando aquele que seria o grande movimento da exaltação negra. Veja abaixo um trecho do poema de Aimé Césaire (2012, p. 83, 85 e 87):

Era um negro muito, muito bom.
e não lhe ocorria a ideia que poderia revolver, cavar, cortar outra
coisa, outra coisa além da cana insípida
Era um negro muito, muito bom.
E jogavam-lhe pedras, pedaços de ferro, cacos de garrafa, mas nem
essas pedras, nem esses ferros, nem essas garrafas...
Ó quietos anos de Deus sobre esse torrão terráqueo!
E o chicote disputou ao voejar das moscas o orvalho açucarado das
nossas chagas.
Eu digo hurra! A velha negritude
progressivamente se cadaveriza
o horizonte se desfaz, se retira e se alarga
e eis entre os rasgões de nuvens a fulgurância de um signo
o negreiro estala por toda parte... Seu ventre convulso ressoa... A
horrível tênia do seu carregamento rói as tripas fétidas da estranha cria
dos mares!
E nem o júbilo das velas enfunadas como uma bolsa recheada de
dobrões, nem as peças pregadas à tolice perigosa das fragatas policiais
o impedem de ouvir a ameaça dos seus grunhidos intestinos
Em vão para distrair-me o capitão enforca no seu grande mastro o
negro mais afoito ou o lança ao mar, ou o atira à sanha dos seus
molossos

A negrada que cheira a cebola frita reencontra no seu sangue
derramado o gosto amargo da liberdade
E está de pé a negrada
a negrada arriada
inesperadamente de pé
de pé no porão
de pé nas cabines
de pé na ponte
de pé ao vento
de pé sob o sol
de pé no sangue
de pé
e
livre
de pé e não pobre louca na sua liberdade e seu despojamento
marítimos girando na deriva perfeita
ei-la:
mais inesperadamente de pé
de pé nos cordames
de pé junto à barra
de pé junto à bússola
de pé diante do mapa
de pé sob as estrelas

Esse trecho de *Cahier d'un retour au pays natal* expressa o surgimento da Negritude como um grito de resistência contra todas as injustiças, as explorações e dominações sofridas pelos povos negros, um basta aos navios negreiros e às mortes, um movimento que foi erguido pelo sangue dos antepassados mortos pela ideologia imperialista. A tomada de consciência daqueles que viam na escravidão a única forma de vida, como se a realidade se limitasse à exploração dos indivíduos escravizados.

A base da negritude foi o princípio da igualdade entre todos os seres humanos onde se buscava a África para os africanos, não mais possuída pelos colonos (brancos exploradores). Para os ideários do movimento, o principal anseio era despertar no indivíduo negro o orgulho de ser negro, assim como o branco se orgulhava, e continua se orgulhando, de ser branco, por esse motivo, a Negritude é uma questão fortemente cultural, apesar de influir sobre outros campos da sociedade. Para Zilá Bernd (1988, p. 17)

A idéia foi justamente assumir a denominação negativamente conotada para reverter-lhe o sentido, permitindo assim que a partir de então as comunidades negras passassem a ostentá-lo com orgulho e não mais com vergonha ou revolta.

Bernd refere-se ao fato de que a palavra usada para discriminar os povos negros na França, *Nègre*, passou a ser usada como denominação do movimento que buscava

justamente o empoderamento negro, pois o termo ganha um significado positivo. Exatamente isso que se buscou fazer com os povos negros, revertendo as injúrias, o racismo e o preconceito entre as nações, para que dessa forma houvesse a igualdade e o respeito mútuo. Se a população branca estava isolando a população negra por ela ser negra, foi justamente isso que aconteceu, uma separação, pois o Movimento abrigou esses povos sob a Negritude.

No ano de 1987 na Conferência sobre a noção de Negritude, ocorrida em Miami, Aimé Césaire proferiu o Discurso sobre a Negritude, onde faz um balanço do Movimento, de forma mais consciente e madura. Neste discurso, Aimé Césaire (2010, p. 104) diz que

[...] a Negritude não é essencialmente de natureza biológica. Evidentemente, para além do biológico imediato, ela faz referência a qualquer coisa de mais profundo, mais exatamente a uma soma de experiências vividas que terminaram por definir e caracterizar uma das formas de humanismo criado pela história; é uma das formas históricas da condição humana.

Nesta perspectiva, a visão é social e não racial, respeitando os diferentes grupos que, assim como o povo negro, também foram explorados e dominados pela ideologia imperialista. Aí se incluíam também os indígenas e asiáticos (que apesar da cor da pele não pertencem aos aliados da Europa). São grupos sociais que compartilham o sofrimento da desumanização, que foram, de uma forma ou de outra, tirados de suas raízes, com a cultura e a identidade usurpada por um empreendimento ideológico que visava o lucro europeu. Foi uma revolta indispensável que, pela emergência, não poderia ser passiva e nem pacífica, um verdadeiro esforço do homem incompleto (pela opressão) em busca da “humanização da humanidade”²⁷, foi uma verdadeira resposta ao reducionismo europeu.

No poema *Persona* (2001, p. 220), Nancy Morejón traduz em palavras esse sentimento de apagamento dos povos negros:

*Cuál de estas mujeres soy yo?
¿O no soy yo la que está hablando
tras los barrotes de una ventana sin estilo
que da a la plenitud de todos estos siglos?
¿Acaso seré yo la mujer negra y alta
que corre y casi vuela
y alcanza records astronómicos,*

²⁷ Expressão usada por Césaire no número 1 da revista *L'Étudiant Noir* (O estudante Negro) em 1935.

*con sus oscuras piernas celestiales
en su espiral de lunas?
[...]
Todos mis huesos, ¿serán míos?
¿de quién serán todos mis huesos?
¿Me los habrán comprado
en aquella plaza remota de Gorée?
¿Toda mi piel será la mía
o me han devuelto a cambio
los huesos y la piel de otra mujer
cuyo vientre ha marcado otro horizonte,
otro ser, otras criaturas, otro dios?²⁸*

Quem sou eu? Essa é a indagação do eu-lírico do poema que teve sua identidade usurpada pela escravidão. Cheia de questionamentos, ela não sabe a quem pertencem seus ossos, sua pele e até mesmo o seu ventre. O eu-lírico menciona a praça de Gorée, uma ilha localizada no Senegal que simboliza o tráfico negreiro e que durante os séculos XV até XIX tornou-se um grande centro do comércio de escravizados. Gorée é justamente o local que a voz lírica indaga sobre a compra de seus ossos, por esse motivo, muitos descendentes de ex-escravizados desconhecem suas origens.

Ainda para Césaire (2010, p. 10), o Movimento da Negritude é “[...] o fruto do amadurecimento gradativo de toda uma linhagem de pensamento, de ambos os lados do Oceano Atlântico, sobre a condição dos africanos no seu continente e de seus descendentes na diáspora.” Ou seja, a causa inicial do despertar negro se dá não só na África colonizada, mas, sobretudo na América colonizada que se transformou na morada dos africanos escravizados.

²⁸ Pessoa

Quais dessas mulheres sou eu?
Ou eu não sou a que está falando
atrás das barras de uma janela sem estilo
que dá à plenitude de todos esses séculos?
Acaso serei eu a mulher negra e alta
que corre e quase voa
e alcança registros astronômicos,
com suas pernas celestes escuras
em sua espiral de luas?
[...]
Todos os meus ossos, eles serão meus?
De quem serão todos os meus ossos?
Eles terão comprado de mim
naquela remota praça de Gorée?
Toda minha pele será minha
ou eles me retornaram em troca
os ossos e a pele de outra mulher
cujo ventre marcou outro horizonte,
outro ser, outras criaturas, outro deus? [tradução livre].

Como dito anteriormente, foi por meio da aproximação dos jovens negros intelectuais que foram para Paris estudar que surge o movimento, pois é no ambiente europeu, longe do lar que se perceberam diferente, foi nesse momento em que se reconheceram como negros. Fora de seus países onde em seu entorno só havia semelhantes, Césaire, Senghor e Damas tomam consciência de sua Negritude.

Nas palavras de Césaire (2010, p. 104-105),

[...] A Negritude , aos meus olhos, não é uma filosofia. A Negritude não é uma metafísica. A Negritude não é uma pretenciosa concepção do universo. É uma maneira de viver a história dentro da história; a história de uma comunidade cuja experiência parece, em verdade, singular, com suas deportações de populações, seus deslocamentos de homens de um continente para o outro, suas lembranças distantes, seus restos de cultura assassinadas. [...] Eu, pessoalmente, diga-se de passagem, nunca pude me habituar a idéia de que os milhares de homens africanos, que o tráfico negreiro transportou outrora às Américas, não tiveram outra importância senão sua força animal- uma força animal análoga, e não necessariamente superior, àquela do cavalo ou do boi- e que aqueles não tenham impregnado as civilizações nascentes de um certo número de valores essenciais , dos quais essas novas sociedades eram portadoras em potencial. Vale dizer que a Negritude, em seu estágio inicial, pode ser definida primeiramente como tomada de consciência da diferença, como memória, como fidelidade e solidariedade. Mas a Negritude não é apenas passiva. Ela não é da ordem do esmorecimento e do sofrimento. Ela não é da ordem do patético nem do choramingo. A Negritude resulta de uma atitude proativa e combativa do espírito. Ela é um despertar, despertar de dignidade. Ela é uma rejeição; rejeição da opressão. Ela é luta, isto é, luta contra a desigualdade. Ela também é revolta [...]

A Negritude traz em seu bojo a luta pela autoestima negra, pois o sujeito negro não era visto e nem tratado como ser humano pelos colonizadores o que acarretou em um desmerecimento pelo próprio colonizado. A identidade, a cultura, a religião, a economia e a política são severamente afetadas e influenciadas pelo pretenciosismo europeu.

As terras estavam colonizadas, os corpos, as mentes, os saberes e as culturas também. A humanidade negada, a identidade já havia sido roubada, então surge a Negritude com a salvação dos oprimidos, como forma de ressurgimento das raízes africanas. Era a vez dos humilhados serem exaltados. Césaire (2010, p. 21) diz que

A **Negritude** situa-se no terreno de um movimento de ideias e práticas que, assumindo a noção de **raça**, para desmitificá-la, visa derrotar o **racismo**. A **Negritude** é a exigência ontológica do Ser Humano que fora transformado em ‘negro-animal’, ‘negro-vegetal’,

‘negro-coisa’, ‘negro-sujeira’, ‘negro-fealdade’, ‘negro-sem-história’ e, naturalmente, ‘negro-sem-porvir’. (grifos do autor)

Da mesma maneira que a palavra *Nègre* fora usada como ferramenta positiva no movimento, a ideia de raça também serviu de estratégia para a descolonização do saber e das mentes. Como o conceito de raça foi/é um construto social para legitimar a escravidão e a colonização, nada mais natural que o grupo mais prejudicado por esse construto, o grupo negro, usá-lo para fins também ideológicos.

A Negritude buscou em seu início a anulação das diferenças raciais, já que essas diferenças usadas pelo imperialismo estavam carregadas de relações de poder. Os povos negros e oprimidos precisavam ter consciência e entender sua situação na sociedade, pois ao branco cabia mandar e ao negro obedecer, isso em toda e em qualquer tipo de relação social, o que deu origem assim ao chamado racismo estrutural, tão praticado em nossos dias.

A questão principal é que se o negro foi negado globalmente ele precisava ser empoderado²⁹ globalmente também, por isso a Negritude se transformou em um movimento social no qual o negro buscou o direito de ser reconhecido como homem, e como tal ser respeitado, independente da sua cor de pele. Resumidamente, o foco do movimento é a transformação da visão do negro sobre si mesmo, um olhar outro sobre a sua humanidade.

O movimento é, sem sombras de dúvidas, um exemplo de pensamento liminar, como pensado por Walter Mignolo, um pensamento marginal que busca a descolonização das mentes, do saber e da cultura. Nas palavras do próprio Mignolo (2003, p. 126) “O pensamento liminar, em outras palavras, é, do ponto de vista lógico, um lócus dicotômico de enunciação, e, historicamente, situa-se nas fronteiras (interiores + exteriores) do sistema mundial colonial/moderno...”.

De acordo com Bernd (1988, p. 33)

Para Aimé Césaire, a Negritude representava, antes de tudo, um ato de subversão, a qual se realizava no nível da linguagem. A palavra de ordem era subverter os discursos rituais que se impunham aos negros colonizados, fazendo-os escrever poemas sobre neve, pinheiros e outros tantos elementos da flora e da fauna europeias que os poetas do Caribe jamais haviam visto.

²⁹ O termo empoderado deriva inicialmente de “empowerment” cunhado pelo psicólogo norte-americano, Julian Rappaport em 1977, em referência à necessidade de dar ferramenta aos grupos desprivilegiados socialmente. Paulo Freire, educador brasileiro, apodera-se do termo conferindo-lhe o significado de que o empoderamento deveria partir dos próprios oprimidos socialmente. Atualmente, o termo é vastamente utilizado pelos movimentos sociais do mundo todo.

Os negros viviam como sub-europeus, como animais domesticados aos moldes de vida europeia, mesmo estando nas colônias, seu cotidiano era ditado pela ideologia imperialista. A Negritude nasce justamente para mudar essa situação, já que a independência territorial já havia sido conquistada. Intenta-se uma vida, uma intelectualidade, uma cultura, uma visão de mundo e perspectivas puramente negras, sem influências ou mandos da Europa colonial.

Foi na literatura o maior espaço encontrado pelos jovens intelectuais negros para expressão desse pensamento original dos oprimidos, foi onde eles encontraram visibilidade para suas manifestações culturais, como exemplificado por Césaire (2012, p. 37) no trecho abaixo:

Quem e o que somos? Admirável pergunta! De tanto olhar as árvores tornei-me uma árvore e meus longos pés de árvore cavaram no solo largas bolsas de veneno altas cidades de ossadas de tanto pensar no Congo tornei-me um Congo farfalhante de florestas e rios onde o chicote estala como um grande estandarte o estandarte do profeta onde a água faz licualá-licualá onde o raio da cólera lança seu machado esverdeado e acua os javalis da putrefação na bela orla violenta das narinas.

Porém, o sonho de Césaire não teve completo sucesso. O teórico pensava uma harmonia entre os povos que até nos dias atuais não se vê, talvez pelo fato de se pensar somente na raça negra, talvez por pensar somente a raça e se esquecer da importância de atrelá-la às questões de classe. O fato é que o ensaio de Sartre enfraqueceu e fragmentou o movimento da Negritude que já tinha suas falhas devido ao extremo afrocentrismo³⁰.

Zilá Bernd, assim como Carlos A. Gadea, acredita em uma Negritude capaz de unir todos os povos que se encontram dominados, explorados, colonizados, e escravizados, sejam pela colonização, seja pelo capitalismo selvagem atuante em nossa sociedade contemporânea. Para os teóricos, limitar o movimento aos povos de pele negra não resolveria o problema, do contrário, traria maiores dificuldades em diminuir as diferenças sociais.

A Negritude de Césaire surge como um agrupamento dos povos que compartilham o sofrimento humano e foi por meio desse movimento que os indivíduos que foram explorados e marcados pela escravidão, encontraram-se através da recuperação do seu passado histórico, resgatando sua identidade por meio do conhecimento histórico e da valorização de suas raízes africanas.

³⁰ Ideologia que busca um retorno à África ansiando de uma vida livre das influências da cultura ocidental dos antigos colonizadores, o que sabemos ser totalmente impossível devido às trocas culturais.

Um movimento erguido por causas negras, para os povos negros e pelos negros. Essa foi a grande revolução: o desprendimento da dominação intelectual branca. Surge assim, um pensamento próprio negro, fora do jugo imperialista, o qual teve a mudança maior no campo da identidade racial já que anteriormente a identidade negra fora forjada pelos europeus, mas a partir do movimento a subjetividade passa por um processo de afirmação cultural, intelectual e política.

Em *Cahier d'un retour au pays natal* (*Diário de um retorno ao país natal*) Césaire tece uma espécie de epopeia na qual é o colonizado quem anseia pelo retorno a sua terra natal. Para o intelectual Aimé esse regresso pode ser tanto para seu país, Martinica, quanto para a Mãe África, já que quando ele escreve o diário ele está em Paris. Um retorno não às origens africanas, que já não existiam (porque a colonização e a exploração europeia no continente deixaram influências pelo bem ou pelo mal), mas sim um conhecimento da história africana, reconhecendo sua identidade atual com influências de sua origem.

Uma verdadeira viagem de regresso ao eu africano, viagem profunda e constante, como disse Césaire (2012, p. 65):

Minha negritude não é uma pedra, sua surdez lançada contra o clamor
do dia
minha negritude não é uma mancha de água morta sobre o olho morto
da terra
minha negritude não é uma torre de catedral
ela mergulha na carne rubra do solo
ela mergulha na carne ardente do céu
ela perfura o abatimento opaco com sua reta paciência.

A Negritude foi um alto clamor de resistência cultural, identitária e da emancipação do pensamento negro contra toda forma de exploração colonial e influência imperialista. Foi também uma forma de protagonismo negro no qual todo resquício ou fagulha de assimilação era repudiado, mas como veremos no próximo tópico a assimilação trouxe drásticas consequências ao movimento.

O negro foi negado globalmente, foi visto como animal universalmente, portanto, a sua autoafirmação precisou ser global. O Movimento da Negritude vem ao encontro dessa necessidade dos povos negros terem uma consciência identitária negra, valorizarem suas raízes e transformarem seu pensamento sobre si mesmo. Era necessário um empoderamento de todos os povos oprimidos, e foi isso que a Negritude buscou.

René Depestre em *Bonjour et adieu à la négritude* (1980, p. 82) conceitua o movimento da Negritude como “ um sentimento de revolta de uma categoria de seres humanos contra o processo histórico de aviltamento e de desnaturalização que a colonização batizou genérica e pejorativamente de negros”. O problema era político, mas principalmente econômico, pois quanto mais povos negros escravizados, maior seria o lucro europeu, mesmo que para isso fosse necessário tirar-lhes não somente a liberdade física, mas também o livre pensar e a autoestima.

Vale mencionar ainda que no processo de colonização não foi só o negro e o indígena que receberam influências europeias, o contrário também ocorreu, pois em qualquer tipo de contato cultural as mudanças são mútuas. Como resultado desses choques culturais surgem fenômenos como a mestiçagem, o hibridismo, o multiculturalismo, o sincretismo (no campo religioso), dentre outros.

Porém, esses fenômenos que surgem dos contatos culturais nem sempre são pacíficos, geralmente são resultantes de embates culturais onde ocorrem perdas e aquisições de novos elementos identitários e culturais regados de muita resistência e violência. Através do Movimento da Negritude todos esses fenômenos passam a ser compreendidos por ambas as partes dos indivíduos modificados pelo processo de colonização, tanto os colonizadores quanto os colonizados.

Roland Walter (2010, p. 99) reflete justamente sobre esses processos culturais, de acordo com o autor,

[...] as formações culturais não desapareceram em outras (aculturação e desculturação), mas se entrelaçam, criando novas formações culturais por intermédio de malabarismos determinados pelos indivíduos e pelas comunidades.

Para o teórico, assim como para outros intelectuais (Stuart Hall, por exemplo), as culturas atuais são resultado de aglutinações, de contatos entre diferentes povos. Esse fenômeno é denominado de transculturação, ou seja, quando culturas diferentes se unem (geralmente de forma não muito pacífica) e formam uma terceira cultura, em um processo sem fim. Portanto, a pureza e a unificação cultural são ilusórias.

Busco sempre frisar o fato das junções culturais não serem pacíficas para que não haja confusões como, por exemplo, o mito da Democracia Racial, com utópicos pensamentos da igualdade entre as raças. A igualdade só funciona na lei, mas na *prática* não existiu e ainda não existe, como exemplificou Fanon (2008, p. 183) ao dizer que “Quando acontece de o preto olhar o branco com ferocidade, o branco lhe diz: ‘ Meu irmão, não há mais diferença entre nós’. Entretanto o negro *sabe* que há diferença”.

O negro é o mais prejudicado nos contatos com o branco europeu, ele é sempre o não civilizado, o selvagem, o que precisa de um salvador, o que não sabe o que é melhor para si mesmo. Nas palavras de Fanon (2008, p. 90) “A inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Precisamos ter a coragem de dizer: *é o racista que cria o inferiorizado*”. O negro foi criado pelos olhos brancos, sua cultura, língua, religião e identidade ficaram à mercê do julgamento imperialista, pois o que o branco disse que era bom, foi visto como bom, e o que o branco disse ser ruim, foi ruim, essa era uma verdade universal, até o momento em que surgiram movimentos libertários como a Negritude.

Existe uma espécie de afropessimismo na sociedade em geral, como se tudo que é negro, africano ou têm suas origens na África recebesse o estigma de maligno, duvidável e digno de ser evitado. Assim foi durante a colonização e escravidão, assim também é em nossa sociedade dita pós-moderna, que nesse quesito não avançou o quanto deveria. Nancy Morejón (2001, p. 126) expressa esse sentimento de afropessimismo no poema *Negro*, veja abaixo:

*Tu pelo,
Para algunos,
Era diablura del infierno;
Pero el zunzún allí
Puso su nido, sin reparos,
Cuando pendías en lo alto del horcón,
Frente al palácio de los capitanes.³¹*

O cabelo afro é uma das maiores formas de resistência da identidade negra, pois é através dele que expressamos as nossas raízes negras. Tanto isso é fato que foi justamente o cabelo o símbolo de um dos movimentos negros mais conhecidos ao redor do mundo: Black Power.

Muitos veem no cabelo afro uma maldição, como diz a voz lírica do poema, o que resulta das mentes e culturas colonizadas no passado e da atual estereotipação da beleza. Uma mãe que tivesse um filho ou uma filha com o cabelo cacheado, e principalmente crespo, estava fadada a sofrer para cuidar do cabelo “ruim” da criança.

³¹ Teu cabelo,
Para alguns,
Foi maldição do inferno;
Mas o boato aí
Colocou o seu ninho, sem reparos,
Quando você pendurou no topo do tridente,
Na frente do palácio dos capitães [tradução livre].

A marginalização do cabelo afro com o estigma de maldição contribuiu para que homens negros e mulheres negras escolhessem parceiros brancos para que pelo menos seus filhos tivessem cabelo “bom”.

Todos esses padrões de pensamento colonizado bebem nas águas do período colonial, onde o branco foi símbolo de beleza, pureza e salvação e o negro era o representante das trevas, mas principalmente remetem às políticas públicas de ex-colônias, como no caso do Brasil, onde foi implantada a Eugenia³² logo após a libertação dos escravizados.

Políticas públicas como a Eugenia foram implantadas com um único objetivo: embranquecer a população, já que era o branco que simbolizava o desenvolvimento, a civilização e a riqueza. A miscigenação, tão louvada nos dias atuais, esconde uma ideologia eugenista também, pois acreditava que era o populacho negro que atrasava o país. Quanto mais clara a pele melhor, quanto mais liso o cabelo, melhor também.

Frantz Fanon (2008, p. 95) em um de seus brados por justiça diz que

Quando se trata de compreender porque o europeu, o estrangeiro, foi chamado de *vazaha*, isto é, ‘honorável estrangeiro’, quando se trata de compreender por que os europeus naufragados foram acolhidos de braços abertos, por que o europeu, o estrangeiro, não foi jamais considerado como um inimigo- em vez de partir da bondade, da benevolência, da polidez, traços fundamentais daquilo que Césaire chama de ‘antigas civilizações cortesias’, nos dizem que assim é, simplesmente, porque estava inscrito nos ‘hieróglifos fatídicos’- no caso, o inconsciente- algo que fazia do branco o senhor esperado.

A história nunca foi justa e a Negritude ergue-se como uma forma de suprir essas diferenças históricas para com os povos negros. De acordo com René Depestre (1980, p. 90), “O escravo foi literalmente um resto de homem, um zumbi, a quem o capitalismo comercial roubou e confiscou, além de sua força de trabalho, sua alma e sua razão, a livre disposição de seu corpo e suas faculdades mentais”, mas, felizmente, a narrativa que a Europa colonizadora fez sobre os povos negros transforma-se por meio da Negritude.

No próximo bloco, transcorrerei sobre os infortúnios do movimento que trouxeram enfraquecimento para as lutas negras e tecerei algumas reflexões a respeito da Negritude de Léopold Sédar Senghor e como ela influi em nossas relações sociais atuais.

³² Teoria, ideologia fundada por Francis Galton em 1883 que significa *bem-nascido* e diz respeito à seleção nas coletividades humanas com base em leis genéticas. Além de legitimar a marginalização e segregação negra na América, também contribuiu para legitimar o nazismo na procura da “raça pura”.

2.2 Declínio inevitável: a perspectiva senghoriana

Léopold Sedar Senghor nasceu em Joal, Senegal, em 9 de outubro de 1906, seu pai era um comerciante católico e sua mãe muçulmana. Assim como Césaire, destaca-se nos estudos e vai, em 1928, à Paris terminar os estudos. Senghor foi também o primeiro africano a se formar em uma licenciatura na Universidade de Sorbonne. Em Paris conhece outros estudantes negros, Césaire e Damas, que juntos fundam o Movimento da Negritude. No ano de 1960, com a independência do Senegal, Senghor é eleito, por unanimidade, presidente da Nova República, a qual governa até o ano de 1980.

Logo no início do movimento, há uma ruptura entre a ideologia dos três jovens intelectuais- Césaire, Senghor e Damas- fragmentando assim a Negritude. De acordo com Carlos Moore (2010, p. 21)

Apoiando-se no Marxismo, Césaire e Damas assumiriam posições políticas radicais, advogando a *emancipação* de todas as colônias, na África e na Ásia, sobre a base da independência total. Para eles, a emancipação significava *confrontação*. No entanto, a posição deles no que diz respeito ao império colonial francês no Caribe sempre foi mais complexa, senão ambígua. Para a Martinica, Guadalupe e Guiana, eles propunham apenas a *autonomia*, não a independência; contradição que, mais tarde, lhes causaria desconforto. O caso de Senghor teria um desdobramento distinto. Em 1933, embora o Senegal fosse uma colônia, ele já se beneficiava da cidadania francesa (à qual não renunciaria nem quando da sua eleição como presidente do Senegal, em 1960). Portanto, sua visão ‘anticolonialista’ se desenvolveu no interior de uma concepção dominada pela ideia fixa da *coexistência pacífica* entre colonizado e colonizador, entre as civilizações colonizadoras e as colonizadas. Senghor se opunha ao projeto de independência das colônias.

Senghor acreditava em uma relação pacífica entre os colonizados e os colonizadores, entre o dominador e o dominado, entre o negro e o branco. Não que este relacionamento fosse algo impossível, mas na época foi ingenuidade do senegalês, tanto isso é verdade que, na mínima brecha que o imperialista encontrou entre os povos negros, ele prosseguiu seu projeto ideológico por meio da colonialidade do poder³³, a nova face da colonização.

Fato inquestionável é que Senghor tornou-se um assimilado, um convertido ao imperialismo, que foi facilmente persuadido através do falso lema *somos todos humanos*, sendo que vemos na prática justamente o contrário, pois a humanidade só foi

³³ Conceito a ser detalhado no capítulo 3.

relegada aos povos brancos e os negros desumanizados pela colonização, escravidão e pelo roubo cultural e identitário.

A Negritude de Léopold caminhou pelo caminho espinhoso e quase utópico da conciliação, voltando a limitar-se às dicotomias. A integração entre os diferentes povos não era irrealizável, mas a questão é que o indivíduo negro precisava primeiro reconhecer-se como ser humano, como pessoa digna de respeito. Primeiramente o empoderamento dos povos oprimidos e silenciados para em seguida pensar a igualdade entre os povos.

De acordo com Césaire (2010, p. 17), “Pela primeira vez, na história, os *negros* de todos os lugares mobilizaram-se sem distingo doutrinal em torno de uma questão única: a defesa de um país negro injustamente agredido”. Era a vez dos negros tomarem as rédeas de sua história, cultura e religião, era a narrativa dos marginais sobre a História que seria contada, era a vez da exaltação das características negras, um grito negro ante a humanidade da branquitude.

Vale mencionar que limitar o movimento ao mundo negro é desperdício teórico, além de minimizar o seu impacto sobre o mundo imperialista. Carlos Moore (2010, p. 37) concebe o Movimento da Negritude como um meio de transformação social, pois segundo o autor,

A Negritude é a tentativa específica do mundo negro de *compreensão* teórica desse fenômeno poderoso que é o *racismo*, e da articulação de respostas para contê-lo em suas ramificações socioeconômicas, combatê-lo no imaginário social e destruí-lo nas estruturas através de medidas políticas, culturais e econômicas concretas. (grifos do autor)

Léopold Sédar Senghor pensava um movimento mais pacífico, menos radical tendo por base a mestiçagem como escape para o racismo, mas posso dizer, observando realidades como o caso do Brasil, que a mestiçagem definitivamente não encerra o racismo. Suprimir as diferenças nunca foi e nunca será o melhor caminho, é preciso frisar as diferenças para então haver respeito e cessar a discriminação e os preconceitos.

No contexto africano, Senghor idealizou um projeto de integração o qual denominou de *Euráfrica*, já que, para o senegalês, o mundo negro não era completo nem tampouco o mundo branco. Para o intelectual, a junção entre África e Europa

culminaria em uma convivência pacífica, sem relações de poder. Ledo engano de um assimilado³⁴, pois foi corrompido pela própria ideologia que tentou combater.

Porém, o fator que trouxe o declínio ao movimento foi, para Zilá Bernd (1988, p. 31-32) a divisão feita entre as raças. Nas palavras da teórica,

[...] o fator determinante da fragmentação foi a recuperação do movimento pelas elites dominantes, que espertamente se apercebem de que alguns grupos radicalizam-se na reivindicação de uma *especialidade da raça e dos valores negros*, pondo de lado a necessária solidariedade entre os oprimidos, independentemente da cor da pele.

Dividir para Dominar, estratégia utilizada por muitos governadores e imperadores como César e Napoleão, que também foi utilizada na colonização e escravização, o que explica em parte o sucesso das opressões. Quanto mais divididos menos forças os escravizados teriam para se rebelar contra o sistema.

O lema dividir para dominar também funcionou para enfraquecer o Movimento da Negritude. Zilá Bernd (1988, p. 29-30) em *O que é Negritude* diz que o movimento segue duas direções:

Num primeiro momento, portanto, é a perspectiva marxista de análise da sociedade que favorece o despertar de uma *consciência de raça negra*. Com o passar do tempo, verificam-se duas tendências: uma que opera o trânsito para uma *consciência de classe* e a conseqüente identificação com todos os oprimidos, independentemente da cor da pele, e outra que permanece presa unicamente a uma *consciência de raça*, fato que suscitará as primeiras críticas.

Para Bernd, a Negritude surge com a consciência da raça negra, mas que se encaminha para duas correntes de pensamento distintas, uma que se baseia na consciência de classe e abriga todos os oprimidos, e outra que prende-se na raça negra. Foi nesta duplicidade de concepção do movimento que os imperialistas encontraram abertura para prosseguir sua ideologia de exploração, e Senghor foi seu arremate final, já que se tratava não só de um negro, mas de um negro membro do grupo, o fantoche ideal para a ideologia imperialista.

³⁴ O termo *Assimilado* é utilizado aqui para designar aqueles povos colonizados que passaram a reproduzir a ideologia imperialista. De acordo com Nascimento (2011, p. 05) “trata-se de uma construção jurídica do colonialismo português. Era um status social, legalmente instituído, concedido a todos aqueles nascidos nas colônias que cumprissem determinadas obrigações instituídas em linhas gerais pelo Estatuto Político, Civil e Criminal de Angola e Moçambique (O Estatuto do Indígenato), publicado em 1926 e em vigor até o ano de 1961.”

O declínio inevitável do Movimento se deu pelo discurso de Senghor quando se prende à dicotomia África/ Europa. O senegalês disse que a emoção está para a África assim como a razão para a Europa, mais especificamente, *A emoção é negra como a razão é grega*. Essa afirmação serviu de legitimação para os discursos dominadores e imperialistas europeus, tachando os povos negros de não civilizados, e pôs o negro em um lugar de subalternidade intelectual, situação que se perpetua até os dias atuais.

O intelectual foi de inquestionável relevância para a Negritude, pois foi um dos seus três fundadores, porém, também foi o grande alicerce de sua derrocada. De acordo com Zilá Bernd (1988, p. 35), o senegalês foi usado pelo sistema imperialista, pois para a autora,

A grande crítica que se faz a Senghor é de, após as tão sonhadas independências das ex-colônias africanas, que ocorreram nos anos 60, ele se ter deixado utilizar pelos interesses do neocolonialismo, permitindo que a Negritude fosse recuperada e utilizada como arma pelo sistema imperialista.

O político foi ludibriado pelo falso sonho da convivência pacífica entre as raças, não que seja algo impossível, mas naquele momento histórico era irreal. Devido a essas divergências ideológicas, Césaire e Damas seguiram um caminho diferente de Senghor. Uma corrente pacifista e outra extremista. Para Bernd (1988, p. 35-36), essa situação deve-se ao contexto em que estavam inseridos, segundo a autora,

O fato de Senghor estar inserido na realidade africana e Césaire na América faz com que Senghor admita a mestiçagem. Para ele a aproximação com o Ocidente parece benéfica. Césaire distancia-se cada vez mais dessa posição, identificando-se com os primeiros negros chegados à América como escravos, aos quais tudo foi subtraído: a língua, a cultura, e até o próprio nome, obrigados que foram a *assimilar* os padrões culturais do colonizador.

Senghor junto de Sartre contribuiu de forma decisiva para a desintegração do Movimento da Negritude, seus desserviços ecoam até aos dias atuais, Bernd chega a dizer que a atitude assimilacionista do senegalês fez com que o racismo se eternizasse. Mas essas não foram as únicas adversidades para o total sucesso do movimento. Outra crítica feita pelos críticos da Negritude foi o fato de limitar-se, muitas vezes, à questão da cor da pele.

Porém, pergunto-me: A cor da pele seria o suficiente para abrigar todos os afetados negativamente pelo imperialismo? Zilá Bernd (1988, p. 39) nos responde que

[...] a Negritude ao encerrar-se na consciência epidérmica, num mero ‘reconhecer-se pela cor da pele’, teria determinado o nascimento de um *racismo às avessas*, condenando-se a si própria ao museu da História. Longe de ser unicamente uma questão de *comunidade de raça*, o grande problema dos negros espalhados pelo mundo está atrelado à sua condição de oprimido devido a uma ordem social injusta.[...] a Negritude, ao privilegiar a afirmação da raça, estaria mascarando o real problema do negro – sua situação de proletário ou menos do que isso – e dificultando a solidariedade entre os oprimidos.

Para a autora, a Negritude é um movimento que está atrelado mais à classe do que à raça, pois é o amparo de todos aqueles que foram desenraizados de suas culturas, línguas, terras, religiões e identidades. De fato, as necessidades reivindicadas pelo movimento se ligam às consequências sociais de classe, mas essas sequelas por sua vez atingem de forma mais profunda os povos negros, justamente como consequência da escravidão.

No poema *Freedom Now* (2001, p. 32), Nancy Morejón expõe as consequências do capitalismo para os corpos negros. Diz a voz lírica:

Freedom Now

*en el sur de los Estados Unidos
se fabrican ferrocarriles ganchos lámparas
ganchos pintura de uña para señoritas
cremas y helados de chocolate
tinte plateado autos edificios de propiedad horizontal
televisores escuelas democráticas
[...]*

*es decir
ciudades misteriosas llenas de gente
que lincha negros y pisa cucarachas
cualquier vaca sureña exclamaría orgullosa:
“en estos tiempos de coca-cola
Fuerza nuchear y conferencias internacionales
vale mucho más mi leche
que el semen de un estudiante negro”.*³⁵

³⁵ Liberdade agora
para a luta dos negros nos Estados Unidos
no sul dos Estados Unidos
se fabricam ferrovias, ganchos, lâmpadas
ganchos, pintura de unha para as mulheres
cremes e sorvete de chocolate
tinta prata de carro edificios de propriedade horizontal
televisões escolas democráticas
[...]
quer dizer
Cidades misteriosas cheias de pessoas

Morejón exterioriza neste poema o sentimento de revolta do eu-lírico, em um cenário mundial onde o ter é mais valorizado do que o ser. Tudo é em prol do lucro, mesmo que seja preciso escravizar semelhantes, pois é o capital acima de tudo. Por esse motivo, teóricos como Aníbal Quijano acreditam que o capitalismo é uma nova face do colonialismo e um novo padrão de poder, países latino-americanos, Cuba principalmente, escolhem diferentes ideologias políticas visando a igualdade social (socialismo).

Alguns teóricos como Carlos A. Gadea pensam que a Negritude deve ser vista como um movimento de “minoria” que busca a igualdade de oportunidades entre ricos, pobres, negros, brancos, homens, mulheres, dentre outros. Uma resposta dos povos explorados pelo colonialismo, independentemente da cor da pele ou da origem, com grande relevância histórica.

Ainda de acordo com Carlos A. Gadea (2013, p. 63), o racismo não se prende à cor da pele, mas de sua junção com a classe. O teórico diz que atualmente há uma “... reconsideração das noções de racismo e de antirracismo como construções culturalmente surgidas de situações de conflito que cada vez se apresentam mais diversificadas”. A questão é que os povos mais marginalizados socialmente, que vivem as piores condições de vida, que recebem os menores salários, com os cargos menos privilegiados são os povos negros, justamente por questões estruturais causadas pela escravidão.

Porém, pessoas negras que estão em classes sociais altas também sofrem racismo, obviamente que de forma menos explícita, mas sofrem. O dinheiro funciona como um passe de entrada, onde o indivíduo negro é aceito não pelo que é, mas pelo que tem. Ela, ele é aceito, entretanto, até certo ponto. Sempre haverá uma desconfiança, um racismo velado permeando as relações sociais.

As estruturas de classe estão intimamente imbricadas das questões de raça, porque após o período de colonização e escravidão, com a abolição da escravatura, o povo negro foi relegado às periferias e aos piores tipos de empregos. Como

que lincha negros e pisa baratas
qualquer vaca do sul exclamaria orgulhosamente:
"Nestes tempos da Coca-Cola
Força Nuclear e conferências internacionais
meu leite vale muito mais
do que o sêmen de um estudante negro "[tradução livre].

consequência, essa situação se perpetuou até os dias atuais e por esse motivo, há maior necessidade em quitar essa dívida histórica com a população descendente dos escravizados, através de políticas públicas como as cotas.

A realidade é que o Movimento da Negritude foi e ainda é de grande importância, principalmente para a autoestima do indivíduo negro. Césaire (2010, p.17) diz que

Em um mundo fortemente hierarquizado em desfavor dos negros, forjar um novo destino, autoassumido, e reconquistar o lugar de protagonista na história, implicava a plena assunção de uma *identidade racial* postulada em termos e valores definidos pelos próprios negros.

O momento histórico do movimento foi de desconstrução social, já que o afropessimismo fazia parte do imaginário europeu. Como forma de combater os estereótipos foi preciso a população negra apropriar-se de uma identidade racial com características, elementos e valores definidos pelo próprio movimento, deixando de lado a visão imperialista desumanizadora sobre os corpos negros.

No poema *Cocinera* (2001, p. 76) Morejón transpõe ao leitor o mundo sombrio das antigas relações entre negros e brancos, evoca situações em que a mulher escravizada era tratada como um simples animal. Vejamos:

Cocinera

*A las cinco llega a la granja.
" Buenos días mi amo",
suele decir sin ganas
como una ley vigente del demonio.
Cocina, da de comer al dueño
y al papagayo;
lava los platos, los ordena
y sale a comer en una lata
junto al corral del patio.
Una hora después,
recoge a los perros del amo
y les sirve su plato favorito
en la sala de mármol del comedor lustroso.*³⁶

³⁶ Cozinheira

Às cinco ela chega na fazenda.
"Bom dia meu dono"
normalmente diz sem desejo
como uma lei atual do diabo.
Cozinha, alimenta o dono
e o papagaio;

A mulher escravizada do poema é uma vítima da “*ley vigente del demônio*”, ou seja, da escravidão em que os seres humanos foram classificados e hierarquizados a fim de servir aos interesses de uma minoria. A cozinheira do poema não serve apenas ao homem branco, mas também ao papagaio e aos seus cães, porém resta a ela apenas comer em uma lata, como um animal.

O Movimento da Negritude surge assim com objetivos de descolonizar as mentes, os saberes, as culturas, não só dos povos negros, mas de todos os povos colonizados, dominados e explorados pela ideologia imperialista, e até mesmo dos colonizadores, assim como já disse Zilá Bernd (1988, p. 52):

A Negritude foi basicamente um movimento que pretendeu provocar uma ruptura com um padrão cultural imposto pelo colonizador como único e *universal*. Essa revolução, operando um *deslocamento* de perspectiva, oportunizou a revalorização de outras culturas, como as de origem africana e indígena, que haviam resistido à voragem assimilacionista.

Percebemos que foram muitos os empecilhos para o êxito total do Movimento da Negritude: a assimilação de Senghor legitimando o domínio e a epistemologia branca ao dizer *A emoção é negra como a razão é grega*, uma vez que não fora dita por um europeu, mas por um negro participante do Movimento; e as críticas de Sartre classificando a Negritude como mais uma fase do pensamento negro, como se não passasse de um balbúcio passageiro.

A mestiçagem cultural foi também outro fator que contribuiu para a fragmentação do movimento, pois um de seus desvios centrava-se unicamente na raça negra, mas a realidade é que as culturas atuais não são puras, e muito menos homogêneas, pois o fenômeno da transculturação ocorre em quase todas as sociedades que colonizaram ou que foram colonizadas. Roland Walter (2010, p. 95) em *(Trans)cultura e tradução* diz que

Cunhado por Fernando Ortiz nos anos 40 do século XX e reinterpretado por, entre outros, Nancy Morejón (1982), Angel Rama

lava os pratos, os arruma
e sai a comer em uma lata
junto ao curral do pátio.
Uma hora depois,
pega os cães do dono
e lhes serve seu prato favorito
na sala de mármore da sala de jantar lustrosa. [tradução livre]

(1982) e Antonio Benítez-Rojo (1996), o termo ‘transculturação’ marca a relação intra e intercultural entre nações, regiões, raças, etnicidades, gêneros, classes e linguagens, na interface ambígua de tempos pré-modernos, modernos e pós-modernos.[...]... é impossível pensar e compreender as nações caribenhas sem tomar em consideração o processo que as criou, a saber: a transculturação.

A transculturação é uma característica não só caribenha, mas compartilhada por todos os povos e nações colonizados, aliás, foi justamente devido à transculturação, e outros fenômenos como a mestiçagem, a miscigenação, o sincretismo, a diáspora, entre outros, que o Movimento da Negritude pode subsistir, e é sobre isso que trataremos no próximo tópico.

2.3 Percepções atuais do Movimento da Negritude – novas Negritudes

Assim que surgiu o Movimento da Negritude ele já passa a ser questionado, atualizado e repensado. A primeira grande revisão do movimento, como já dito anteriormente, foi o ensaio *Orfeu Negro* (1948) do filósofo existencialista Jean-Paul Sartre que pôs em xeque a durabilidade do movimento, sendo concebido como uma etapa- a da conscientização- para se alcançar uma sociedade igualitária, sem classes.

A despeito das críticas, das revisões e das fragmentações ocorridas, é inequívoco afirmar que o movimento perdura até os dias atuais, mas, infelizmente, apesar de vários movimentos como o da Negritude; que visam o combate ao racismo, dominação e exploração; ainda persistem em nossos dias atuais estereótipos dos indivíduos negros. Zilá Bernd (1988, p. 11) diz que

O estereótipo parte de uma generalização apressada: toma-se como verdade universal algo que foi observado em um só indivíduo. [...] A construção do estereótipo pode se dar por ignorância ou quando há um objetivo de dar como verdadeiro algo que é falso, com a finalidade de tirar proveito da situação.

De fato, hoje em dia esses estereótipos prosseguem justamente por isso, para perpetuar o privilégio branco, dos antigos colonizadores, dos seus descendentes que herdaram esses privilégios e que ainda dizem acreditar no mito da meritocracia. Essas ideologias são devastadoras em nossa sociedade, passam anos, séculos e ainda persistem nas relações interpessoais.

A cor da pele era a única diferença, mas por essa característica disseram que os negros eram inferiores, tinham o cérebro menor, assim, era “natural” que fossem

escravizados. Dessa maneira, compreender movimentos como o da Negritude faz com que pensemos mais a respeito das diferenças, das histórias outras, as não oficiais. Portanto, pensar o passado é compreender a construção identitária de um povo, é entender os processos de miscigenação cultural que compõem uma nação. Para Stuart Hall (2015, p. 47)

[...] as sociedades da periferia têm estado *sempre* abertas às influências culturais ocidentais e, agora, mais do que nunca. A ideia de que esses são lugares ‘fechados’ – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade – é uma fantasia ocidental sobre a ‘alteridade’: uma ‘fantasia colonial’ *sobre* a periferia, mantida *pelo* Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como ‘puros’ e de seus lugares exóticos apenas como ‘intocados’.

As identidades atuais tornam-se híbridas, fragmentadas, líquidas e descentradas, justamente devido aos contatos culturais resultantes da colonização, da diáspora e da imigração. No entanto, como disse Hall, persiste a ideologia da pureza racial e cultural das nações, mas as ex-colônias e as ex-metrópoles não são puras, seja a identidade, a cultura ou a etnia. Para Carlos Gadea (2013, p. 80-81)

O ‘movimento da negritude’ tem sido muito influente no contexto das sociedades culturalmente heterogêneas e com traços evidentes de segregação étnico-raciais.[...] Os ‘valores negros africanos’ se relacionam com uma ‘exaltação’ de um suposto passado que procura reverter a narrativa do colonizador, quer dizer, que procura substituir a ‘grandeza branca’ (e a sua civilização) pela ‘grandeza negra’.

O que por muito tempo foi encarado como o padrão, como o único modelo, como referência de beleza, de cultura, de civilização, de conhecimento, passa a ser questionado e a ser refutado pelo Movimento da Negritude. A História narrada pela Europa não é a única possível de ser relatada, há outras perspectivas históricas que merecem atenção.

O imaginário da pureza racial e cultural faz parte do perigo das histórias únicas que constituem novas formas de efetivar uma segunda forma de colonização, dessa vez a colonização das mentes. O Movimento da Negritude atual vem justamente ao embate dessa colonialidade do poder, desse imperialismo norte-americano que se impõe através de seu poder econômico.

Um movimento de luta e resistência, mas principalmente um movimento de afirmação da identidade negra, da identidade dos povos oprimidos pelo imperialismo,

porque um povo sem cultura é um povo sem identidade, por isso Césaire acreditava que as lutas dos movimentos negros atuais deveriam focar não apenas na Negritude, mas também, e principalmente, no racismo que violenta o ser humano injustiçado.

Um dos problemas atuais é que a Europa não assume completamente suas ações do passado. Césaire em *Discurso sobre o colonialismo* (2010, p. 36) diz que

... hoje os nativos da África ou da Ásia reivindicam escolas, e a Europa colonizadora as nega; é o homem africano quem solicita portos e estradas, e a Europa colonizadora raciona; é o colonizado quem quer ir adiante, é o colonizador o que o mantém atrasado.[...] de nenhuma maneira escondo que penso que, no momento atual, a barbárie da Europa ocidental é incrivelmente grande, superada com acréscimos por uma única, é verdade: a estadunidense.

Hoje em dia muitas nações ex-colonizadoras fecham as portas para a imigração, ou seja, o passado colonial não era desejo de civilizar, ajudar e ensinar, era sim desejo de explorar as riquezas naturais e a mão-de-obra escrava, pois caso contrário os países ex-colonizados que se encontram em dificuldades econômicas encontrariam apoio em seus ex-colonos.

O único objetivo era, sem sombra de dúvidas, o lucro das metrópoles, que sem a colonização e a escravidão não seriam grandes potências econômicas na atualidade. Ainda de acordo com Césaire (2010, p. 84)

A única dominação da qual já não se escapa mais é da estadunidense. Quero dizer da única que não se escapa completamente ileso. Posto que falam de fábricas e indústrias por acaso não veem, históricas, em pleno coração de nossos bosques e nossas selvas, cuspidor seu gás carbônico, a fábrica formidável, porém servil? Não veem a máquina nunca vista, a máquina de esmagar, de moer e de embrutecer aos povos? Não veem a prodigiosa mecanização (do homem!), a gigantesca violação do que nossa humanidade de espoliados soube preservar de íntimo, de intacto, de não decomposto?

Existe a possibilidade de outras dominações além da europeia e da estadunidense. Hoje em dia quase todos os países são dependentes economicamente dos E.U.A ou em algum outro aspecto. Por esse motivo para alguns teóricos, como Walter Mignolo, nós ainda continuamos colonizados, porém de diferentes maneiras, o que é denominado de colonialidade do poder nas novas configurações do sistema moderno mundial.

O domínio atual não é territorial, mas cultural e econômico, é a americanização de tudo ao nosso redor. Se pretendo aprender uma língua estrangeira, ela será a Língua

Inglesa; se planejo minhas férias, elas serão em algum lugar dos E.U.A.; se quero me vestir conforme dita a moda, usarei o que os norte-americanos estão vestindo. Inclusive a comida da vez é o fast food, porque a cultura idealizada é a mais próxima possível da cultura estadunidense.

Descolonizar as mentes implica em novas formas de pensamento, em um olhar novo sobre a História. Para Quijano (2005, p. 16) a colonização das mentes e dos saberes ainda persiste em nossos dias, já que perdura

[...] a armadilha epistêmica do eurocentrismo que há quinhentos anos deixa na sombra o grande agravo da colonialidade do poder e nos faz ver somente gigantes, enquanto os dominadores podem ter o controle e o uso exclusivo de nossos moinhos de vento.

Para descolonizar as mentes e o saber é preciso conhecer a nossa própria história através do nosso próprio olhar. Quijano (2005, p. 17) prossegue suas reflexões, para o autor,

A vasta e plural história de identidades e memórias (seus nomes mais famosos, maias, astecas, incas, são conhecidos por todos) do mundo conquistado foi deliberadamente destruída e sobre toda a população sobrevivente foi imposta uma única identidade, racial, colonial e derogatória, 'índios'. Assim, além da destruição de seu mundo histórico-cultural prévio, foi imposta a esses povos a idéia de raça e uma identidade racial, como emblema de seu novo lugar no universo do poder. E pior, durante quinhentos anos lhes foi ensinado a olhar-se com os olhos do dominador.

Nesse contexto que surge o pensamento liminar, como uma nova forma de conceber o mundo, de lê-lo através de outros olhos que não seja do colonizador, do aldeão vaidoso, do grande barão³⁷ e do Próspero.³⁸ O mundo precisava ser repensado a partir das fronteiras, dos entre-lugares e das margens, dos indivíduos que não se encontravam no centro da sociedade (os ex-cêntricos).

O pensamento liminar é o pensamento da margem, é o nosso fazer sem a influência do outro, é desvincular-se do jugo da opressão, é a descolonização das mentes, do saber e da cultura. Mignolo (2003, p. 102) diz que o seu conceito de pensamento liminar

³⁷ De acordo com Silviano Santiago em *As raízes e o labirinto da América Latina* (2006) aquele que sufoca o projeto de nação, que quer manter os seus privilégios; quer repetir a proposta eurocêntrica, o que pensa ser europeu, mas não é. É o grande navegador, civilizador.

³⁸ Em referência à peça *A tempestade* de William Shakespeare, que representa o colonizador, o senhor que traz civilidade aos nativos por meio da escravidão. SANTOS, Boaventura de Sousa. "Entre Próspero e Caliban. Colonialismo, Pós-colonialismo e interidentidade". *Novos Estudos CEBRAP*, nº 66, Julho 2003, p. 24-29.

Emerge das histórias locais dos legados espanhóis na América. Mais especificamente, minha conceitualização emerge do conflito imperial entre a Espanha e os EUA, no século 19, que gerou a fronteira física entre o México e os EUA, mas também as fronteiras metafóricas encenadas nas histórias de Cuba/EUA, Porto Rico/EUA, que basicamente definem a configuração de latino-americanos/as ou hispânicos neste país.

O conceito de Pensamento Liminar desponta em um contexto local e específico: América Latina. Isso se dá justamente pela história da colonização e escravidão, por isso o conceito deve sua existência à história local. São novas narrativas sobre o mundo, que buscam mostrar outros pontos de vistas que surgem a partir da margem, não a verdade, mas outras maneiras de se pensar.

Nancy Morejón evoca no poema *Hablando con una Culebra* (2001, p. 130) um chamamento para o despertar latino-americano e caribenho, pois chegou o momento do avivamento das margens:

Hablando con una culebra

*A ti también te dieron con un palo,
te estrujaron y te escupieron, te pisotearon siempre;
a ti, te mataron con delicia
y te echaron una maldición que hasta hoy hicieron cumplir.³⁹*

O pensamento liminar, decolonial surge como forma de atender às necessidades de uma epistemologia própria da margem. Em *Hablando con una culebra*, Nancy traça um paralelo entre a história bíblica e a história do povo negro. Assim como a cobra no episódio do jardim do Éden, a população negra teve sua história ocultada. A versão, a perspectiva e o ponto de vista da cobra não são conhecidos, da mesma forma, a história não é contada pelo olhar dos marginalizados.

Na perspectiva de Mignolo, o pensamento liminar não intenta tirar um discurso do centro e por outro da margem no lugar, simplesmente busca destruir o centro, ou ainda ter uma pluralidade de pequenos centros, sem hierarquizações. Mignolo (2003, p. 128) ainda diz que “... o pensamento liminar se estrutura numa dupla consciência, uma dupla crítica atuando no imaginário do sistema mundial colonial/moderno e da modernidade/colonialidade”.

³⁹ Conversando com uma cobra

Eles também te deram com um pau,

Eles te apertaram e cuspiram em você, eles sempre pisaram em você;

a ti, te mataram com prazer

e te puseram uma maldição que até hoje eles fazem cumprir. [tradução livre]

O Movimento da Negritude configura-se dessa maneira como uma forma de pensamento liminar, já que foi erguido pelas mãos dos próprios oprimidos, que não estavam no centro da sociedade. Hoje em dia ela é manifestada cada vez que um indivíduo negro exterioriza sua identidade, seja por meio de um pensamento próprio, uma música com raízes africanas e a aceitação de suas características físicas.

Neste contexto surge a denominada Teoria das Representações Sociais que é uma forma de descrever e explicar os fenômenos sociais que nos rodeiam. Por meio da Teoria das Representações Sociais que grupos marginalizados encontram espaço de voz e de (re)existência. De acordo com o elaborador dessa teoria, Serge Moscovici (2003, p. 53-54),

As representações que se formam na sociedade, têm repercussão direta em seu comportamento, atitudes e modos de agir, pois formam estruturas individuais de conhecimentos que informam e orientam os membros de um grupo social, em determinado tempo e espaço.

Até mesmo o Movimento da Negritude pode ser considerado uma forma de representação, já que é uma manifestação política-cultural de determinado grupo social. E vai além, pois além de representar um grupo social, também manifesta outra visão a respeito da História. Veja abaixo no poema *El Café* (2001, p. 208) Nancy Morejón expressando uma memória do período escravocrata, o qual pode ser exemplificada a Teoria das Representações Sociais:

*Mamá trae el café desde remotos mares
como si la historia de su vida
rondara cada frase de humo
que se entrelaza entre ella y yo.
Inusitada del amanecer, sonrío.
Y saltan sobre su cabello de azúcar
las pulseras de oro.
Y el hilo sóbrio de su infancia
pervive entre las dos.*

*Quisiéramos un alto flamboyán de la montaña
a cuya justa sombra durmiese el trovador.⁴⁰*

⁴⁰ Mamãe traz café de mares remotos
como se a história de sua vida
rondasse cada frase de fumaça
que se entrelaça entre ela e eu.
Surpreendida do amanhecer, ela sorri.
E pulam em seus cabelos de açúcar
as pulseiras de ouro.
E o fio sóbrio da sua infância
sobrevive entre as duas.

Nós queríamos de um alto flamboyant da montanha

O poema expressa as lembranças da mãe do eu-lírico, como uma reminiscência de sua infância. No primeiro verso diz “Mamá trae el café desde remotos mares”, remetendo às viagens em navios negreiros de negros escravizados retirados do continente Africano. Uma forma de Representação Social, já que retrata uma situação vivida por milhares de pessoas.

No próximo capítulo discutiremos mais a fundo a poesia de Nancy Morejón e sua ligação com o Movimento da Negritude e com o pensamento liminar. Também trataremos da função lírica de descolonizar as mentes na atual colonialidade do poder.

CAPÍTULO III

...é tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. É tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos.

Aníbal Quijano

III- A POESIA COMO EMBATE SOCIAL

Neste último capítulo, o foco principal será a produção poética de Nancy Morejón contida na obra *Black woman and other poems/Mujer Negra y otros poemas* publicado em 2001 pela Mango Publishing. Com base na obra poética de Morejón, aprofundarei minhas reflexões sobre a identidade da mulher negra no contexto latino-americano; transcorrerei também acerca da colonialidade do poder atuante em nossa sociedade e como o pensamento liminar possui a capacidade de descolonizar as mentes.

A lírica de Nancy é de extrema importância para compreender as identidades, a cultura e a história cubana, caribenha e latino-americana em geral. Sua poesia pode ser considerada de resistência, uma vez que desafia a perspectiva eurocêntrica sobre a história de Cuba, da população negra diaspórica e, de forma especial, do próprio socialismo cubano.

Black woman and other poems/Mujer Negra y otros poemas (edição bilíngue) é uma antologia poética que contém sessenta e quatro poemas que são separados em três grandes blocos não nomeados. O primeiro bloco abriga 23 poemas; o segundo 10 e o terceiro 31 poemas. Para a composição dessa dissertação, foram selecionados 30 poemas para análise.

Alguns já foram mencionados nos capítulos anteriores, mas a maioria estará concentrada neste último. A escolha dos poemas se deu pelas seguintes temáticas:

- identidade negra;
- Cuba, Caribe e América Latina;
- diáspora;
- mulher negra;
- colonização;
- negritude;
- socialismo;
- descolonização;
- pensamento liminar;
- globalização;
- colonialidade do poder.

A poesia usada como embate social faz parte de uma literatura denominada pós-colonial que surgiu em meados do século XX em um contexto alarmante, onde o poder

econômico e principalmente político estava concentrado com a raça branca, rica e cristã, relegando aos negros e mulheres a vileza social da discriminação e do patriarcalismo. O pós-colonialismo surge assim como uma recusa aos padrões europeus que estavam sendo reproduzidos pelos E.U.A.

A literatura pós-colonial é uma manifestação cultural que tem por objetivo não apenas descolonizar a literatura dos padrões europeus e norte-americanos, mas, principalmente, descolonizar as mentes e combater o colonialismo de poder por meio de pensamentos liminares expressos em prosa e poesia de resistência, como os produzidos por Nancy Morejón.

Nesse momento histórico, começam a surgir manifestações artísticas, literárias e musicais visando uma autenticidade das ex-colônias, como uma forma de independência não só territorial, mas também intelectual e cultural. Apesar dos grandes esforços, ainda hoje nós, indivíduos de países ex-colonizados, ainda estamos sob o jugo imperialista norte-americano. Tanto que alguns autores ousam dizer que a independência não passou de uma farsa, já que deu lugar a outra dominação.

Morejón em *Intuición* (2001, p. 110) demonstra liricamente o perigo da falsa liberdade, veja:

Intuición

*¿Cómo es que puedo atravesar el viento
y preguntarme si este viento
es esa libertad cuyo nombre apuntamos
en la libreta infantil
que hoy he descubierto
como un paisaje lunar, iluminado por sombras
polares, hecho para otros ojos
que no son los míos?⁴¹*

A liberdade no poema é comparada ao vento, mas os questionamentos se dão pelo fato de que a liberdade e a independência não podem ser passageiras como um vento. Do contrário, ela deve ser permanente na vida dos ex-colonizados. Assim, o

⁴¹ Intuição

Como eu posso atravessar o vento?
e me pergunte se esse vento
é essa liberdade cujo nome apontamos
no caderno das crianças
que hoje descobri
como uma paisagem lunar, iluminada por sombras
polares, feito para outros olhos
que não são os meus? [tradução livre]

poema funciona como uma denúncia a respeito da liberdade das colônias como algo forjado pela Europa justamente para que elas continuassem sob a colonialidade do poder.

A autora utiliza a expressão *iluminado por sombras* para designar essa nova liberdade. Sombra não ilumina, por esse motivo o furor da liberdade na independência se dissipou tão rápido, pois apesar da liberdade territorial os campos econômicos, políticos e principalmente culturais permanecem dominados pela ideologia imperialista, agora exercida pelos Estados Unidos da América.

Poesias como as de Nancy Morejón são denominadas de poesia de resistências, já que se preocupam em combater discursos dominantes e excludentes. A poesia de resistência, na maioria das vezes, também é uma poesia autobiográfica, já que o autor e autora, também fazem parte da margem social. Sobre a poesia autobiográfica Philippe Lejeune (2008, p. 89) diz o seguinte:

É preciso que minha voz tão estranha, minha voz que não gosto de ouvir, deixe de ser esse barulho que me trai, para tornar-se uma música que me transporte. E minha escrita, não uma mensagem que se perde no silêncio e só fale aos olhos, mas uma fala que faça vibrar os ouvidos do outro, e o obrigue a articular, em sua própria garganta, a minha vida. Esses livros tornam a leitura silenciosa impossível. Nossos lábios se movem. Devemos caminhar seguindo os passos do poeta. Se perdermos o ritmo, perdemos o sentido. Avançamos levados por suas mãos.

A junção entre poesia de resistência e poesia autobiográfica traz um efeito singular ao leitor, pois é ele quem está também naquelas páginas, naqueles versos, e não um desconhecido. Há um alto grau de identificação com o que se encontra expresso nos poemas, por esse motivo a importância de autores que representam também as minorias sociais.

A atual situação da mulher negra latino-americana está permeada das relações coloniais. A mulher foi relegada à situações humilhantes, onde seu papel era servir ao desejos do homem branco além de se encontrar na condição de escravizada. Quem saberá expressar melhor esta situação? Lhes asseguro que um homem branco ou uma mulher branca não conseguirá. Só quem está inserido neste contexto. Veja um exemplo no poema *Botella al mar* (2001, p. 106-108) de Nancy Morejón, mulher, negra e latino-americana:

Botella al mar

*Una botella de vino tinto al mar.
Son las tres de la tarde.
Una botella de vino tinto sin color,
sin apenas los restos de esos vapores
que nos transportan a lo indecible.
Una botella con un mensaje
¿para quién?
Era un papel muy blanco
emborronado con una escritura
minúscula casi ilegible. Allí decía:
" Escribo en este papel
que introduzco en esta botella
para Nadie
y para todo aquel
o aquella
que quisiera leerme
en las próximas eras."
Salta un pez desde la espuma
y tumba el lápiz y el papel
con los cuales me expreso.
Ruedan los dos
y sobre el mar
de grafito
viene un galeón diminuto
y unos negros
amordazados
dando alaridos
y una niña hermosa y sola
de pupilas abiertas
y un duendecillo feo pero audaz.
Había escrito estas peripecias
con el aliento del salitre
cuando el papel regresó a mis manos
como por arte de magia...
" A quien pueda interesar:
buenos días, buenas noches".
Una botella de vino tinto al mar.
Son las tres de la tarde.⁴²*

⁴² Garrafa ao mar

Uma garrafa de vinho tinto no mar.
São três da tarde.
Uma garrafa de vinho tinto sem licor,
sem quase os restos desses vapores
que nos transporta para o indizível.
Uma garrafa com uma mensagem
para quem?
Era um papel muito branco
manchado com uma escrita
minúscula, quase ilegível. Ali dizia:
"Eu escrevo neste papel
que eu coloquei nessa garrafa
para Ninguém

O poema acima nos retrata uma situação, a primeira vista, cotidiana, porém se vista com maior atenção podemos perceber que se trata de um poema com significado cíclico. O eu-lírico ao mesmo tempo em que encontra a garrafa no mar também está escrevendo o bilhete o qual está dentro desta mesma garrafa. São as suas memórias da escravidão, como um chamamento às demais gerações contra o apagamento do passado histórico.

Da mesma maneira que o eu-lírico conheceu seu passado histórico através de histórias contadas por seus ancestrais, também tem a incumbência que fazer a história conhecida por seus descendentes. Essa também, de forma análoga é a tarefa do escritor latino-americano.

Nancy, por meio de seus poemas, não apenas evoca acontecimentos passados, mas acima de tudo, desperta as novas gerações para a nossa realidade presente e aguça a criticidade ante os resquícios do período escravagista. Enfim, acorda os descendentes de homens e mulheres escravizados para que essa atrocidade não se repita.

Morejón também faz menção neste poema a um galeão, que eram navios que durante os séculos XVI e XVIII foram utilizados para o transporte de cargas de alto valor. Muito utilizado nas regiões das Américas, Índias e África.

Dessa maneira, a autobiografia está explícita no poema, pois o eu-lírico é tanto o remetente quanto o destinatário da mensagem trazida pela garrafa no mar. Para além

e para todo aquele
ou aquela
que gostaria de ler me
nas próximas eras ".
Salta um peixe da espuma
e derruba o lápis e o papel
com o qual eu me expresso.
Rolam os dois
e sobre o mar
de grafite
vem um pequeno galeão
e uns negros
amordaçados
dando gritos
e uma menina linda e solitária
de pupilas abertas
e um duende feio mas ousado.
Tinha escrito essas aventuras
com o sopro de salitre
quando o papel voltou para as minhas mãos
como por magia ...
" A quem possa interessar:
bom dia, boa noite".
Uma garrafa de vinho tinto no mar.
São três da tarde. [tradução livre]

disso, o poema se inscreve no campo da autobiografia pelo fato de Nancy Morejón ser uma autora que é fruto dos processos de escravidão e colonização, e portanto, escreve sobre seu contexto social.

Ainda sobre a poesia autobiográfica Philippe Lejeune (2008, p. 94) diz o seguinte:

Por que se gosta dos poemas e das canções? Sobretudo quando dizem “eu”? Porque estes, bruscamente, são a justa expressão de um sentimento que em nós procurava suas palavras e sua música próprias. Por isso os adotamos, reconhecemo-nos neles.

Ao lermos os poemas de Nancy Morejón, não apenas compreendemos os processos coloniais e escravagistas, mas principalmente, nos reconhecemos e percebemos que muitas das relações interpessoais ao nosso redor estão com resquícios coloniais, desta forma, mediante os poemas de Nancy milhares de vozes encontram maneiras de se expressar.

A história foi construída através do olhar branco e masculino, onde o lugar de fala da mulher negra era quase inexistente. Por este motivo escritoras negras como Nancy Morejón constribuem para desmistificar uma sociedade racista e patriarcal. No poema *Madre* (2001, p. 178) Morejón reflete sobre a condição feminina:

Madre

*Mi madre no tuvo jardín
sino islas acantiladas
flotando, bajo el sol,
en sus corales delicados.
No hubo una rama limpia
en su pupila sino muchos garrotes.
Qué tiempo aquel cuando corría, descalza,
sobre la cal de los orfelinatos
y no sabía reír
y no podía siquiera mirar el horizonte.
Ella no tuvo el aposento de marfil,
ni la sala de mimbre,
ni el vitral silencioso del trópico.
Mi madre tuvo el canto y el pañuelo
para acunar la fe de mis entrañas,
para alzar su cabeza de reina desoída
y dejarnos sus manos, como piedras preciosas,
frente a los restos fríos del enemigo.⁴³*

⁴³ Mãe

Minha mãe não teve jardim
apenas ilhas com altas costas

No poema acima o eu-lírico descreve sua mãe como uma mulher desprovida de algumas características. Quando criança corria pelo orfanato descalça sem sequer saber rir, não podia mirar o horizonte, como uma analogia ao futuro, como uma criança que não via possibilidades de uma vida mais digna e feliz.

Sem quarto de marfim, sem sala de vime, essa mulher com olhos roxos nos remete ao mito da fragilidade feminina, que certamente não se aplica à mulher negra. Sueli Carneiro no artigo *Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero* (2003) reflete sobre a desigualdade sócio-culturas entre mulheres brancas e mulheres negras:

Quando falamos do mito da fragilidade feminina, que justificou historicamente a proteção paternalista dos homens sobre as mulheres, de que mulheres estamos falando? Nós, mulheres negras, fazemos parte de um contingente de mulheres, provavelmente majoritário, que nunca reconheceram em si mesmas esse mito, porque nunca fomos tratadas como frágeis. Fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas... Mulheres que não entenderam nada quando as feministas disseram que as mulheres deveriam ganhar as ruas e trabalhar! Fazemos parte de um contingente de mulheres com identidade de objeto. Ontem, a serviço de frágeis sinhazinhas e de senhores de engenho tarados. (p. 51)

Assim, é de suma importância pensarmos nas margens através das categorias marginais, uma mulher pobre e branca nunca sofrerá o racismo que uma mulher pobre e negra pode sofrer. A luta não é contra apenas o patriarcalismo, mas também contra o racismo.

flutuando, sob o sol,
em seus delicados corais.
Não havia um branco limpo
na pupila de seus olhos, mas muitos porretes.
Que tempo aquele quando corria, descalça
na cal dos orfanatos
e não sabia rir
e não podia nem olhar para o horizonte.
Ela não teve o aposento de marfim,
nem a sala de vime,
nem o vitral silencioso dos trópicos.
Minha mãe teve o canto e o lenço
para embalar a fé de minhas entranhas,
para levantar a sua cabeça de rainha ignorada
e nos deixar suas mãos, como pedras preciosas,
na frente dos restos frios do inimigo. [tradução livre]

Apesar da falta do riso, do horizonte, da ausência do aposento de marfim e da sala de vime, resta ainda algo para a mãe do eu-lírico: o canto e o lenço. Com o canto evocará seus ancestrais e com o lenço ensinará aos seus descendentes o passado histórico. Essas são as suas armas contra o inimigo, a ideologia imperialista.

O lenço faz referência aos Movimentos de Pioneiros instalados em Estados socialistas, como Cuba, China, Vietnã e Coreia, todos esses movimentos pioneiros com a marca distintiva de um lenço azul ou vermelho amarrado ao pescoço. Com o canto e o lenço a identidade latino-americana passa a ser definida.

Nos próximos tópicos discutiremos a respeito das identidades da mulher negra, retomaremos as reflexões sobre a colonialidade do poder e sobre o pensamento liminar e por fim, analisaremos como todos esses elementos contribuem para a descolonização das mentes.

3.1 As identidades da mulher negra

A América Latina passou e ainda passa por um longo processo de sabotagem de sua subjetividade, tendo sua identidade, sua cultura, sua economia e sua política subjulgadas pelo sistema imperialista. Muito antes da colonização, os países destas regiões já tinham suas tradições e culturas milenares, porém, a ganância imperialista, achando-se superior a tudo e a todos, impôs sua cultura ao Novo Mundo.

Quase tudo está carregado da ideologia imperialista, até mesmo o temo Novo Mundo, cunhado pelos “descobridores” da América, para aplicar a uma região já habitada por civilizações milenares, que só perdeu com a chegada europeia. O pretencionismo europeu foi absurdo a ponto de tomarem para si a figura do salvador, quando na verdade só houve destruição nas colônias, das identidades e principalmente das culturas.

Os povos colonizados, quando não tiveram suas identidades aniquiladas em prol do empreendimento imperialista, foram relegados à marginalidade cultural. No passado o que era da colônia não era considerado cultura, hoje em dia o que é produzido pelos latinos americanos é considerado como subcultura, como se tivessem um valor menor. Quando muito, a cultura caribenha e latino-americana é admirada como exótica, pois os barões⁴⁴ estão sempre buscando uma cultura homogênea, “original” desta região do

⁴⁴ Referência ao termo que Sérgio Buarque de Holanda utilizou em *Raízes do Brasil* (1936), onde barão que designa o navegante, o fundador, o navegador e o senhor de engenho.

globo, o que sabemos ser uma ilusão. Aceitam o não europeu e o não norte-americano, desde que seja para a apreciação, relembrando os antigos africanos expostos em praças públicas para deleite dos senhores de escravo.

Eduardo Galeano (1990) em *A descoberta da América (que ainda não houve)* diz que

A América Latina está fazendo inspiradas contribuições universais para o desenvolvimento de métodos de torturas, técnicas do assassinato de pessoas e idéias, o cultivo do silêncio, a multiplicação da impotência e o plantio do medo.

De fato, no momento em que chegaram à América os colonizadores puseram um estigma que até hoje persegue os ex-colonizados. Ao decorrer de todo o processo de colonização e de escravidão um elemento humano altamente modificado foi a identidade. A antiga identidade se perdeu, sofreu influências da identidade colonizadora, formando assim novas identidades plurais e conflituosas.

O empreendimento colonialista foi tão forte que ecoa até aos dias de hoje através das relações interpessoais. Um dos elementos que contribuem para a perpetuação do imperialismo através da colonialidade do poder, além do interesse dos privilegiados em continuar desfrutando de seus privilégios, é a assimilação. Foi exatamente a assimilação que fragmentou o Movimento da Negritude por meio de Léopold Sédar Senghor que deixou-se levar pela dicotomia razão e emoção. *Amo a Mi Amo* (2001, p. 146) de Nancy Morejón exemplifica bem a assimilação. Vejamos:

Amo a mi amo.

Recojo leña para encender su fuego cotidiano.

Amo sus ojos claros.

Mansa cual un cordero

esparzo gotas de miel por sus orejas.

Amo sus manos

que me depositaron sobre un lecho de hierbas:

Mi amo muerde y subyuga.

[...]

*Amo sus pies que piratearon y rodaron
por tierras ajenas.*

[...]

*Amo su boca roja, fina,
desde donde van saliendo palabras*

que no alcanzo a descifrar

todavía. Mi lengua para él ya no es la suya.⁴⁵

⁴⁵ Eu amo meu dono

A voz lírica é de uma mulher escravizada, que vê em seu dono um salvador, pois ama tudo o que há nele: seus olhos claros, sua boca fina e rosa, suas mãos que a tocaram e até suas palavras, mesmo ela não conseguindo entendê-las. O imperialismo tão incrustado nas mentes dos povos colonizados faz com que os opressores sejam vistos como salvadores.

Tudo o que a mulher do poema faz é em prol de seu dono, mas a relação entre eles não é apenas de escravizada e amo. Percebemos isso pelos versos: *Amo sus manos que me depositaron sobre um lecho de hierbas: Mi amo muerde y subyuga*. Era comum o senhor de escravos manter relações sexuais com as escravizadas mais formosas, se não era de forma livre, era forçada (estupro). Nações como o Brasil foram formadas por meio dessas relações e ainda tentam mascarar o passado com a superestimada miscigenação cultural, mas que por trás de si esconde milhares de casos de estupro de índias e mulheres negras escravizadas.

Nos dias atuais as relações interpessoais continuam, mesmo que de forma mais branda, permeada dos resquícios históricos. Frantz Fanon em *Pele negra, máscaras brancas* (2008) dedica um capítulo inteiro para discutir a questão da mulher de cor e o homem branco. Segundo o autor, “A preta se sente inferior, por isso aspira a ser admitida no mundo branco” (p. 66).

Neste processo de cegamento cultural, político e epistemológico a identidade se perde. Para Aníbal Quijano (2005, p. 27), sociólogo e pensador peruano,

... a questão da identidade na América Latina é, mais do que nunca, um projeto histórico, aberto e heterogêneo, não só, e talvez não tanto, uma lealdade com a memória e com o passado. [...] a produção da identidade latino-americana implica, desde o início, uma trajetória de inevitável destruição da colonialidade do poder, uma maneira muito

Eu amo seus olhos claros.
Mansa como um cordeiro
derramo gotas de mel em suas orelhas.
Eu amo suas mãos
que me depositou em uma cama de ervas:
Meu dono morde e domina.
[...]
Adoro seus pés que invadiram e rolaram
para terras alheias.
[...]
Eu amo sua boca vermelha e fina
de onde as palavras vão saindo
que não consigo decifrar
ainda. Minha língua para ele não é mais dele [tradução livre].

específica de descolonização e de liberação: a des/colonialidade do poder.

Infelizmente, até hoje muitas identidades latino-americanas estão colonizadas se não pela Europa, mas pelos E.U.A. O estilo de vida almejado por muitos latino-americanos é o norte-americano, o tão cobiçado “sonho americano”. Assim, conhecer a história é essencial para assumir a identidade, pois existe um grande risco na ilusão chamada materialismo.

De encontro à necessidade de apropriação identitária temos na atualidade processos que contribuem para o caminho inverso. A globalização e a modernidade do mundo, com os discursos de unicidade, fazem com que as diferenças sejam ignoradas, o que favorece o racismo e o preconceito.

Muitos teóricos latino-americanos não veem com bons olhos a modernidade e nem mesmo a globalização, pois não passam de mecanismos de controle e dominação utilizados pela atual colonialidade do poder. Uma pequena, mas poderosa elite impõe sobre a grande maioria uma cultura inventada. Nas palavras de Galeano (1990, p. 3),

Para os povos cuja identidade foi quebrada pelas sucessivas culturas da conquista e cuja exploração impiedosa serve ao funcionamento da maquinaria do capitalismo mundial, o sistema gera uma "cultura de massa". Cultura para massa, deveríamos dizer, definição mais adequada a esta arte degradada de circulação massiva que manipula as consciências, oculta a realidade e esmaga a imaginação criadora.[...] Vendem-se ilusões de riqueza aos pobres e de liberdade aos oprimidos, sonhos de triunfo aos vencidos e de poder aos fracos. Não é preciso saber ler para consumir as apelações simbólicas que a televisão, o rádio e o cinema difundem para justificar a organização desigual do mundo.

O antigo sonho europeu foi substituído pelo sonho americano. A moda imitada vem dos E.U.A., os destinos de viagens estão lá também, é o dólar que serve de parâmetro para a economia mundial. Hollywood dita o estilo de vida, a personalidade da moda, enfim, é a máquina de sonhos americanos.

As identidades, por sua vez, fazem parte do rol de elementos construídos no decorrer do tempo histórico, são colonizadas pelo empreendimento imperialista, portanto produzidas para um fim específico. Nas palavras de Stuart Hall (2015, p. 30),

... as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*. [...] a nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos – *um sistema de representação cultural*. As pessoas não são

apenas cidadãos legais de uma nação; elas participam da *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional.

Ou seja, nos identificamos com a representação da nação através da cultura, que também ainda se encontra colonizada. De embate à essa massa colonizadora, surgem os pensamentos liminares, formas outras de pensar, perspectivas diferentes sobre a história, a cultura, a identidade e o saber.

Porém, é válido frisar a ambiguidade presente na chamada cultura de massa. Ao mesmo tempo em que representa a conquista dos colonizadores que aniquilaram todas as outras manifestações culturais que não advinha da Europa, é impossível se desvencilhar do Outro, justamente pelo atual mundo globalizado.

Em *Mujer Negra* (2001, p.226, 228,230) Nancy Morejón expressa o sentimento de luta do Movimento da Negritude. O poema é dividido em seis partes que manifestam as diferentes fases enfrentadas pelo indivíduo negro. No primeiro bloco, o eu-lírico se apresenta para nós leitores, situa-se como um ser diaspórico que atravessou o oceano para estar em Cuba. Em seguida, temos os seguintes blocos: *Me rebelé, Anduve, Me subleve, Me fui al monte e Bajé a La Sierra*. Em *Anduve* temos o seguinte:

*Esta es la tierra donde padeci bocajos y azotes.
Bogué a lo largo de todos sus ríos.
Bajo su sol sembré, recolecté y las cosechas no comí.
Por casa tuve un barracón.
Yo misma traje piedras para edificarlo,
Pero cante al natural compás de los pájaros nacionales.⁴⁶*

O indivíduo africano, quando trazido para a América e Caribe escravizado, foi o responsável pela construção da nação através de sua mão-de-obra. Agora, liberto, não tem direito a nada do que construiu, as riquezas fabricadas pelas forças de seu trabalho estão muito longe de seu alcance, relegadas às mãos de seus antigos senhores.

Interessante notar que, assim como no poema *Baas* (mencionado no capítulo inicial), Nancy utiliza o canto como forma de resistência, justamente por ser uma das maiores manifestações culturais.

⁴⁶ Esta é a terra onde padeci surras e açoites.

Naveguei ao longo de todos os seus rios.

Sob seu sol eu semeiei, colhi e as colheitas não comi.

Como casa tive uma barraca.

Eu mesma trouxe pedras para edificá-la.

Mas cantei ao compasso natural das aves nacionais [tradução livre].

A colonização trouxe consigo processos de aculturação que proporcionou ao empreendimento imperialista a concretização de sua hegemonia, porém o mais curioso da história humana é que foi justamente a cultura, por meio de expressões como a da Negritude, que despertou o indivíduo antes colonizado, para a sua descolonização. A cultura lhe roubou a identidade, mas também foi por meio da cultura que a identidade foi apropriada.

O canto funciona como um retorno ao passado, às origens ao solo africano, pois é por meio do canto que o indivíduo negro encontra espaço para ecoar sua voz, e é o recurso para a sobrevivência cultural negra. Em *Me subleve* percebemos uma fase mais consciente da voz lírica, veja:

*En esta tierra toqué la sangre húmeda
Y los huesos podridos de muchos otros,
traídos a ella, o no, igual que yo.
Ya nunca más imaginé el camin a Guinea.
¿ Era a Guinea? ¿ A Benín? ¿ Era a
Madagascar? ¿ O a Cabo Verde?
Trabajé mucho más.
Fundé mejor mi canto milenario y mi esperanza.
Aquí construí mi mundo.⁴⁷*

O sofrimento enunciado pelo eu-lírico sub-existe com o tempo. O sangue úmido refere-se à história recente e os ossos podres fazem alusão ao passado histórico: escravidão, colonização, colonização territorial e atual colonialidade do poder. Ambos os processos trazem a hierarquização dos povos, morte e desenraizamento cultural.

No terceiro verso do trecho acima o eu-lírico nos revela sua identidade diaspórica, pois ele foi trazido àquela terra como sujeito escravizado. São referidos os diferentes tipos de diáspora, a territorial, que ocorre quando um indivíduo sai de sua terra (forçado ou não) para habitar outra localidade, e a cultural, quando mesmo em seu território de origem é lhe roubado a identidade, a cultura, o conhecimento, a religião, a língua, dentre outros.

⁴⁷ Nesta terra toquei o sangue úmido
E os ossos podres de muitos outros,
Trazidos a ela, ou não, assim como eu.
Nunca mais imaginei o caminho para Guiné.
Foi para Guiné? Para Benín? Foi para
Madagascar? Ou para Cabo Verde?
Trabalhei muito mais.
Fundi melhor meu canto milenar e minha esperança.
Aqui eu construí meu mundo [tradução livre].

Todos esses processos diaspóricos são decisivos para a constituição da identidade negra. Sueli Carneiro, ativista do movimento social negro brasileiro, diz o seguinte sobre as influências da escravidão na atual identidade da mulher negra:

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (2003, p. 49)

De fato, a experiência da mulher negra não se compara com nenhum outro grupo social, além de escravizada, teve seu corpo usado e abusado pelos europeus, desprezada pela mulher branca que a invejava por despertar os desejos de seu marido, e ainda preterida pelo homem negro por ser considerada inferior.

Nos dias atuais, a luta da mulher negra é uma das mais importantes e impactantes para as configurações sociais. Racismo e patriarcalismo sendo combatidos ao mesmo tempo, eis a revolução.

Os versos finais do poema constroem poeticamente o Movimento da Negritude. A narradora assume totalmente sua identidade, baseada na origem africana e nas influências europeias, sem a mente colonizada e com o utópico retorno à “pureza” africana esquecido. Apropria-se enfim de sua identidade diaspórica, nas palavras de Stuart Hall (2015), de sua identidade traduzida.

Morejón encerra *Mujer Negra* saudando, em suas duas últimas estrofes, o comunismo. Vejamos sua expressão:

Me fui al monte

*Mi real independencia fue el palenque
y cabalgué entre las tropas de Maceo.
Sólo um siglo más tarde,
junto a mis descendientes,
desde una azul montaña.*

Bajé de la Sierra

*Para acabar con capitales y usureros,
con generales y burgueses.
Ahora soy: sólo hoy tenemos y creamos.*

*Nada nos es ajeno.
Nuestra la tierra.
Nuestros el mar y el cielo.
Nuestras la magia y la quimera.
Iguales míos, aquí los veo bailar
alrededor del árbol que plantamos para el comunismo.
Su pródiga madera ya resuena.⁴⁸*

A voz lírica diz que sua independência foi o palenque, palavra que nomeia uma área delimitada, como uma espécie de muro. Quando da Revolução Cubana, após a instituição do governo comunista, os E.U.A. fecharam suas portas para Cuba. Foi o bloqueio que libertou Cuba do jugo imperialista herdado pela América do Norte, essa sim foi a verdadeira independência a qual o eu-lírico se refere.

A Sierra mencionada no poema remete à região serrana de Cuba que funcionou como o centro das operações do socialismo americano. Com a nova política cubana, as hegemonias norte-americanas e europeias em solo cubano se extinguíram. A voz lírica diz *nossa a terra, nossos o céu e o mar*, pois finalmente Cuba seria dona de suas riquezas.

Para a total libertação da subjetividade latino-americana é preciso a imposição das identidades antes dominadas. Para Galeano (1990, p. 5)

Não vamos encontrar, com certeza, nosso escondido rosto na perpetuação artificial de roupas, costumes e objetos típicos que os turistas exigem aos povos vencidos. Somos o que fazemos, e sobretudo o que fazemos para mudar o que somos: nossa identidade reside na ação e na luta. Por isso a revelação do que somos implica na

⁴⁸ Fui ao monte

Minha verdadeira independência foi o palenque
e cavalei entre as tropas de Maceo.
Somente um século mais tarde,
junto aos meus descendentes,
de uma montanha azul.

Desci da Serra

Para eliminar capital e embusteiros,
com generais e burgueses.
Agora sou: somente hoje temos e criamos.
Nada nos é estranho.
É nossa a terra.
São nossos o mar e o céu.
São nossas a magia e os sonhos.
Como o meu, aqui os vejo dançar
ao redor da árvore que plantamos para o comunismo.
Sua pródiga madeira já ressoa [tradução livre].

denúncia do que nos impede de ser o que podemos ser. Nos definimos a partir do desafio e por oposição ao obstáculo.

Galeano faz um chamamento para a nação latino-americana para o empoderamento. O momento é de valorização de nossa cultura, de nossas paisagens naturais, da nossa própria identidade, dos nossos escritores, músicos e artistas em geral. A colonialidade do poder precisa ser superada por meio da consciência cultural dos povos ex-colonizados.

Ligado a esse empoderamento há uma questão altamente nociva à identidade da mulher negra, o exotismo. Aliás, o exotismo é uma das maiores artimanhas da ideologia imperialista para se “respeitar” as diferenças. O Outro é aceito, desde que seja uma índia da aldeia, uma africana com o falar e as vestimentas da África, ou seja, com uma identidade “pura, única e original”, porém, como sabemos, todas as identidades estão fragmentadas, miscigenadas e diversificadas. Nancy em *Cotorra que atraviesa Manrique* (2001, p. 210) nos alerta para o exotismo negro:

Cotorra que atraviesa Manrique

*De súbito, una cotorra mínima
va a desplazar su pico por la calle Manrique
y la despavorida, ronronea, dando palos de ciego,
tal vez buscando algún destino.
Los verdes y los azules de su cuello
estallan frente a las zanahorias,
el berro y las lechugas.
Dos negras se aproximan,
desde la multitud,
en un vaivén de hamacas vivas,
columpiadas por el viento del Golfo.
Un vendedor de periódicos
apenas puede pregonar,
absorto ante el fulgor de la cotorra
y la belleza natural de las negras.
La calle Manrique es un boceto de Landaluze
y se detuvo el vendedor
como alguien que acaba de descubrir todo un zoológico.⁴⁹*

⁴⁹ Papagaio que atravessa Manrique

De repente, um pequeno papagaio
vai deslocar o bico na rua Manrique
e aterrorizado, ronroneia, dando tiros no escuro,
talvez procurando algum destino.
Os verdes e azuis de seu pescoço
explodem na frente das cenouras,
do agrião e do alface.
Duas negras se aproximam

O poema acima citado, à primeira vista, é apenas um poema sobre as belezas naturais, porém se olhado de forma mais atenta podemos perceber as fissuras do imperialismo. Manrique faz referência a uma cidade localizada na Espanha, país que colonizou Cuba, assim, o poema evoca o passado colonial cubano.

Nos versos “*Dos negras se aproximan, desde la multitud, en un vaivén de hamacas vivas, columpiadas por el viento del Golfo*” o eu-lírico transfere ao leitor o ambiente escravagista, já que o Golfo era uma região de grandes conflitos entre Inglaterra, Espanha e França.

Há também a comparação entre a rua Manrique e a pintura de Landaluze. Víctor Patricio de Landaluze foi um pintor nascido na Espanha, mas que viveu em Cuba que retratava em suas obras os escravos, latifundiários e camponeses cubanos. A paisagem vista pelo vendedor de jornais é semelhante a um quadro do artista.

E, por fim, temos expressado o exotismo negro por meio da comparação. A paisagem da rua Manrique, com seu papagaio colorido e a beleza natural das duas negras são comparadas com um zoológico, colocando papagaio e mulher negra no mesmo patamar de animal.

A mulher negra sempre a serviço do homem branco, para o trabalho escravo, para o deleite de seus prazeres, para agradar sua visão. Sueli Carneiro, ativista do movimento social negro brasileiro, em artigo publicado em 2003 diz o seguinte:

No Brasil e na América Latina, a violação colonial perpetrada pelos senhores brancos contra as mulheres negras e indígenas e a miscigenação daí resultante está na origem de todas as construções de nossa identidade nacional, estruturando o decantado mito da democracia racial latino-americana, que no Brasil chegou até as últimas consequências. Essa violência sexual colonial é, também, o “cimento” de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossas sociedades... (p. 49)

da multidão,
em um balanço de redes vivas,
balançadas pelo vento do Golfo.
Um vendedor de jornais
mal consegue proclamar
Absorvido pelo brilho do papagaio
e da beleza natural das negras.
A rua Manrique é um esboço de Landaluze
e o vendedor se deteve
como alguém que acaba de descobrir um zoológico inteiro. [tradução livre]

A autora prossegue fazendo a seguinte denúncia sobre as pautas feministas atuais:

...é possível afirmar que um feminismo negro, construído no contexto de sociedades multirraciais, pluriculturais e racistas – como são as sociedades latino-americanas – tem como principal eixo articulador o racismo e seu impacto sobre as relações de gênero, uma vez que ele determina a própria hierarquia de gênero em nossas sociedades. (2003, p. 51)

Portanto, não é possível desvincular raça e classe, uma vez que uma influi sobre a outra. No tópico seguinte abordaremos esses resquícios coloniais em nossa atualidade exercida através da colonialidade do poder e como o pensamento liminar constitui-se como alternativa para esse novo imperialismo.

3.2 Colonialidade do poder e o pensamento liminar

Neste tópico, refletirei sobre dois conceitos altamente relevantes para os estudos pós-coloniais, trata-se da *colonialidade do poder* cunhado por Aníbal Quijano e *Pensamento Liminar* de Walter D. Mignolo. Os dois conceitos são primordiais não apenas para compreender o passado, mas principalmente, para perceber o mundo atual como resultante de processos anteriores.

De forma breve, a colonialidade do poder refere-se ao novo padrão de poder, de dominação que perpetua, com outras diversas facetas, a antiga colonização, não mais de forma territorial, mas de forma mental. Já o pensamento liminar relaciona-se às manifestações das ditas “minorias”⁵⁰, tanto no campo intelectual quanto no campo cultural.

No passado foram a colonização e a escravidão que estabeleceram a hegemonia da Europa sobre quase todo o restante do globo. De acordo com Quijano (2005), é o capitalismo quem impõe o padrão de poder atual, com raízes no período colonial, formando assim, o que se denomina colonialidade do poder. Ou seja, o capitalismo configura-se assim como um mecanismo de dominação social.

A colonialidade do poder foi descrita e refletida teoricamente por Aníbal Quijano, que a conceitua como um aglomerado de mecanismos que controlam o conhecimento, a cultura, a identidade, a exploração do trabalho e em geral qualquer

⁵⁰ Minoria entendida como grupos marginalizados socialmente, não por quantidade.

manifestação das subjetividades dos ex-colonizados, enfim, um instrumento silencioso de dominação e subalternização.

A raça, ainda de acordo com Quijano, foi uma invenção para legitimar os processos de colonização, escravidão e dominação. As mentes imperialistas classificaram os povos em basicamente dois grupos: brancos e negros. Por meio dessa classificação tiveram a oportunidade, e a aproveitaram de forma eficaz para garantir seus interesses ideológicos, de hierarquizá-los. Para o autor, (QUIJANO, 2005, p. 117)

A idéia de raça, em seu sentido moderno, não tem história conhecida antes da América. Talvez se tenha originado como referência às diferenças fenotípicas entre conquistadores e conquistados, mas o que importa é que desde muito cedo foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciais entre esses grupos.

Foi a partir desse empreendimento de dominação eurocêntrico sobre as Américas que as identidades raciais, como o negro, o índio e o mestiço, surgem na história da humanidade. Quando se nomeava um negro, logo se sabia que sua procedência geográfica era em alguma localidade da África, mas a partir da construção da ideia de raça, a nomeação passou a ter uma conotação social também.

Arelado às diferenças raciais agregou-se a ilusão das diferenças biológicas. O branco conquistador incultiu nas mentes colonizadas uma inferioridade que se alastra até os nossos dias. Dizia-se que o branco possuía o crânio com estruturas mais avançadas, por conseguinte possuía o direito de dominar seus “inferiores”.

No poema *Soliloquio de un Colono* (2001, p. 68), Nancy expressa esse sentimento de superioridade que o colonizador teve sobre o negro escravizado, como se esse último fosse uma posse:

*Acabo de degollar a un ovambo.
¿Qué es un ovambo?
Un negro,
un animal rabioso,
un monstruo con apenas dos patas
y dos ojos inmensos como de Lucifer.
Eran como las seis de la tarde
y los dos tropezamos,
saliendo de la granja,
frente al jardín de la señora Woolf.
Las adelfas de la señora Woolf son tan hermosas.
Yo se las Riego los domingos cuando sale de compras a Pretoria.*

*Dije que tropezó conmigo y no se disculpó.
Alzó la cabeza y no se disculpó.*

*Era un grosero, como todos los negros.,
un ovambo de los infiernos,
un terrorista, un depredador,
un negro ovambo,
y no me pude contener
y fui a buscar la soga y la navaja.
Ya estaba a espaldas cuando lo derribe...
Eso fue todo, Peter.
Yo bien respeto el orden y la ley.
¿Jugamos a las cartas?⁵¹*

Neste poema, a voz lírica é de um colonizador que confessa ter matado uma pessoa. Por meio de seu discurso podemos notar a ideologia imperialista que legitima seus atos contra um homem negro que, por não se desculpar por esbarrar no colono, acaba morto. O negro é comparado a Lúcifer, e os adjetivos usados para descrevê-lo são os piores possíveis: animal raivoso, monstro, rude, terrorista e predador.

Interessante notar que ao final do poema temos o seguinte verso: *Yo bien respeto el orden y la ley*, como se fosse dever do colono pôr o negro em “seu devido lugar”. Essas são as consequências do imperialismo, que classifica as pessoas racialmente interferindo nas estruturas sociais através dos estereótipos.

De forma incontestável, é possível afirmar que a ideia de raça foi, e ainda é, o mais infalível mecanismo de dominação social a nível universal. Vale dizer que até mesmo a raça surge em função do capital, portanto, o capitalismo segue a lógica

⁵¹ Acabo de degolar um ovambo.

O que é um ovambo?

Um negro,

um animal raivoso

um monstro com apenas duas pernas

e dois olhos imensos como os de Lúcifer.

Eram cerca de seis da tarde

e nós dois tropeçamos

saindo da fazenda,

Na frente do jardim da Sra. Woolf.

Os loendros da Sra. Woolf são tão bonitos.

Eu os rego aos domingos quando você vai às compras em Pretoria.

Eu disse que ele tropeçou comigo e não pediu desculpas.

Ele levantou a cabeça e não se desculpou.

Ele era rude, como todos os negros.

um ovambo dos infernos

um terrorista, um predador

um ovambo preto

e eu não me pude conter

e fui buscar a corda e a faca.

Ele já estava de costas quando o derrubei ...

Isso foi tudo, Peter.

Eu bem respeito a ordem e a lei.

Jogamos as cartas? [tradução livre]

colonialista, alimentando a colonialidade do poder. Por esse motivo, classe e raça estão intimamente ligadas, nas palavras de Quijano (2005, p 118)

As novas identidades históricas produzidas sobre a idéia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho. Assim, ambos os elementos, raça e divisão do trabalho, foram estruturalmente associados e reforçando-se mutuamente, apesar de que nenhum dos dois era necessariamente dependente do outro para existir ou para transformar-se.

Esse vínculo entre classe e raça pode ser entendido atualmente como divisão racial do trabalho e consiste no fato da colonialidade do poder alimentar e ser alimentada pelo capitalismo. Tudo isso não surgiu agora, vem de muito antes. No período colonial, a população indígena foi reduzida à servidão enquanto que a população negra ficou relegada à escravidão, ou seja, os brancos no domínio e negros, índios e mestiços na subalternidade.

De fato, a classificação e a hierarquização racial tiveram início no continente americano, mas logo se estendeu para todo o globo, isso explica o fato do racismo se perpetuar até os dias atuais, pois as antigas estruturas racistas não mudaram, por isso se denomina racismo estrutural. Também para Quijano (2005, p. 119),

A classificação *racial* da população e a velha associação das novas identidades raciais dos colonizados com as formas de controle não pago, não assalariado, do trabalho, desenvolveu entre os europeus ou brancos a específica percepção de que o trabalho pago era privilégio dos *brancos*. A inferioridade racial dos colonizados implicava que não eram dignos do pagamento de salário. Estavam naturalmente obrigados a trabalhar em benefício de seus amos. Não é muito difícil encontrar, ainda hoje, essa mesma atitude entre os terratenentes brancos de qualquer lugar do mundo.

Quem era e ainda continua sendo os donos de terra são os brancos, não há como negar, os melhores salários também estão em seus bolsos. Quando se conhece a história, o mito da meritocracia se desmascara. Sempre é importante lembrar que, quando se trata da história, nada é natural, mas tudo é construção ideológica.

Em *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina* (2005, p. 120), Quijano faz uma séria denúncia aos leitores: “O capitalismo mundial foi, desde o início, colonial/ moderno e eurocentrado”. Todavia, o controle não é restrito ao campo econômico, permeia a cultura, o conhecimento, a identidade e principalmente a subjetividade.

As diferentes histórias e experiências locais foram amalgamadas em um único grupo cujo nome findava em *negro* ou *índio*. Civilizações milenares, com culturas e sistemas econômicos requintados, foram apagados e todos tachados como selvagens e primitivos. Houve grandes perdas das nações colonizadas, o que foi muito bem retratado no poema *Orégano* (2001, p. 104) por Nancy Morejón:

Orégano

*En el naufragio de las barcasas
perdí el olor del orégano
que estaba sembrado
en un ingenio antiguo de la Marie-Galante.
Vino el pirata
y se llevó su aroma
de tierra y planta buena.
Vendrán los hierros
de las algas marinas
para avivar de nuevo su raíz
inscrita en la roca musgosa
de un sueño milenario.⁵²*

Neste belíssimo poema o eu-lírico descreve a perda do seu aroma de orégano por um pirata. Morejón trabalha com a simbologia para descrever a história de sua nação cubana. O pirata simboliza o colonizador que roubou o orégano, a identidade, do colonizado. Mas o despertar, o retorno de seu sonho milenar é profetizado pela voz lírica, ou seja, há uma esperança.

Foi incutida na mente humana a história processual. O modo de vida da população negra e indígena foi tachado como primitivo e a sociedade europeia como moderna. Desse modo, justificou-se a colonização, a escravidão e o domínio europeu como se fosse um caminho, uma fase histórica necessária para se alcançar a civilização, a modernidade e o desenvolvimento.

⁵² Orégano

No naufrágio das balsas
Eu perdi o aroma de orégano
que foi plantado
em um antigo engenho da Marie-Galante.
Vindo o pirata
levou seu aroma
de terra e boa planta.
Os ferros virão
de algas marinhas
para reacender sua raiz
inscrito na rocha musgosa
de um sonho milenar [tradução livre].

Quijano (2005, p. 123) diz que “a nova perspectiva geográfica da história e da cultura, que ali [Europa] é elaborada e que se impõe como mundialmente hegemônica, implica, obviamente, uma nova geografia do poder.” A Europa forja uma cultura e uma história e a decreta ao restante do mundo como se fosse a única possibilidade. Também é por meio da visão da história processual que os processos de colonização e de escravidão são legitimados.

O presente é permeado de relações que se originam do passado colonial, que por sua vez foi moldado pela classificação racial eurocêntrica. Desse modo, conhecer o passado é compreender a história da humanidade e também entender as atuais relações que ocorrem ao nosso redor, além de evitar a ocorrência dos mesmos erros.

Em *Elegía a Maurice Bishop* (2001, p. 50-54) Morejón poetiza sobre a identidade do povo negro. Vejamos abaixo:

Elegía a Maurice Bishop

*...Hay una voz de muerte
renacida. Y el mar,
el mar antiguo de las sales,
del arpón y las ninfas,
bate sus olas seculares
y se deshace en las palmeras.
Hay una voz de muerte impía.*

*Toco la frente de este muerto
y nadie me responde.
¿En qué ola se ha disuelto su sangre?
¿En qué galeón hundido,
en cuál golpe del viento?
Toco a todas las puertas de Saint- George
y nadie sabe responderme.
¿En qué nube del trópico
late el recuerdo de este hombre?
Saint-George flota en silencio
como si conociera el crimen de antemano.
Toqué los ojos de los pescadores.
Nadie supo decirme.
Toqué a la puerta de una iglesia
acribillada y vacía.
Toqué los labios de una siempreviva
y adiviné el misterio.⁵³*

⁵³ Louvor a Maurice Bishop
... Há uma voz de morte
renascida. E o mar,
o antigo mar de sais,
do arpão e das ninfas,
bate suas ondas seculares

O eu-lirico do poema se indaga sobre o paradeiro da voz de um morto renascido e a busca em vários lugares. Procura em Saint-George, nome da capital da maior cidade de Granada, um país do Caribe. Saint-George também foi uma antiga colônia britânica, e é dessa colônia que o eu-lírico do poema se refere.

Saint-George, ao ser indagado da voz de morte renascida, permanece em silêncio como se já soubesse do crime, fazendo uma analogia à colonização britânica que além de dominar as terras buscou o silêncio de seus colonizados. Saint- George, os pescadores e a igreja, todos foram indagados sobre a verdade, até que ela foi encontrada:

*El muerto no está muerto.
El muerto ruge en la sabana.
El muerto alienta en las salinas,
va en andas entre el pueblo
que lo planta sobre el arca de las colinas
y lo arma de un language afiebrado.
Saint-George gime en silencio
como un niño.⁵⁴*

e se desfaz nas palmeiras.
Há uma voz de morte ímpia.

Eu toco a testa desse morto
e ninguém me responde.
Em que onda seu sangue se dissolveu?
Em que galeão afundado,
Em que golpe do vento?
Eu toco todas as portas de Saint-George
e ninguém sabe como me responder.
Em que nuvem do trópico
bate a memória desse homem?
Saint-George flutua em silêncio
como se ele soubesse o crime de antemão.
Eu toquei os olhos dos pescadores.
Ninguém soube me dizer.
Bati na porta de uma igreja
crivada e vazia.
Eu toquei os lábios de uma sempre viva
e adivinhei o mistério. [tradução livre]

⁵⁴ O morto não está morto.
O morto ruge na savana.
O morto encoraja nas salinas,
caminha entre o povo
que ele planta sobre a arca das colinas
e ele arma com uma linguagem febril.
Saint-George geme em silêncio
como uma criança. [tradução livre]

Enfim descobre a verdade. O morto, na realidade, não está morto, mas está presente na savana, nas salinas, entre o povo, nas colinas e o morto também faz Saint-George gemer em silêncio. Como o próprio nome do poema se refere, o morto é Maurice Bishop, advogado e político granadino que durante seu mandato manteve relações com Cuba e URSS, e que por fim foi executado como preso político.

De forma análoga, o morto pode ser tanto Maurice Bishop, quanto todos os homens e mulheres escravizados mortos pela ideologia imperialista, silenciados tanto fisicamente, mas principalmente ideologicamente. Homens e mulheres que, em prol do lucro das metrópoles, tiveram suas identidades, raízes, culturas, religiões silenciadas pelo jugo europeu. Quem poderá deter o morto? Nancy responde:

*Ni los marines, ni el Pentágono,
ni los banqueros de Manhattan,
ni los despachos de la prensa,
ni los rockets del dólar,
ni los gobernadores de palo,
ni los mensajes diplomáticos,
ni las argucias de la CIA
impieden que este muerto
acuda con afán a sus deberes y a su cita.
Los constructores lo acompañan.*

*El muerto no está muerto
sino que habla junto al limo y junto al arrecife
a las islas del Sur.
Ay, Mar Caribe, he visto
sangre de negro bullendo en las calderas,
sangre emanando de sus pulmones negros
y las prisiones abarrotándose de lágrimas
y los cerros en pie sus puños levantando.
Otra vez sangre y sangre derramada.
Un alcastraz pasa volando.
¡Qué llanto y qué soledad,
qué soledad y qué llanto!⁵⁵*

⁵⁵ Nem os fuzileiros, nem o Pentágono,
nem os banqueiros de Manhattan,
nem os despachos da imprensa,
nem os disparos do dólar,
nem os governadores de pau,
nem os mensageiros diplomáticos,
nem os truques da CIA
impedem que este morto
Vá com entusiasmo para seus deveres e seus compromissos.
Os construtores o acompanham.

O morto não está morto
mas fala ao lado do lodo e ao lado do recife
das ilhas do sul.

Ninguém poderá detê-lo. Os fuzileiros, o Pentágono, os banqueiros, a imprensa, o dólar, a CIA, os diplomatas, ninguém poderá detê-lo de seu renascimento identitário, mesmo que a escravidão, a colonização e a atual colonialidade do poder querem, quando não apagar, mas transformar as identidades dos ex-colonizados.

Obviamente que com os processos históricos a identidade de uma ex-colônia nunca voltará a ser “original, pura”, mas diversificada. Porém, o que se busca através de movimentos como o da Negritude, é a conscientização de ambas as partes, colonizador e colonizado, sobre os males causados pela colonização, principalmente quanto à identidade dos povos.

De acordo com o pensamento de Quijano e outros tantos estudiosos latino-americanos, a modernidade trata-se de uma grande mentira eurocêntrica, surgida no período colonial. Mas, como manifestação do pensamento colonial aqui produzido, nascem algumas alternativas à presunção da Europa. Enrique Dussel (2005), estudioso do pensamento latino-americano, propõe a transmodernidade como uma alternativa ao conhecimento eurocentrado.

Os objetivos primeiros da colonização e da escravidão têm propósitos essenciais capitalistas, por esse motivo o capital teve significado inicial através do nascimento da América. Para Aníbal Quijano (2005, p. 126)

Na América a escravidão foi deliberadamente estabelecida e organizada como mercadoria para produzir mercadorias para o mercado mundial e, desse modo, para servir aos propósitos e necessidades do capitalismo. Do mesmo modo, a servidão imposta aos índios, inclusive a redefinição das instituições da reciprocidade, para servir os mesmos fins, isto é, para produzir mercadorias para o mercado mundial. E enfim, a produção mercantil independente foi estabelecida e expandida para os mesmos propósitos.

O segundo maior mito europeu, que fica atrás somente da ideia de raça, foi a perspectiva evolucionista da sociedade global. Segundo esse pensamento, é um processo natural às sociedades primitivas, leia-se as (ex) colônias, “evoluírem”, para as

Oh, Mar do Caribe, tenho visto
sangue de preto fervendo nas caldeiras,
sangue emanando de seus pulmões pretos
e as prisões enchendo-se de lágrimas
e as colinas de pé levantando seus punhos.
Novamente sangue e sangue foram derramados.
Um alcatraz passa voando.
Que choro e que solidão
que solidão e que choro! [tradução livre]

sociedades modernas, leia-se Europa. Neste raciocínio, a Europa sempre será superior às (ex) colônias, por estar em um nível a mais, trazendo drásticas consequências ao indivíduo ex-colonizado.

Conforme o mito do evolucionismo europeu, o fim de toda colônia é a nação colonizadora, por meio desse discurso muitas metrópoles foram construídas com as riquezas advindas da colonização. Tudo que era proferido pelo colonizador era prontamente acatado pelo colonizado, afinal de contas intentava-se alcançar o progresso na colônia. Para Quijano (2005, p. 127),

Esse resultado da história do poder colonial teve duas implicações decisivas. A primeira é óbvia: todos aqueles povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas. A segunda é, talvez, menos óbvia, mas não é menos decisiva: sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava o despojo de seu lugar na história da produção cultural da humanidade. [...] Em outras palavras, o padrão de poder baseado na colonialidade implicava também um padrão cognitivo, uma nova perspectiva de conhecimento dentro da qual o não-europeu era o passado e desse modo inferior, sempre primitivo.

Outro elemento que contribuiu decisivamente para a efetivação da hegemonia ideológica europeia foi o corpo. Conforme essa concepção, o ser humano é dual, ou seja, possui alma e corpo, alguns ligados mais à alma, outros ao corpo. A alma estaria ligada ao intelecto humano, ao conhecimento, à razão; o corpo por sua vez um mero objeto.

Em mais uma das “brilhantes dualidades” eurocêntricas (corpo e não-corpo) os índios, negros e mestiços foram tachados como ligados unicamente ao corpo, como se fossem objetos, selvagens, sem nenhuma capacidade intelectual, e os europeus ligados à mente, ou seja, mais um mito para legitimar a dominação imperialista.

O corpo negro também é um objeto de resistência aos estereótipos imperialistas, veja um exemplo no poema *El Tambor* (2001, p. 112):

*Mi cuerpo convoca la llama.
Mi cuerpo convoca los humos.
Mi cuerpo en el desastre
como un pájaro blando.
Mi cuerpo como islãs.
Mi cuerpo junto a las catedrales.
Mi cuerpo en el coral.
Aires los de mi bruma.
Fuego sobre mis aguas.
Aguas irreversibles
en los azules de la tierra.*

*Mi cuerpo en plenilúnio.
Mi cuerpo como las codornices.
Mi cuerpo en una pluma.
Mi cuerpo al sacrificio.
Mi cuerpo en la penumbra.
Mi cuerpo en claridade.
Mi cuerpo ingrávido en la luz
vuestra, libre, en el arco.*⁵⁶

O poema acima citado nos alude a uma canção de resistência, onde o corpo é a principal arma de combate. Azevedo (2018), professora doutora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em artigo publicado na revista do Instituto de Estudos Brasileiros, diz o seguinte sobre o corpo negro:

No universo da cultura negra, a memória do corpo-música e a da música-corpo são indissociáveis, dependentes uma da outro, complementando-se, interpenetrando-se e reelaborando a “África” na sua dimensão rítmica, na palavra oral sacralizada, nas devoções religiosas aos ancestrais, na arte visual e comunicativa. (p. 47)

A Europa investiu tanto em seu projeto imperialista que assumiu a função de um espelho que distorcia toda e qualquer imagem que refletia. A colonização, de forma inegável, dominou não apenas os territórios, mas de maneira mais intensa, o saber e a produção intelectual. De acordo com Quijano (2005, p. 135),

o processo de independência dos Estados na América Latina sem a descolonização da sociedade não pôde ser, não foi, um processo em direção ao desenvolvimento dos Estados-nação modernos, mas uma rearticulação da colonialidade do poder sobre novas bases institucionais.

⁵⁶ Meu corpo convoca a chama.
Meu corpo convoca as fumaças.
Meu corpo em desastre
como um pássaro brando.
Meu corpo como ilhas.
Meu corpo junto as catedrais.
Meu corpo no coral.
Ares aqueles da minha neblina.
Fogo sobre minhas águas.
Águas irreversíveis
nos azuis da terra.
Meu corpo na lua cheia.
Meu corpo como as codornas.
Meu corpo em uma pluma.
Meu corpo ao sacrificio.
Meu corpo na escuridão.
Meu corpo na claridade.
Meu corpo sem peso na luz
vossa, livre, no arco [tradução livre].

Ou seja, a independência dos E.U.A. não passou de uma nova face da colonização. A dominação territorial já estava insustentável, as colônias cresciam cada vez mais, homens e mulheres escravizados fugiam abundantemente para quilombos⁵⁷. Era a hora de uma nova estratégia, dessa vez mais eficaz, já que eram as mentes que passaram a ser dominadas.

No próximo tópico abordaremos mais profundamente a descolonização das mentes como resposta a colonialidade do poder.

3.3 Descolonização das mentes

O movimento da Negritude, muito discutido no capítulo segundo desta dissertação, surge como um pensamento liminar que objetiva a descolonização das mentes e o empoderamento, por parte dos povos marginalizados, de suas identidades, culturas, e saberes. Também tem por objetivo despertar os privilegiados sobre seu papel para promover a igualdade social.

No poema *Mitologías* (2001, p. 24), Nancy retrata poeticamente a construção de um povo através do discurso imperialista:

*Furias del huracán acostumbrado,
vientos misteriosos golpeando el arrecife,
palos de muerte y de coral
inundaron las bahías de la Isla
y se tragaron el aire de Camilo.*

*Sus pulmones fueron hélices negras
que naufragaron en un soplo,
desde donde las turbonadas de la misericórdia
están girando,
como troncos de manigua varados,
enjaulados
en una eterna comandancia boreal.
Las chalupas y las bocas jadeantes
navegan por los mares
y Camilo perdido.*

*Habrà lluvias de octubre en su sombrero alón.
Pero, ¿donde encontrar su basba fina,
acorrallada entre esas aguas frías e imprevisibles?
¿Cómo apretar su firme mano
ebria de pensamiento y ebria de acto?
¿Dónde posar sus ojos,*

⁵⁷ De acordo com René Depestre em *Bom dia e adeus à negritude* (1980, p. 2) são “comunidades livres de negros fugitivos” normalmente encontradas em matas.

*aves anidadas del héroe?
Oh Pueblo mío insurrecto,
tú que lo vieras nacer en el discurso
y arder en los vertiginosos ríos de la Invasión:
Para ti derribo madrigueras impías.
Oh Pueblo mío de nubes.
Oh Pueblo suyo el que lo halla
con una flor silvestre,
amable,
deshojable,
lanzada a la intemperie,
sobre este mar de las mitologías.⁵⁸*

Neste poema Nancy traz ao leitor as fases do processo colonial ocorrido nas Américas e Caribe. A primeira estrofe descreve a invasão europeia, cheia de fúria, morte e roubo. Já a segunda estrofe se ocupa em retratar a dominação imposta aos povos colonizados, muitos naufragados e até mesmo mortos durante as viagens nos navios negreiros. Morejón também traz nesta estrofe a referência a Camilo Cienfuegos, um

⁵⁸ Fúrias do furacão acostumado,
ventos misteriosos atingindo o recife,
golpes de morte e coral
inundaram as baías da ilha
e engoliram o ar de Camilo.

Seus pulmões foram hélices negras
que naufragaram em um sopro,
de onde as rajadas de misericórdia
eles estão girando
como troncos de árvores encalhados,
enjaulados
em um eterno comando boreal.
Os barcos e as bocas ofegantes
navegam pelos mares
e Camilo perdido.

Haverá chuvas de outubro em seu grande chapéu.
Mas, onde encontrar sua barba fina?
encurrallada entre essas águas frias e imprevisíveis?
Como apertar sua mão firme
embriagada de pensamento e embriagada de ato?
Onde colocar seus olhos
Pássaros aninhados do herói?
Ó meu povo insurreto,
você que o viu nascer no discurso
e queimar nos rios vertiginosos da invasão:
Para você, eu derrubo as tocas ímpias.
Oh meu povo de nuvens.
Oh povo seu que acha
com uma flor silvestre,
amável,
sem folhas,
jogados à intempérie,
neste mar de mitologias [tradução livre].

revolucionário cubano que ao lado de Che Guevara e Fidel Castro lutaram na Guerra da Libertação Nacional. Cienfuegos desapareceu misteriosamente, o que também é citado no poema.

Porém, é na última estrofe que temos o chamamento para o despertar da ex-colônia, para acordar o povo para o grande mar de mitologias em que se afundaram. A hora é de combate, de resistência, mas é necessário cautela com os falsos discursos de contracultura que estão abarrotados de influências colonialistas, que bebem nas fontes das grandes metrópoles. São discursos de assimilados que nada contribuem para as mudanças se efetivarem.

Nancy Morejón expressa em sua obra o próprio Movimento da Negritude. Um olhar para o passado em busca de mudanças no presente. Para Zilá Bernd (1988, p. 53),

... a Negritude como tomada de consciência propiciou a emergência de um discurso literário negro que se transformou no lugar por excelência da manifestação do *eu-que-ser-quer-negro*. [...] Como o mito, a literatura negra também nasce da ruptura que se cria entre o homem e o mundo, originando-se do esforço de superar essa fragmentação. Ao recordar o que foi esquecido, ela recupera o mundo perdido.

Um dos mais eficazes meios de descolonizar as mentes chama-se Literatura. Alguns teóricos insistem no discurso colonial de classificá-la em alta e baixa literatura, mas é inegável o fato de que para pensar de forma livre é essencial a criticidade e se a literatura proporciona o pensamento questionador, ela descoloniza as mentes. Nesta perspectiva, o papel do escritor deve ser o de despertador da consciência humana, entretanto, esse meio de informação não atinge a todos, infelizmente. Para Galeano (1990, p. 4)

Acender consciências, revelar a realidade: pode a literatura reivindicar melhor função nestes tempos e nestas terras nossas? A cultura do sistema, cultura dos sucedâneos da vida, mascara a realidade e anestesia a consciência. Mas, o que pode um escritor, por mais que brilhe seu foguinho, contra a engrenagem ideológica da mentira e do conformismo?

A América Latina, mais do que nunca está conscientizando-se sobre o seu papel nas configurações sociais, tanto no passado, quanto no presente. Uma consciência não apenas sobre a história, mas principalmente identitária, contribuindo para a descolonização das mentes dos ex-colonizados e dos ex-colonos.

Nancy Morejón em *Instante* (2001, p. 212) reflete sobre a consciência identitária dos povos ex-colonizados:

Instante

*Ayer, ella no comprendió las matemáticas
pero leyó con gusto una historia de África
donde contaban cosas
de tráfico y galeones.
Hoy, él fundó una novena para jugar pelota
y dono sangre en el hospitalito provincial.
Ella corrió toda una pista
y él fue a comprar almejas deliciosas
en un mercado.
Él soñaba con índias lavando todas a la orilla del río.
Ella fue a la nevera
y, con un placer casi prohibido,
devoró las almejas que él había conseguido
en el mercado.
Son las cuatro y diez de la tarde.
Ambos están mirando el mismo lente
y han compartido la misma esperanza.⁵⁹*

Instante reflete sobre o nosso atual momento histórico, um período em que as identidades encontram-se líquidas e incertas. O passado começa a ser questionado e a verdadeira História conhecida. A esperança começa enfim a brilhar ante nossos olhos.

Em *Madrigal para cimarrones* (2001, p. 136), Morejón descreve um momento de fuga:

Madrigal para cimarrones

La cabeza y las manos colgadas, llameantes,

⁵⁹ Instante

Ontem, ela não entendeu matemática
mas leu com prazer uma história da África
onde contavam coisas
de tráfico e galeões.
Hoje, ele fundou uma novena para jogar bola
e doou sangue no hospital provincial.
Ela correu uma pista inteira
e ele foi comprar mariscos deliciosos
em um mercado.
Ele sonhava com índias lavando nas margens do rio.
Ela foi para a geladeira
e, com prazer quase proibido,
devorou os mariscos que ele tinha conseguido
no mercado.
São quatro e dez da tarde.
Ambos estão olhando para a mesma visão
e compartilham a mesma esperança. [tradução livre]

*burlando el rastro del Perseguidor.
Los cuerpos sudorosos se lanzan a la manigua
Húmeda.
Qué beza tan dura tienen sus corazones.
Sobre sus machetes, como sobre ramales,
Aniban palomas y jutías,
y el tempo de sol,
y el tempo de luna,
y el tempo de la voluntad
haciéndolos renacer como a niños,
como a dulces niños de una libertad ya conquistada.* ⁶⁰

Madrigal é um gênero musical que titula o poema acima, como uma música em louvor aos homens e mulheres que fugiram para os quilombos em busca de uma liberdade digna para um ser humano.

Precisamos acordar e tirar o sono de nossos ex-colonizadores que insistem em nos dominar. Devemos resgatar o nosso passado, conhecer nossa história não como objetos, mas sujeitos pensantes. Somos sujeitos híbridos com culturas híbridas. Somos latino-americanos.

⁶⁰ Madrigal para quilombolas

A cabeça e as mãos penduradas, flamejantes
zombando do rastro do Perseguidor.
Os corpos suados se lançam na selva
úmida.

Que beleza tão dura tem seus corações.
Sobre seus facões, como sobre ramais,
aninham pombos e jutias,
e o tempo de sol
e o tempo de lua
e o tempo da vontade
fazendo-os renascer como crianças,
como doces filhos de uma liberdade já conquistada. [tradução livre]

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tempo é breve, ardente é o desafio, enorme a tarefa: para um escritor latino - americano engajado na causa da transformação social, a produção de livros faz parte de uma frente de trabalho múltipla. Não concordamos com a sacralização da literatura como instituição congelada da cultura burguesa. Eduardo Galeano⁶¹

Compreender alguns mitos inventados pela Europa colonizadora são de extrema importância para a efetivação da descolonização das mentes. O mito da raça, do evolucionismo europeu, do corpo e do não-corpo, revelam não apenas as estratégias imperialistas, mas revelam nossa identidade no sistema mundial moderno.

Os poemas escritos por Nancy Morejón contribuem para denunciar e desconstruir as imagens construídas pela colonização, pelo patriarcalismo e pelo racismo. Colabora com a descolonização das mentes, proporcionando criticidade ao leitor. Assim, mais que uma escritora, Morejón é uma construtora da história memorial e cultural perdida pelos cubanos no período colonial.

Os escritores e escritoras latino-americanos têm o papel decisivo na transformação social que permeia o globo, por isso, atualmente há um engajamento de inúmeros intelectuais em dar visibilidade a essa região do mundo, seja através de músicas, da literatura, e produções artísticas e intelectuais em geral. Intenta-se mostrar a diversidade aqui encontrada, além, é claro, de trazer à tona novas maneiras de pensar, de conceber a história colonial.

Escritores da atualidade estão cada vez mais engajados em promover uma espécie de descolonização cultural na mente dos próprios ex-colonizados. Apesar de os processos coloniais na América se diferirem, todos os países aqui localizados vivenciaram a colonização, a escravidão e governos ditatoriais, por conseguinte, essas facetas históricas uniram os países em uma única denominação: América Latina, que mais do que geográfico é um conceito cultural. São nações que compartilham histórias de opressão, de dominação, de movimentos diaspóricos e de marginalidade.

O Movimento da Negritude surge nesse contexto de resistência, propondo um discurso totalmente novo, sem dependência epistêmica, política ou cultural da Europa e dos Estados Unidos da América. Seus idealizadores mais notáveis, Césaire e Senghor,

⁶¹ GALEANO, Eduardo. *A descoberta da América* (que ainda não houve) . 2ed. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1990. p.7 - 45. Série Síntese Universitária.

seguiram caminhos diferentes, fato esse que fragmentou o movimento, mas não o enfraqueceu.

Em nossa atualidade o Movimento da Negritude é retomado por muitos autores, artista e intelectuais na América Latina e no Caribe, como uma forma de despertar as mentes colonizadas e como uma maneira de re-enraizar as identidades marginais.

Morejón escreve sobre Cuba, Caribe e América Latina, escreve sobre os seres marginalizados socialmente, mas principalmente escreve sobre o passado histórico que tanto atormenta as relações pessoais e as identidades atuais.

Os poemas de Nancy evocam os ancestrais escravizados, põem em exibição as memórias coloniais silenciadas. São poemas não apenas de resistência, mas poemas que denunciam um passado antes encoberto por ilusões como o “descobrimento” da América.

Enfim, a Negritude está ao nosso redor, quando uma garota negra decide aceitar seu cabelo natural, quando a população negra reconhece sua própria cor, e mais do que reconhecer, têm orgulho de ser negro e no momento em que se admite que o belo não é apenas o branco, mas o negro, o mestiço e o índio também.

A colonização e a descolonização, mais do que nunca, merecem a atenção da academia, pois assim irá efetivamente descolonizar as mentes por meio da crítica às narrativas modernas dicotômicas.

Para a realização desta pesquisa foi necessário um recorte dos poemas de Nancy, mas a sua escrita abrange ensaios, resenhas e tantos outros diversos poemas. Existem inúmeros caminhos a serem seguidos para a visibilidade dessa escritora e de sua produção poética. As manifestações culturais da marginalidade são, por si só, de resistência, e Nancy não é exceção.

Outros temas que podem ser trabalhados a partir da obra de Morejón são: a condição feminina no período escravagista e atual, a contribuição do socialismo para o agravamento da condição marginal cubana, a condição masculina negra, entre tantos outros.

Por fim, deixo o convite: meditemos sobre as “verdades” que nos cercam. Não só as que nos são apresentadas nos livros, mas aquelas às quais somos expostos no dia-a-dia. Vida e arte, ficção e história são meras construções humanas. Sejamos cientes.

REFERÊNCIAS

ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Trad.: Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

ALMEIDA, Júlia & PATROCÍNIO, Paulo R.T. do (Orgs). *Estudos culturais: legado e apropriações*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

AZEVEDO, Amailton Magno. *Samba: um ritmo negro de resistência*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, v. 70, p. 44-58-58, 2018.

BARZOTTO, Leoné Astride. *Interfaces culturais: The ventriloquist's tale & Macunaíma*. Dourados: Ed. UFGD, 2011.

BERND, Zilá. Americanidade e Americanização. IN: FIGUEIREDO, Eurídice.(org). *Conceitos de Literatura e Cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005.

BERND, Zilá. *O que é negritude*. Coleção 209, Primeiros Passos. SP: Editora Brasiliense, 1988.

CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. Trad.: Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão, tradução prefácio à 2. Ed. Gênese. 4. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. *Racismos contemporâneos*. RJ: Takano Editora, v.49, p. 49-58, 2003.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre a Negritude*. Trad.: Ana Maria Gini Madeira. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Trad.: Anísio Garcez Homem. Editora Letras Contemporâneas, 2010.

CÉSAIRE, Aimé. *Cahier d'un retour au pays natal/ Diário de um retorno ao país natal*. Trad.: Lilian Pestre de Almeida. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

DEPESTRE, René. *Bom dia e adeus à Negritude*. Trad: Maria Nazareth Fonseca. Paris, Robert Laffont, 1980.

ESCOSTEGUY, Jorge. *Cuba hoje: 20 anos de revolução*. São Paulo: Alfa-Omega, 1979.

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Trad.: Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FARAH, Ivonne & GIL, Maurício. Modernidades alternativas: una discusión desde Bolivia. IN: *Fronteiras abertas da América Latina: diálogo na ALAS*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2012.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010.

GADEA, Carlos A. *Negritude e pós-africanidade: críticas das relações raciais contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2013.

GALEANO, Eduardo. *A descoberta da América (que ainda não houve)*. 2ed. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1990. p.7 - 45. Série Síntese Universitária.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad.: Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representações da UNESCO no Brasil, 2003.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. RJ: Lamparina, 2015.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Trad.: Ricardo Cruz. RJ: Imago Ed. 1991.

JEAN, Franco. *Historia de la literatura hispanoamericana*. Trad.: Carlos Pujol. Barcelona: Editorial Ariel, 1997.

JOHNSON, Guilherme. *A quimera democrática na América Latina: o Brasil sob o império*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2013.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e subalternos. In: *A colonialidade do saber. Eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Edgard Lander (org.) Buenos Aires: CLACSO, 2005.

LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: De Rousseau à Internet*. Org. Jovita Maria Gerheim Noronha. Editora UFMG, 2008.

MARTÍ, José. *Nossa América*. Trad.: Maria Angélica de Almeida Triber. SP: HUCITEC, 1983.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/projetos globais: Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad.: Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MICHAELIS: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998-(Dicionários Michaelis). 2259p.

MOORE, Carlos. Negro sou, negro ficarei. In: CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre a negritude*. Trad.: Ana Maria Gini Madeira. Belo Horizonte: Nandyala, 2010. pp. 7-38.

MOSCOVICI, Serge. *Representações Sociais: investigação em psicologia social*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOREJÓN, Nancy. *Black woman and other poems/Mujer negra y otros poemas*. Trad.: Jean Andrews. Mango Publishing. London: UK, 2001.

NASCIMENTO, Washington Santos. *Contornos das identidades angolanas: o “crioulo”, o “assimilado” e o “angolano” na segunda metade do século XX (1945-1975)*. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História- ANPUH. São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Francisco de. *Fronteiras invisíveis*. In: *Oito visões da América Latina*. Org.: Aداuto Novaes. SP: Editora SENAC São Paulo, 2006.

PÉTRÉ-GRENOUILLEAU, Olivier. *A história da escravidão*. Trad.: Mariana Echalar. SP: Boitempo, 2009.

QUIJANO, Aníbal. *Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina*. Estudos Avançados 19 (55), 2005.

QUIJANO, Aníbal. *Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina*. In: *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SADER, Emir. *Século XX, uma biografia não-autorizada: o século do imperialismo*. Ed: Fundação Perseu Abramo. 2000.

SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Entre Próspero e Caliban*. Colonialismo, Pós-colonialismo e interidentidade. *Novos Estudos CEBRAP*, nº 66, Julho 2003, p. 24-29

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad.: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WALTER, Roland. (Trans)cultura e tradução. In: *Cultura e tradução: interfaces entre teoria e prática*. Liane Schneider e Ana Cristina Marinho Lúcio (orgs.). João Pessoa: Ideia, 2010.

WALSH, Catherine. *Interculturalidad, Estado, Sociedad: Luchas (de)coloniales de nuestra época*. Universidad Andina Simón Bolívar, Ediciones Abya-Yala, Quito, 2009.

AIMÉ Césaire: sua poesia, sua crítica ao colonialismo. <http://www.suplementopernambuco.com.br/artigos/2082-aim%C3%A9-c%C3%A9saire-sua-poesia,-sua-cr%C3%ADtica-ao-colonialismo.html>. Acesso em: 22 de maio de 2018, às 09:59.

A origem do conceito de empoderamento, a palavra da vez.
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/06/A-origem-do-conceito-de-empoderamento-a-palavra-da-vez> Acesso em: 12 de dezembro de 2018, às 10:25.

EDUARDO Galeano/ Sangue Latino.
<https://www.youtube.com/watch?v=47aFAIDierM>. Acesso em: 15 de maio de 2018 às 11: 42 min.

EDUARDO Galeano: OS pecados do Haiti.
<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Internacional/Os-pecados-do-Haiti/6/15273>
.Publicado em: 19 de janeiro de 2010. Acesso em: 11 de julho de 2018, às 10:25.